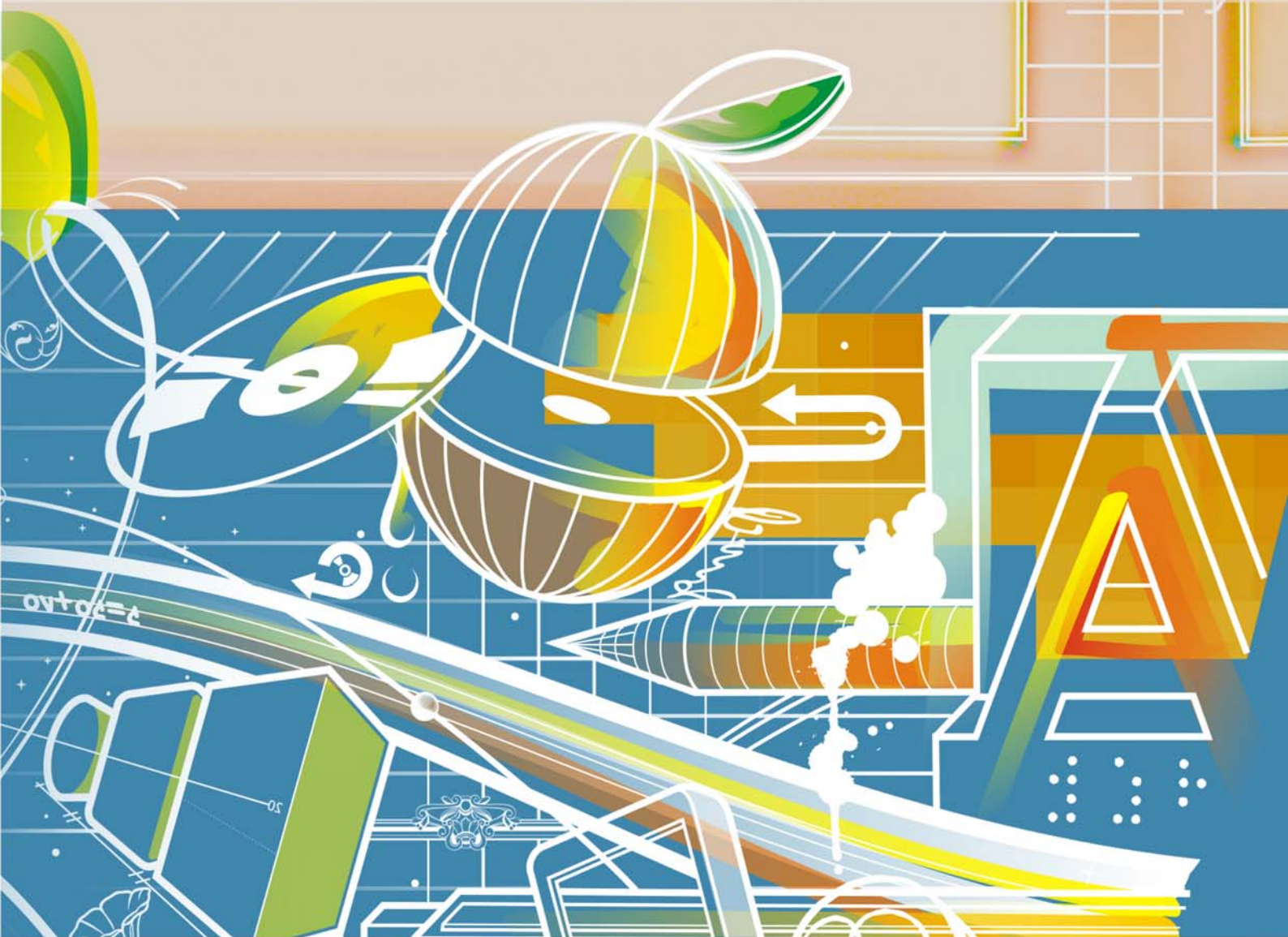


Você vai à Faculdade
& a Faculdade vai até *você*



Linguagens e Produção de Texto

Módulo Impresso

LINGUAGENS E PRODUÇÃO DE TEXTO

IMES

Instituto Mantenedor de Ensino Superior Metropolitano S/C Ltda.

William Oliveira

Presidente

MATERIAL DIDÁTICO

Produção Acadêmica

Paulo César da Silva Gonçalves | Autor

Paulo César da Silva Gonçalves | Revisão e Ampliação

Produção Técnica

Paula Rios | Revisão de Texto

Equipe

Ana Carolina Paschoal, Andréa Argôlo, Andrei Bittencourt, Augusto Sansão, Aurélio Corujeira, Fernando Fonseca, João Jacomel, João Paulo Neto, José Cupertino, Júlia Centurião, Lorena Porto Serôes, Luís Alberto Bacelar, Paulo Vinicius Figueiredo, Roberto Ribeiro, Paulo Vinicius Figueiredo e Roberto Ribeiro.

Imagens

Corbis/Image100/Imagemsource

© 2010 by IMES

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, tampouco poderá ser utilizado qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, do Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia S/C Ltda.

2010

Direitos exclusivos cedidos ao Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia S/C Ltda.

www.ftc.br

www.faculdadedacidade.edu.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
1 BLOCO TEMÁTICO 01- LINGUAGENS, TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS.....	5
1.1 TEMA 01 - LINGUAGEM E TEXTO	5
1.1.1 Conteúdo 1 - Linguagens suas Diversidades e Comunicação.....	5
1.1.2 Conteúdo 2 - Vocabulário: Adequação e Contextualização.....	18
1.1.3 Conteúdo 3 - Preliminares do Texto	27
1.1.4 Conteúdo 4 – O Texto e suas Propriedades	35
1.2 TEMA 02 - TIPOLOGIA E GÊNERO TEXTUAL.....	39
1.2.1 Conteúdo 5 – O Texto Narrativo e o Descritivo.....	39
1.2.2 Conteúdo 6 – O Texto Dissertativo	48
1.2.3 Conteúdo 7 – O Gênero Textual.....	61
1.2.4 Conteúdo 8 – Exemplos de Gênero Textual e Exercícios.....	76
2 BLOCO TEMÁTICO 02 - CONEXÃO E SENTIDO TEXTUAL.....	89
2.1 TEMA 03 - A COESÃO TEXTUAL – OS CONECTIVOS	89
2.1.1 Conteúdo 9 – Conceito e Tipos de Coesão Textual.....	89
2.1.2 Conteúdo 10 – O Pronome Demonstrativo Conforme sua Posição e Emprego no Texto.....	95
2.1.3 Conteúdo 11 – O Pronome Relativo na Ligação dos Períodos.....	103
2.1.4 Conteúdo 12 – A Conjunção na Ligação dos Períodos	111
2.2 TEMA 04 – A COERÊNCIA TEXTUAL - A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	120
2.2.1 Conteúdo 13 – Conceito e Tipos de Coerência Textual.....	120
2.2.2 Conteúdo 14 – Pontuação: A Vírgula.....	128
2.2.3 Conteúdo 15 – Qualidades de um Texto.....	139
2.2.4 Conteúdo 16 – Defeitos de um Texto	145
3 REFERÊNCIAS.....	151

APRESENTAÇÃO

Caro Aluno e Cara Aluna,

Tudo bem com vocês?

Na formação escolar, ao longo dos nossos estudos em linguagens, sem dúvida, a leitura foi imprescindível para a compreensão e, conseqüentemente, a interpretação de diversos tipos de linguagens e textos que nos cercam. Porém deixo claro que a leitura a qual me refiro é a de mundo, pois como bem disse Paulo Freire: “A leitura de mundo precede a leitura da Palavra”. Tudo isso seria ínfimo diante de todas as conquistas sociais que tiveram as linguagens e os textos como porta-vozes.

O objetivo precípua desta disciplina é a produção de textos orais e escritos com unidade, atentando-se aos diversos contextos sociocomunicativos, bem como a produção de textos articulados e com proficiência verbal. Para isso, estudaremos aspectos de nossa língua, a exemplo da coesão textual, como também daremos bastante ênfase à semântica textual, ou seja, à coerência entre as partes dos textos.

Tenho certeza de que nos daremos muito bem. O meu desejo é que você, com a metodologia aplicada e os recursos da disciplina digital, possa adquirir autonomia para melhor desenvolver os seus estudos. Para que isso aconteça, é indispensável o conhecimento do Plano de Aprendizagem para que você tome conhecimento das particularidades do curso. Também será necessário o acesso às ferramentas oferecidas no Ambiente Virtual de Aprendizagem, o AVA, como por exemplo o Fórum, local onde estará sempre disponível um texto para análise e discussão. Há também o Chat, ambiente direto de conversação comigo, em horário pré-determinado para você interagir, tirar dúvidas ou sugerir alguma atividade. Outro material importante é o Web disponível também no ambiente virtual. Mais alternativas de estudo também serão disponibilizadas; por isso não deixe de acessar o AVA.

Enfim, esse Componente Curricular será uma ferramenta fundamental para continuação de sua formação enquanto graduando, pois lhe proporcionará, como já foi dito, mais embasamento para melhor compreender através das diversas linguagens e textos o mundo que o cerca.

Atenciosamente,

Prof. Paulo César da Silva Gonçalves

1 BLOCO TEMÁTICO 01- LINGUAGENS, TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS

1.1 TEMA 01 - LINGUAGEM E TEXTO

1.1.1 CONTEÚDO 1 - LINGUAGENS SUAS DIVERSIDADES E COMUNICAÇÃO

Tomemos como parâmetro para o início de nossos estudos sobre Linguagens o conceito apresentado por Cunha, (1985, p. 1). Segundo o gramático, Linguagem “é um instrumento complexo de processos – resultado de certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego de uma LÍNGUA qualquer”. Nessa perspectiva: a fala, os gestos, o desenho, a pintura, a dança, o código Morse, a música, os sinais de trânsito, o código Braille, os sinais dos surdos-mudos, os filmes, entre outros são exemplos de linguagens e têm como objetivo primordial a comunicação entre os indivíduos.

A partir dos exemplos de linguagens apresentados, percebe-se que a linguagem escrita não é a única para a comunicação se estabelecer. Daí a classificação em Linguagem Verbal e Linguagem Não Verbal, as quais serão trazidas para estudo neste momento a partir de vários textos. Vejamos.

TEXTO 1

Santa Clara, padroeira da televisão

Santa clara, padroeira da televisão
 Que o menino de olho esperto saiba ver tudo
 Entender certo o sinal certo se perto do encoberto
 Falar certo desse perto e do distante porto aberto
 Mas calar
 Saber lançar-se num claro instante
 Santa clara, padroeira da televisão
 Que a televisão não seja o inferno, interno, ermo
 Um ver no excesso o eterno quase nada (quase nada)
 Que a televisão não seja sempre vista
 Como a montra condenada, a fenestra sinistra
 Mas tomada pelo que ela é
 De poesia
 [...]

(CAETANO VELOSO. CD CIRCULADO, 1992.)

Na leitura da canção acima, Caetano Veloso, o autor, fala sobre a televisão, um dos mais importantes meios de comunicação contemporâneos, que transmite mensagens, sobretudo através das imagens eletrônicas. Ele não a vê de forma totalmente negativa, como a “montra [vitrine] condenada”, “fenestra [janela] sinistra”; o “inferno” ou o “ermo”. Ele acredita que ela contém mais do

que um “quase nada”, considera, na verdade, que ela contém uma boa dose de “poesia”. E acha que é preciso “entender certo o sinal certo” da televisão, que fala ao mesmo tempo do “perto” e do “distante”. Para isso invoca Santa Clara, numa espécie de oração poética. Mas o mais importante é que o autor reconhece que esse veículo é transmissor de um tipo específico de linguagem, e por isso dedica-lhe uma canção. (FERREIRA; PELLEGRINI, 1999, p. 33)

TEXTO 2

Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro plano de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos jasmims e grandes campânulas roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de ouro nas pontas das asas.

Mas logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, e pássaros azuis tão rápidos e certos que seria impossível deixar de fixá-los, para dar alegria aos olhos dos que jamais os viram ou verão.

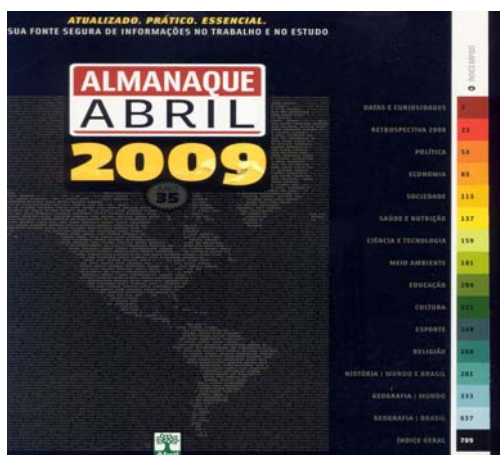
E que faria eu, pintor, dos inúmeros pardais que pousam nesses muros e nesses telhados, e aí conversam, namoram-se, amam-se, e dizem adeus, cada um com seu destino, entre a floresta e os jardins, o vento e a névoa?

Mas por detrás estão as velhas casas, pequenas e tortas, pintadas de cores vivas, como desenhos infantis, com seus varais carregados de toalhas de mesa, saias floridas, panos vermelhos e amarelos, combinados harmoniosamente pela lavadeira que ali os colocou. Se eu fosse pintor, como poderia perder esse arranjo, tão simples e natural, e ao mesmo tempo de tão admirável efeito? [...]

(CECÍLIA MEIRELES. ILUSÕES DO MUNDO. RIO DE JANEIRO:NOVO AGUILAR, 1976. 9. 17-8)

No texto 2, a poeta Cecília Meireles usa as palavras para pintar um quadro. Usa-as como se fossem um pincel, com o qual vai desenhando uma paisagem que vê, na realidade ou na imaginação. Ela “pinta” flores coloridas, borboletas, pássaros alegres, vento, de tranquila delicadeza. Ela escreve como se pintasse e assim mistura dois códigos, o verbal e o imagético. (FERREIRA & PELLEGRINI, 1999, p. 34)

TEXTO 3



FONTE:<[HTTP://WWW.LOCRIO.ORG](http://www.locrio.org)>

Na propaganda acima, temos a junção da linguagem verbal e da visual. Ambas se combinam formando um “texto” maior, que pode ser interpretado. A colagem de fotografias com temas diferentes aponta para a diversidade dos assuntos que podem ser encontrados. Usam-se cores fortes e atraentes. Os textos verbais trazem dados numéricos que referendam o alcance do almanaque. O resultado tem grande força de apelo ao consumo do que está sendo anunciado, e é com isso que trabalha a propaganda. (FERREIRA; PELLEGRINI, 1999, p. 34)

Na comunicação diária, utilizamo-nos de meios que dispensam o uso da palavra. Nossos gestos e olhares são prova disso. A maneira como nos vestimos e até como nos portamos em vários ambientes que frequentamos também comunica, a quem nos observa, preferências e modo de vida.

Há, portanto, uma mistura natural de linguagens no nosso cotidiano: usamos a linguagem verbal juntamente com outras linguagens não verbais, como forma de estabelecer comunicação.

Existem, por exemplo, nas artes, vários meios de expressão que dispensam o uso da palavra: a fotografia, a mímica, a pintura, a escultura, a dança. Cada um deles tem o código expressivo próprio: a pintura usa linhas e cores; a música usa sons; a escultura usa formas e volumes; o cinema usa luz e movimento etc.



O BEIJO, 1882, ESCULTURA EM BRONZE DE AUGUSTE RODIN.

FONTE:<[HTTP://DIGITOSCRITOS.ZIP.NET](http://digitoscritos.zip.net)>

No entanto, a palavra é capaz de traduzir, analisar e criticar qualquer uma dessas linguagens (como fez Cecília Meireles, traduzindo pintura com palavras) e é um dos mais poderosos instrumentos, que constitui aquilo a que chamamos de cultura.

Hoje convivemos mais intensamente com a linguagem verbal. O cinema, a televisão, os computadores, a fotografia, os veículos publicitários têm encontrado, nesse tipo de linguagem, um instrumento de comunicação extremamente eficaz, devido, sobretudo, à velocidade com que transmite mensagens. (FERREIRA; PELLEGRINI, 1999, p. 34)

Depois dessa belíssima contribuição das autoras: Ferreira e Pellegrini, percebemos quão é importante entendermos e percebermos que a linguagem apresenta-se de várias formas e que o verbal e o não verbal, às vezes, se unem para dar maior amplitude no entendimento dos diversos formatos de textos apresentados com o objetivo de tornar comum a linguagem e, conseqüentemente nos ajudar na comunicação.



DICA

Assista ao filme Fahrenheit 451 e imagine uma sociedade sem livros.



FONTE: <HTTP://CACHE.IO9.COM.>

Comunicação e o Processo de Comunicação

A palavra "comunicação" se origina do latim, *communis*, *communicare*, que significa "comum", "pôr em comum". Portanto, a essência da palavra está associada à ideia de convivência, de comunidade, de relação de grupo e de sociedade.

A necessidade de se comunicar é intrínseca ao homem, que vive em permanente interação com a realidade que o cerca e com os outros seres humanos, dividindo sua visão de mundo e trocando experiências por meio de um sistema organizado por sinais: a linguagem.

Disponível em: <<http://jorgeluizead.blogspot.com>>. Acessado em: 06 abr. 2010.

A Comunicação é entendida como a transmissão de estímulos e respostas provocados, através de um sistema completo ou parcialmente compartilhado. É todo o processo de transmissão e de troca de mensagens entre seres humanos.

Disponível em: <<http://www.salves.com.br>> Acessado em: 06 abr. 2010.

Para se estabelecer comunicação, tem de ocorrer um conjunto de elementos constituídos por: um emissor (destinador), que produz e emite uma determinada mensagem, dirigida a um receptor (destinatário). Mas para que a comunicação se processe efetivamente entre estes dois elementos, a mensagem deve ser realmente recebida e decodificada pelo receptor, por isso é necessário que ambos estejam dentro do mesmo contexto (ambos devem conhecer os referentes situacionais), precisam utilizar um mesmo código (conjunto estruturado de signos) e estabelecerem um efetivo contato através de um canal de comunicação. Se qualquer um destes elementos ou fatores falhar, ocorre uma situação de ruído na comunicação, entendido como todo o fenômeno que perturba de alguma forma a transmissão da mensagem e a sua perfeita recepção ou decodificação por parte do receptor.

Disponível em: < <http://www.salves.com.br> > Acessado em: 06 abr. 2010.

Vejamos um exemplo para ilustrar um Ruído na Comunicação!

NÃO FOMOS APRESENTADOS

Algumas semanas antes do impeachment de Collor, 92, o vereador João Pedro (PC do B), subiu à tribuna da Câmara Municipal de Manaus para atacar o então presidente. Exaltado, João Pedro defendia a renúncia imediata de Collor ou sua cassação pelo Congresso Nacional.

No meio do discurso, a vereadora Lurdes Lopes (PFL), pediu um aparte ao colega e foi logo dizendo:



João Pedro não perdoou o erro da parlamentar:



Sem perceber que o parlamentar se referia ao dicionário Aurélio, Lurdes passou a berrar, muito contrariada, provocando gargalhadas:



(FOLHA DE S. PAULO, 11 JAN. 2000.P.1-4)

Perceberam o que pode acontecer quando um dos elementos da comunicação não é bem empregado pelo emissor do texto, ou quando o receptor não se atenta para a mensagem.

Funções da linguagem e intenção comunicativa

Segundo Medeiros (1988, p, 26.), “A linguagem desempenha várias funções, e é do predomínio de um dos elementos da comunicação (emissor, canal receptor, código, mensagem, referente) que decorrem das várias funções.” Tomando como base essa perspectiva, veremos as diversas intenções comunicativas a partir das funções da linguagem.

Vejamos a seguir as Funções da Linguagem.

FUNÇÃO EXPRESSIVA OU EMOTIVA

Está centrada no emissor da mensagem; exprime a atitude dele em relação ao conteúdo. A linguagem é subjetiva, há exploração de figuras semânticas, criações literárias. Revela, sobretudo, a personalidade do emissor. O emissor preocupa-se em exteriorizar emoções e atitudes interiores sem se preocupar com quem recebe a mensagem. Há abundância da primeira pessoa, de exclamações, de interjeições, diminutivos afetivos. É a função que está presente principalmente nas poesias líricas, em textos memorialistas, em autobiografias. (MEDEIROS 1988, p, 26.)

Vejamos um exemplo:

PROIBIDA PRA MIM

Charlie Brown Jr.

**Ela achou meu cabelo engraçado
Proibida para mim, no way!
Disse que não podia ficar,
Mas levou a sério o que eu falei
Eu vou fazer de tudo que eu puder
Eu vou roubar essa mulher para mim
Eu posso te ligar a qualquer hora
Mas eu nem sei o seu nome
Se não é eu quem vai fazer você feliz?
Eu me flagrei pensando em você
Em tudo que eu queria te dizer
Em uma noite especialmente boa
Não há nada mais que a gente possa fazer...**

Observem que no exemplo a partir da música de Charlie Brown Jr. O eu lírico expressa-se a si mesmo, ou seja, está centrado na primeira pessoa do discurso.

FUNÇÃO CONATIVA

É a função que se orienta para o destinatário, constituindo o receptor como o centro de interesse da mensagem. O conteúdo tem destino preestabelecido, deduzindo-se, portanto, daí a necessidade de prender a atenção do receptor. Exemplos característicos dessa linguagem são encontrados em sermões, homilias, discursos políticos, ordens, recomendações. As manifestações gramaticais mais evidentes são os vocativos e os imperativos. (MEDEIROS 1988, p, 26, 27.)

Observem o exemplo:



FONTE: [HTTP://3.BP.BLOGSPOT.COM](http://3.bp.blogspot.com).

O exemplo acima, valeu-se da função conativa ou apelativa ao trazer o verbo no imperativo, a saber: “Então venha pôr em prática toda sua imaginação”. Além disso, a linguagem não verbal tem o objetivo de persuadir o leitor a frequentar o estabelecimento.

FUNÇÃO REFERENCIAL

Centrada no referente, valoriza fundamentalmente o que se informa. Daí sua precisão e objetividade linguística, sua preocupação com as construções denotativas, com tudo o que for objeto de referência. O noticiário jornalístico, as cartas comerciais, as publicações técnicas utilizam especialmente esta função da linguagem. (MEDEIROS 1988, p,27.)

Vejam um exemplo dessa função:

vidas
4/12/99

- Índice
- Pesquisa
- Comentário
- Forum
- Inquérito
- Assinatura
- Sobre o Expresso...

FUTURO

Ciência

O regresso a Marte

A TENSÃO está ao rubro, depois da perda há 10 semanas da Climate Orbiter, uma nave idêntica à Mars Polar Lander que, se tudo correr bem, deverá ter aterrado ontem no Planeta Vermelho. A sonda foi destruída devido a um erro de cálculo dos controladores da missão, instalados no Laboratório de Propulsão a Jacto, da Agência Espacial Norte-Americana (NASA), em Pasadena, na Califórnia, que confundiram as medições do sistema imperial com as do sistema métrico e corrigiram mal os desvios na rota da Climate Orbiter. Na sequência deste desaire foram contratados 30 engenheiros para reforçar a equipa existente, numa tentativa de garantir o sucesso da missão. No entanto, o clima que se vive no centro de controlo é de grande apreensão.

O exemplo acima, ratifica o objetivo da função referencial ou denotativa que é transmitir a mensagem da realidade, sendo assim está centrada no contexto. Outro aspecto importante é a abordagem do texto em terceira pessoa, além de apresentar uma linguagem clara e objetiva.

FUNÇÃO FÁTICA

Está centrada no contato físico ou psicológico. Tudo o que numa mensagem serve para estabelecer, manter ou cortar o contato correspondente a esta função, que apenas aproxima receptor e emissor. É a função necessária para testar o canal, prolongar um papo, interromper uma conversa ou telefonema, terminar uma discussão ou diálogo. (MEDEIROS 1988, p,27.)

Observem o exemplo:



No exemplo acima, a função fática está bastante latente, pois a chamada dessa emissora, ou seja, o “PLIM PLIM” dá ao receptor o sinal do início ou do final de um programa; dessa forma o canal de comunicação está sendo testado. Essa função é comum nas conversas de rua, nas quais os interlocutores não disponibilizam muito tempo para os discursos e são percebidas mensagens que mais parecem monólogos.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

É aquela que está centrada no código; serve para dar explicações ou precisar o código utilizado pelo emissor. É a linguagem que explica outra linguagem. Tem por objetivo a própria língua. Exemplo: os verbetes de dicionários, a crítica literária, uma poesia que fala da criação literária, uma peça teatral abordando o próprio teatro, um filme que trata de como fazer um filme. (MEDEIROS 1988, p,28.)

Prestem atenção ao exemplo abaixo:

Profissão de Fé

(...)

Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor

Com ele, em ouro, o alto relevo

Faz de uma flor.

Imito-o E, pois, nem de Carrara

A pedra firo: O alvo cristal, a pedra rara O Ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel a pena, como em prata firme
Corre o cinzel.
(...)
Torce, aprimora, alteia, lima

Os fragmentos da poesia apresentados acima são do saudoso Olavo Bilac, poeta parnasiano brasileiro. Neles, percebesse que a poesia fala de sua própria criação literária, de como ela foi produzida, a dificuldade de achar a palavra adequada para convencer o leitor da importância dela.

FUNÇÃO POÉTICA

É aquela que se preocupa sobretudo com a linguagem, ritmo, sonoridade; isto é, explora as possibilidades estruturais da língua; a estrutura das mensagens sobrepuja em importância o conteúdo das informações que ela veicula. Daí a criação de uma nova linguagem, a busca de atualização das potencialidades estruturais da língua. Há, às vezes, violação e transgressão intencional da norma-padrão, mas ruptura da norma, e não do código. A intenção é produzir um texto que emocione, que fuja ao terra-terra da linguagem denotativa. (MEDEIROS 1988, p,28-29.)

Vejam abaixo o poema:

A SERRA DO ROLA MOÇA

MÁRIO DE ANDRADE

A Serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não...

Eles eram do outro lado,
Vieram na vila casar.

E atravessaram a serra,
O noivo com a noiva dele
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite
Se lembraram de voltar.
Disseram adeus pra todos
E se puserem de novo
Pelos atalhos da serra
Cada qual no seu cavalo.

Os dois estavam felizes,
Na altura tudo era paz.
Pelos caminhos estreitos
Ele na frente, ela atrás.
E riam. Como eles riam!
Riam até sem razão.

A Serra do Rola-Moça

Não tinha esse nome não.

As tribos rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá embaixo nos socavões,
Temendo a noite que vinha.

As tribos rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá embaixo nos socavões,
Temendo a noite que vinha.

Porém os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo,
E riam. Como eles riam!
E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos,
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam,
Buscando o despenhadeiro.

Ali, Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.
Nem o baque se escutou.
Faz um silêncio de morte,
Na altura tudo era paz ...
Chicoteado o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro
O noivo se despenhou.

E a Serra do Rola-Moça
Rola-Moça se chamou.

A poesia de Mário de Andrade é um exemplo da função poética, percebe-se nela que o autor não está preocupado com o referente e sim com a forma de apresentação da poesia, também com o trabalho com as palavras. Enfim, a forma sobrepõe-se ao conteúdo.

EXERCÍCIOS

ADAPTAÇÕES DO ENADE - 2008

1 - A foto a seguir, da americana Margaret Bourke-White (1904-74), apresenta desempregados na fila de alimentos durante a Grande Depressão, que se iniciou em 1929. Além da preocupação com a perfeita composição, a artista, nessa foto, revela:



STRICKLAND, CAROL; BOSWELL, JOHN. ARTE COMENTADA: DA PRÉ-HISTÓRIA AO PÓS-MODERNO. RIO DE JANEIRO: EDIOURO [S.D.].

- (A) A capacidade de organização do operariado.
- (B) A esperança de um futuro melhor para negros.
- (C) A possibilidade de ascensão social universal.
- (D) As contradições da sociedade capitalista.
- (E) O consumismo de determinadas classes sociais.

2 - A poluição em ambientes aquáticos pode ser evidenciada com a utilização de uma linhagem transgênica do peixe paulistinha (*Danio rerio*). Essa linhagem apresenta um gene da luciferase, originário de uma água-viva, que é ativado em resposta a determinados poluentes. Em situação experimental, o peixe vivo muda de cor na presença do poluente e depois, ao ser colocado em água limpa, volta à coloração original e pode ser reutilizado inúmeras vezes.

CARVAN, M. J. et al. *Transgenic zebrafish as sentinels for aquatic pollution*. In: *Annals of the New York Academy of Sciences*, 919133-47, 2000 (com adaptações).

Com relação ao fenômeno descrito no texto, é correto afirmar que a mudança na coloração do peixe.

- (A) Decorre de alterações em moléculas de RNA que não chegam a afetar os genes do animal.
- (B) É um fenômeno que ocorre com frequência em animais transgênicos, mesmo que estes não tenham o gene da luciferase.
- (C) Decorre da ação de genes constitutivos que são ativados por fatores ambientais.
- (D) É um exemplo de como fatores ambientais podem regular o funcionamento de um gene.
- (E) É o resultado de eventos mutacionais, como quebras cromossômicas ou alterações gênicas.

3 - Para a interpretação do conjunto de informações do folheto de divulgação abaixo, que utiliza tecnologias diversificadas ao explorar texto visual e verbal, é necessário considerar que:



FONTE: [HTTP://4.BP.BLOGSPOT.COM/](http://4.bp.blogspot.com/)

- (A) O uso de dois códigos ilustra uma representação fiel de mundo que constitui o significado dos signos verbais e visuais.
- (B) O interlocutor que não domine o código linguístico não recebe informações suficientes para compreender as informações visuais.
- (C) A comunicação plena nesse gênero textual depende da estruturação prévia de significados não-ambíguos em diferentes códigos.
- (D) O uso adequado de signos verbais e visuais permite que se elimine um dos códigos porque as informações são fornecidas pelo outro.
- (E) A coerência do texto se constrói na integração das informações constituídas em linguagem verbal e em linguagem visual.

1.1.2 CONTEÚDO 2 - VOCABULÁRIO: ADEQUAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Vocabulário é um grupo de palavras conhecidas por um indivíduo ou qualquer outra entidade, concreta (um grupo definido de pessoas, por exemplo) ou abstrata (como um grupo profissional ou social, uma língua, um dialeto).

O vocabulário próprio de uma pessoa é definido como o conjunto de palavras que cada pessoa é capaz de compreender ou, então, o conjunto de palavras que uma pessoa é capaz de utilizar na formação de novas frases. A palavra "betão" faz parte do vocabulários de quase todos os portugueses, contudo só alguns brasileiros sabem que esta palavra tem o mesmo significado que "concreto", apesar de brasileiros e portugueses falarem a mesma língua. Contudo, mesmo compreendendo o vocábulo, raramente o utilizarão. Poderemos, portanto, considerar que a palavra betão faz parte do vocabulário de uma minoria de brasileiros que conhece a palavra.

A riqueza do vocabulário individual é, geralmente, considerada como um reflexo do nível de educação de uma pessoa e da sua inteligência em vários níveis, por isso, muitos testes de inteligência utilizam questões relacionadas com o vocabulário do testando.

O aumento de vocabulário é uma meta educativa consagrada nos programas escolares e nos objetivos de muitas pessoas que seguem diversos métodos para o conseguir. Enquanto que algumas pessoas preferem aumentar o seu vocabulário através da leitura de todo o gênero de livros (o que é, geralmente, considerado o melhor método, já que a pessoa fica igualmente ciente do contexto em que as palavras são usadas), outros preferem formas mais lúdicas, como testes do tipo "enriqueça o seu vocabulário"; outros, ainda, têm gosto em consultar, aleatoriamente, dicionários e enciclopédias; existem serviços que divulgam "uma palavra por dia" ("word-a-day", em inglês), enviada por mail ou em agendas eletrónicas...

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em: 07 abr. 2010.

A escolha do vocabulário, é sem dúvida, um dos passos primordiais para a construção do texto. Não basta apenas escolhê-lo, mas também observar se ele será bem empregado no contexto ao qual o produtor de texto irá utilizá-lo. Ledo engano do produtor ou falante que pensa ser o vocábulo rebuscado o melhor para a produção textual. O ideal é empregar palavras simples, mas objetivas e inteligíveis.

Diversas empresas utilizam em processos seletivos provas de fluência verbal, nelas são observados diversos aspectos, como por exemplo, a quantidade de palavras utilizadas por minuto de uma determinada classe de palavra. Além desse tipo de provas, nas entrevistas são observados o emprego dos vocábulos em relação ao seu contexto. Dessa forma ratifica-se a escolha e o emprego do vocabulário adequado nas produções.

O vocabulário varia de acordo com o estilo empregado pelo produtor do texto, ele pode ser próprio do escritor, ou de acordo com o público receptor. Nessa perspectiva, vejamos o que Medeiros, (1988, p, 74-75), diz sobre o assunto:

Estilo vem do latim, stilus, que era uma haste pontiaguda, como um estilete usado para escrever. Por metonímia passou a designar a forma de escrever própria de um escritor e, por extensão, o conjunto de meios de expressão utilizados com fins lucrativos.

Definire-se estilo como a forma de escrever própria de um escritor, a forma de exprimir o pensamento por meio da linguagem. Daí exigir que o escritor escolha entre as possibilidades de expressão que existem na língua. Portanto, decorre da vontade do escritor, do seu impulso emotivo e do seu propósito de suggestionar o receptor.

Ressalte-se aqui a importância das palavras dentro do seu campo de atuação, pois elas têm particularidades dos seres que designam: há uma cadeia de palavras mais utilizadas pelas crianças, outras pelas mulheres, outra pelos homens, ou seja, a palavra varia conforme a situação.

Vejamos a seguir exemplos de diferentes estilos a partir da obra do escritor Paulo Mendes Campos.

OS DIFERENTES ESTILOS

“... Narra-se aqui, em diversas modalidades de estilo, um fato comum da vida carioca, a saber: o corpo de um homem de quarenta anos presumíveis é encontrado de madrugada pelo vigia de uma construção, à margem da Lagoa Rodrigo de Freitas, não existindo sinais de morte violenta.”

ESTILO INTERJETIVO – Um cadáver! Encontrado em plena madrugada! Em pleno bairro de Ipanema! Coitado! Um homem desconhecido! Menos de quarenta anos! Um que morreu quando a cidade acordava! Que pena!

ESTILO COLORIDO – Na hora cor de rosa da aurora, à margem da cinzenta Lagoa Rodrigo de Freitas, um vigia de cor preta encontrou um cadáver de um homem branco, cabelos louros, olhos azuis, trajando uma calça amarela, casaco pardo, sapato marrom, gravata branca com bolinhas azuis. Para este o destino foi negro.

ESTILO ANTIMUNICIPALISTA – Quando mais um dia de sofrimento e desmandos nasceu para esta cidade tão mal governada, nas margens imundas, esburacadas e fétidas da Lagoa Rodrigo de Freitas, e em cujos arredores falta água há vários meses, sem falar nas frequentes mortandades de peixes já famosas, o vigia de uma construção (já permitiram, por debaixo de pano, a ignominiosa elevação de gabarito em Ipanema) encontrou o cadáver de um desgraçado morador dessa cidade sem policiamento. Como não podia deixar de ser, o corpo ficou ali entregue às moscas que pulam naquele perigoso foco de epidemias. Até quando?

ESTILO REACIONÁRIO – Os moradores da Lagoa Rodrigo de Freitas tiveram na manhã de hoje o profundo desagrado de deparar com o cadáver de um vagabundo que foi logo escolher para morrer (de bêbado) um dos bairros mais elegantes desta cidade, como se já não bastasse para enfeiar aquele local uma sórdida favela que nos envergonha aos olhos dos americanos que nos visitam ou que nos dão a honra de residir no Rio.

ESTILO ENTÃO – Então um vigia de uma construção em Ipanema, não tendo sono saiu para um passeio de madrugada. Encontrou então o cadáver de um homem. Resolveu então procurar um guarda. Então o guarda veio e tomou então as providências necessárias. Ai então eu resolvi te contar isso.

ESTILO ÁULICO – À sobremesa, alguém falou ao Presidente, que na manhã de hoje o cadáver de um homem havia sido encontrado na Lagoa Rodrigo de Freitas. O presidente exigiu imediatamente que um dos seus auxiliares telegrafasse em seu nome à família enlutada. Como lhe informassem que a vítima ainda não fora identificada, Sua Excelência, com o seu estimulante bom humor, alegrou os presentes com uma das suas apreciadas blagues.

ESTILO COMPLEXO DE ÉDIPO – Onde andará a mãezinha do homem encontrado morto na Lagoa Rodrigo de Freitas? Ela que amamentou, ela que o embalou em seus braços carinhosos?

ESTILO PRECIOSISTA – No crepúsculo matutino de hoje, quando fugia solitária e longínqua a Estrela D'alva, o atalaia de uma construção civil, que perambulava insone pela orla sinuosa e murmurante de uma lagoa serena, deparou com a atra e lúrida visão de um ignoto e gélido ser humano, já eternamente sem o austro que o vivifica.

ESTILO NELSON RODRIGUES – Usava gravata de bolinhas azuis e morreu!

ESTILO SEM JEITO – Eu queria ter o dom da palavra, o gênio de um Ruy ou o estro de um Castro Alves, para descrever o que se passou na manhã de hoje. Mas não sei escrever, porque nem todas as pessoas que têm sentimento são capazes de expressar esse sentimento. Mas eu gostaria de deixar ainda que sem brilho literário, tudo aquilo que senti. Não sei se cabe a palavra sensibilidade. Talvez não caiba. Talvez seja tragédia. Não sei escrever, mas o leitor poderá perfeitamente imaginar o que foi isso. Triste, muito triste. Ah, se eu soubesse escrever.

ESTILO FEMININO – Imagine você, Tutsi que ontem que eu fui ao Sacha's, legalíssimo, e dormir tarde. Com o Toni. Pois logo hoje, minha filha, que eu estava exausta e tinha hora marcada no cabeleireiro e, estava querendo dar uma passada na costureira, acho mesmo que vou fazer aquele plissadinho, como o da Teresa, o Roberto resolveu me telefonar quando eu estava no melhor do sono. Mas o que era mesmo que eu queria te contar? Ah, menina, quando eu olhei da janela vi uma coisa horrível, um homem morto lá na beira da Lagoa. Estou tão nervosa! Logo eu que tenho horror de gente morta!

ESTILO DIDÁTICO – Podemos encarar a morte do desconhecido encontrado morto à margem da Lagoa em três aspectos: a) policial; b) humano; c) teológico. Policial: o homem em sociedade; humano: o homem em si mesmo; teológico: o homem em Deus. Polícia em homem: fenômeno; alma a Deus: epifenômeno. Muito simples como os senhores veem.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Para gostas de ler**, vol. IV. São Paulo: Ed Ática, 1979.

Vimos que a escolha do vocabulário adequado é imprescindível para todo e qualquer texto.

Ortoépia e Prosódia

A ortoépia ou ortoépia trata da emissão correta dos sons da palavra, segundo as normas da língua culta. (PASCHOALIN; SPADOTO, 1997, p, 331.)

Paschoalin; Sapadoto (1997), ressaltam que se deve pronunciar claramente as consoantes sem acréscimo nem falta delas. Também, deve-se atentar-se à pronúncia das vogais sem o acréscimo de fonemas, como também respeitar os grupos vocálicos e os timbres das vogais. Para que essa explicação fique mais clara, observem os exemplos abaixo:

Leia as palavras abaixo, observando a pronúncia.

Abóbada - e não abóboda	Destilar - e não distilar
Aleijar - pronuncie o i	Digladiar - e não degladiar
Advogado - o d é mudo	Dignitário - e não dignatário
Absoluto - o b é mudo	Disenteria - e não desinteria
Absurdo - o b é mudo	Eu estouro - com o o fechado
Aterrissar - som de sssss	Estupro - e não estrupo
Arrabalde - e não arrebalde	Estuprar - e não estrupar
Aborígine - e não aborígene	Empecilho - e não impecilho
Babadouro - lugar para babar	Engajamento - e não enganamento
Bebedouro - lugar para beber	Eletricista - e não eletrecista
Bandeja - sem i	Frustrar - e não frustrar
Beneficente - sem i	Hilaridade - e não hilariedade
Beneficência - sem i	Homogeneidade - e não homogeniedade
Bueiro - e não boeiro	Inigualável - e não inegalável
Bicarbonato - e não bicabornato	Intitular - e não entitular
Caderneta - e não cardeneta	Irrequieto - e não irriquieto
Cabeçalho - com lh	Jaboticaba - e não jaboticaba
Cabeleireiro - dois ii	Lagarto - e não largato
Caranguejo - sem i	Lagartixa - e não largatixa
Cataclismo - e não cataclisma	Manteigueira - e não mantegueira
Chimpanzé - e não chipanzé	Mendigo - e não mendingo

Cinquenta - e não cincoenta	Meritíssimo - e não meretíssimo
Cuspir - e não guspir	Meteorologia - e não metereologia
Cuspe - e não guspe	Mortadela - e não mortandela
Pexote - e não pixote	Reivindicar - e não reinvidicar
Pirulito - e não pirolito	Reincidência - e não reicindência
Pousa - com o o fechado	Retrógrado - e não retrógado
Pneu - e não pineu ou peneu	Eu roubo - com o o fechado
Prazeroso - sem i	Salsicha - e não salchicha
Prazerosamente - sem i	Superstição - e não supertição
Privilégio - e não previlégio	Signatário - e não signitário
Problema - e não pobrema	Surripiar - e não surrupiar
Próprio - e não próprio	Terraplenagem - e não terraplanagem
Propriedade - e não propiedade	Trouxe com som de sssss
Prostração - e não prostação	Prostrar - e não prostar
Recorde - sílaba tônica é cor	

Leia as palavras abaixo, observando a pronúncia.

aguentar	Exíguo	quingentésimo
Ambigüidade	exiguidade	Qüinqüênio
Apaziguar	Ungüento	Qüiproqué
Argüição	Conseqüência	Tranqüilo
Bilíngüe	Delinqüir	Qüinquagésimo
contiguidade	equidistante	

Não se pronuncia o U das seguintes palavras:

distinguir	Aqueduto
extinguir	Equitação
Exangue	Extorquir
Adquirir	Questão

É facultativo pronunciar o U das seguintes palavras:

acervo	Efebo	almejo	Adrede
defeso	ginete	Apedreja	alameda
Escaravelho	interesse	Boceja	espelha
amuleto	eu fecho	bofete	tu fechas
Vespa	festejo	caminhonete	ele fecha
em que pese...	cerebelo		

O "O" das seguintes palavras deve ser pronunciado aberto:

canoro	Fornos
coldre	Forros
dolo	Suor
Inodoro	tocos
Probo	tropo

O "O" das seguintes palavras deve ser pronunciado fechado:

algoz	Alcova
Bodas	Crosta
Chope	Poça
Desporto	Teor
Filantropo	torpe

Pronuncia-se o X como Z nas seguintes palavras:

Exagero	Exasperar	Exaurir	Exógeno
Exalar	Executar	Exegese	Exuberante
Exame	Inexorável	Exilar	Exótico
Exangue	exequível	Exímio	Exumar

Pronuncia-se o X como S nas seguintes palavras:

auxílio	Máximo	Sintaxe	Trouxe
---------	--------	---------	--------

Pronuncia-se o X como KS nas seguintes palavras:

Anexo	fluxo	Ortodoxo
Axila	índex	Prolixo
complexo	Léxico	Paradoxo
convexo	Nexo	Sexagenário
Fixo	Ônix	Praxe

Pronuncia-se o X como KS ou S nas seguintes palavras:

Apoplexia	Axioma	Defluxo
-----------	--------	---------

Muda-se o timbre da vogal tônica - de fechado para aberto - na pluralização das seguintes palavras:

As palavras já serão colocadas no plural, portanto, a sílaba tônica delas deve ser pronunciada aberta – ó -.

Apostos	Destroços	Jogos	ovos	reforços
Caroços	Esforços	Miolos	poços	Rogos
Chocos	Fogos	Mornos	porcos	tijolos
Corcovos	Fornos	Mortos	portos	Tortos
Cornos	Fossos	Novos	postos	Trocós
Coros	Grosso	Olhos	povos	Troços
despojo	Impostos	ossos	rebordos	socorros

Já a Prosódia, Paschoalin; Spadoto (1997), ressalta que, a pronúncia deve ser observada em relação à posição da sílaba tônica da palavra, levando em consideração a norma culta da língua; quando isso não acontece, ocorre um fenômeno denominado de silabada, ou seja, a pronúncia do vocábulo com a sílaba tônica inadequada. Observe abaixo a pronúncia adequada de diversos vocábulos.

Pronuncie de forma tônica (forte) a última sílaba das seguintes palavras:

OXÍTONAS			
cateter (tér)	Harém	obus (bús)	sutil (tíl)
condor (dôr)	masseter (tér)	recém	ureter (tér)
Gibraltar (tár)	mister(tér)	Refém	hangar (gár)
Nobel (bél)	ruim (ím)		

Pronuncie de forma tônica (forte) a penúltima sílaba das seguintes palavras:

PAROXÍTONAS				
acórdão (cór)	Bênção (bên)	filatelia (lí-a)	onagro (ná)	fluido (úi)
âmbar (âm)	cânnon (câ)	grácil (grã)	ônix (ô)	fortuito (úi)
Ambrósia (sí-a)	caracteres (té)	ibero (bé)	opimo (pí)	gratuito (úi)
avaro (vâ)	cartomancia (cí-a)	inaudito (dí)	pudico (dí)	circuito (úi)
aziago (zi-á)	Ciclope (cló)	látex (lá)	pegada (gá)	intuito (úi)
Algaravia (ví-a)	cível (cí)	libido (bí)	quiromancia (cí-a)	juniores (ô)
austero (té)	Decano (câ)	luzidio (dí)	recorde (cór)	seniores (ô)
azimute (mú)	efebo (fê)	Maquinaria (rí-a)	rubrica (brí)	barbárie (bá)
erudito (dí)	maquinário (ná)	clímax (clí)	batavo (tá)	estalido (lí)
misanthropo (trô)	xérox (xé)	boêmia (ê)	filantropo (trô)	néon (né)
têxtil (têx)				

Pronuncie de forma tônica (forte) a antepenúltima sílaba das seguintes palavras:

PROPÁROXÍTONAS				
ádvena	Antífrase	brâmane	espécimen	Notívago
aerólito	Ariete	bímano	êxodo	Ômega
Ágape	amálgama	bígamo	epíteto	Protótipo
Álacre	aeródromo	Bólido	fac-símile	périplo
alcoólatra	arquétipo	catástrofe	Gárrulo	Revérbero
álibi	Ávido	chávena	alvíssaras	Azáfama
cérbero	Íngreme	Zênite	Âmagô	crisântemo ínterim
anátema	Bátega	espécime	lêvedo	

PALAVRAS DE DUPLA PROSÓDIA: com dupla pronúncia

hieroglifo ou hieróglifo	acrobata ou acróbata
ortoepia ou ortoépia	Oceania ou Oceânia
projétil ou projétel	soror ou sóror
reptil ou réptil	zangão ou zângão

1.1.3 CONTEÚDO 3 - PRELIMINARES DO TEXTO

Ao produzirmos textos nos preparamos para sua verbalização. Antes dessa etapa é imprescindível o conhecimento do provável público leitor desses enunciados. Para que tudo isso se efetive, deveremos ter conhecimento de alguns preliminares do texto, a exemplo da FRASE, DA ORAÇÃO, DO PERÍODO E DO PARÁGRAFO. Eles são fundamentais para a organização do nosso pensamento e conseqüentemente de nossa produção textual. Veremos a seguir o que diz Garcia (1996,) acerca desses assuntos:

Frase é todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação. Pode expressar um juízo, indicar uma oração, estado, fenômeno, transmitir um apelo, uma ordem ou exteriorizar emoções. Seu arcabouço linguístico encerra normalmente um mínimo de dois termos – o sujeito e o predicado – normalmente, mas não obrigatoriamente, pois em Português pelo menos, há como se sabe, orações ou frases sem sujeitos: há muito tempo que não chove (há e chove não tem sujeito).

Oração, às vezes, é sinônimo de frase ou de períodos (simples) quando encerra um pensamento completo e vem limitada por ponto-final, ponto-de-interrogação, de-exclamação e, em certos casos por reticências. O período que contém mais de uma oração é composto. (GARCIA, 1996).

Um vulto cresce na escuridão. Clarissa se encolhe. É Vasco.

(E. Veríssimo. Música ao longe, p. 118)

Nesse trecho há três orações correspondentes a três períodos simples ou a três frases. Cada uma delas encerra um enunciado do expresso num arcabouço linguístico em que entram um sujeito (vulto, claro na primeira, mas oculto na última, é Clarissa) e um predicado (cresce, se encolhe, é Vasco).

O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

A partir desse conceito do professor Othon M. Garcia, veremos alguns exemplos de frase oração, período e parágrafo.

EXEMPLO 1



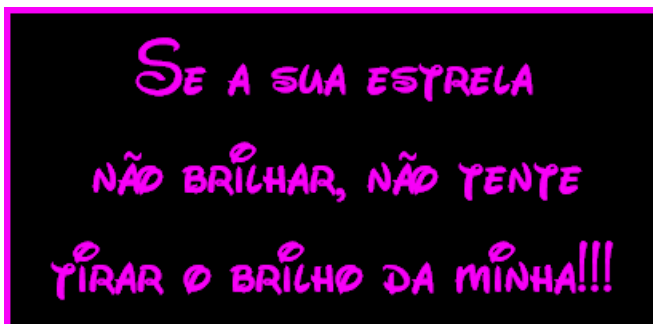
FONTE: [HTTP://3.BP.BLOGSPOT.COM](http://3.bp.blogspot.com).

EXEMPLO 2



FONTE: [HTTP://IMAGES.GOOGLE.COM.BR](http://images.google.com.br).

EXEMPLO 3



FONTE: [HTTP://IMAGES.GOOGLE.COM.BR.](http://images.google.com.br)

Na primeira figura tomemos como exemplo a palavra “PERIGO!”, podemos sim, classificá-la como frase, porque é um enunciado linguístico com sentido e marcado pela entonação do ponto de exclamação. Observem que a extensão do enunciado não é importante, mas sim o seu sentido. Contudo não classificaremos como oração, porque não tem verbo e nem como período, também pela ausência do verbo; e sim como Frase Nominal.

Na segunda figura, a expressão é mais longa, mas também tem como ponto fundamental o sentido. Esse exemplo pode ser classificado como frase, oração e período, ou somente como Frase Verbal, por ter verbo e sentido.

Já o terceiro enunciado, é um exemplo de um Período Composto por dois verbos, observem que as duas frases se completam, o sentido de uma oração é dado pela outra e vice versa, nesses tipos de construções sempre haverá uma oração principal e uma subordinada.

Veremos agora a classificação das frases e a retomada dos conceitos e exemplos de FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO.

Podem ser: interrogativas, imperativas, exclamativas e declarativas.

As frases interrogativas são aquelas em que o emissor da mensagem formula uma pergunta.

Exemplo:

- Você é um dos que se preocupam com a poluição?

As frases são imperativas quando emissor da mensagem dá uma ordem ou faz um pedido.

- Dê-me uma mãozinha!

- Faça-o sair!

Já nas frases exclamativas, o emissor exterioriza um sentimento súbito: demonstra estado afetivo:

- Que dia difícil!

- Surpresa: você veio! Que bom!

As frases declarativas: o emissor constata um fato.

- Ele já chegou.

Quanto à estrutura, as frases que possuem verbo são estruturadas por dois elementos essenciais: sujeito e predicado. São as chamadas frases verbais.

O sujeito é o termo da frase que concorda com o verbo em número e pessoa. É o "ser de quem se declara algo", "o tema do que se vai comunicar".

O predicado é a parte da frase que contém "a informação nova para o ouvinte". Ele se refere ao tema, constituindo a declaração do que se atribui ao sujeito.



IMPORTANTE

1ª Nem toda frase é oração.

Exemplo: que dia bonito!

- Esse enunciado é frase porque tem sentido.
- Esse enunciado não é oração porque não tem verbo.

2ª - Nem toda oração é frase.

Exemplo: Queremos que a justiça impere no Brasil.

- Esse enunciado é formado por dois verbos.
- Para cada verbo tem-se uma oração:

1ª Oração: Queremos

2ª Oração: que a justiça impere no Brasil.

- Cada oração isoladamente não tem sentido.
- Para formar a frase foram necessárias as duas orações.



DICA

Diante das observações fiquem atentos na hora da produção textual, observem o sentido dos textos. Lembrem-se, às vezes, o sentido de uma oração somente aparecerá em outra.

Outra definição para oração, é a frase ou membro de frase que se organiza ao redor de um verbo.

A oração possui sempre um verbo (ou locução verbal), que implica existência de um predicado, ao qual pode ou não estar ligado um sujeito.

Assim, a oração é caracterizada pela presença de um verbo. Dessa forma:

Rua!

Que é uma frase, não é uma oração.

Já em:

“Quero a rosa mais linda que houver, para enfeitar a noite do meu bem.”

Temos uma frase e três orações: as duas últimas orações “para enfeitar a noite de meu bem” não são frases, pois em si mesmas não satisfazem um propósito comunicativo; são, portanto, membros de frase.

Quanto ao período, ele denomina a frase constituída por uma ou mais orações, formando um todo, com sentido completo. O período pode ser simples ou composto.

Período simples é aquele constituído por apenas uma oração, que recebe o nome de oração absoluta.

Exemplos de período simples:

- Chove.**
- A existência é frágil.**

- Os homens sensíveis pedem amor sincero às mulheres de opinião.

- Quero uma linda rosa.

Período composto é aquele constituído por duas ou mais orações:

“Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver.”

Cantei, dancei e depois dormi.

O PARÁGRAFO

A definição de parágrafo apresentada no início dos nossos estudos acerca dos preliminares de texto de Garcia (1996), é denominada PARÁGRAFO-POADRÃO. Vejamos o que dois linguístas consagrados do nosso vernáculo dizem a respeito.

Essa definição, para Terra & Nicola, não se aplica a todo tipo de parágrafo. Segundo os autores, trata-se de um modelo de parágrafo, denominado parágrafo padrão, que, por ser cultivado por bons escritores modernos, poderá ser tomado como modelo. O modelo segue a estrutura abaixo:

Tópico frasal: período que contém a ideia central do parágrafo;

Desenvolvimento: explanação do tópico frasal. Corresponde a uma ampliação do tópico frasal, com apresentação de ideias secundárias que o fundamentam ou esclarecem;

Conclusão: nem sempre presente, especialmente nos parágrafos mais curtos e simples, a conclusão retoma a ideia central, levando em consideração os diversos aspectos selecionados no desenvolvimento.

Vejam a seguir um exemplo baseado no modelo ensinado por Othon M. Garcia.

Chegando ao terceiro milênio, o homem ainda não conseguiu resolver os graves problemas que preocupam a todos, pois existem populações imersas em completa miséria, a paz é interrompida frequentemente por conflitos internacionais e, além do mais, o meio ambiente encontra-se ameaçado por sério desequilíbrio ecológico.

Embora o planeta disponha de riquezas incalculáveis – estas, mal distribuídas, quer entre Estados, quer entre indivíduos – encontramos legiões de famintos em pontos específicos da Terra. Nos países do Terceiro Mundo, sobretudo em certas regiões da África, vemos com tristeza, a falência da solidariedade humana e da colaboração entre as nações.

Além disso, nesta últimas décadas, temos assistido, com certa preocupação, aos conflitos internacionais que se sucedem. Muitos trazem na memória a triste lembrança das guerras do Vietnã e da Coréia, as quais provocaram grande extermínio. Em nossos dias, testemunhamos conflitos na antiga Iugoslávia, em alguns membros da Comunidade dos Estados Independentes, sem falar da Guerra do Golfo, que tanta apreensão nos causou.

Outra preocupação constante é o desequilíbrio ecológico, provocado pela ambição desmedida de alguns, que promovem desmatamentos desordenados e poluem as águas dos rios. Tais atitudes contribuem para que o meio ambiente, em virtude de tantas agressões, acabe por se transformar em local inabitável.

Em virtude dos fatos mencionados, somos levados a acreditar que o homem está muito longe de solucionar os graves problemas que afligem diretamente uma grande parcela da humanidade e indiretamente a qualquer pessoa consciente e solidária. É desejo de todos nós que algo seja feito no sentido de conter essas forças ameaçadoras, para podermos suportar as adversidades e construir um mundo que, por ser justo e pacífico, será mais facilmente habitado pelas gerações vindouras.

Disponível em: <http://www.google.com/notebook/public> . Acessado em: 12 abr. 2010.

Sobre o texto!

Tenho certeza de que vocês perceberam que no primeiro parágrafo é apresentada uma ideia central e logo em seguida três ideias secundárias. Nos três parágrafos subsequentes o autor desenvolve as ideias secundárias respectivamente conforme abaixo;

Idéia central - o homem ainda não conseguiu resolver os graves problemas que preocupam a todos.

- Ideia secundária 1 - legiões de famintos em pontos específicos da Terra;
- Ideia secundária 2 - conflitos internacionais que se sucedem;
- Ideia secundária 3 - desequilíbrio ecológico.

No quinto e último parágrafo tem-se a conclusão de que o produtor do texto retoma todas as ideias apresentadas no primeiro parágrafo e apresenta uma proposta de intervenção para os problemas trazidos para discussão.

Vale ressaltar que esse modelo apresentado de construção textual não é o único, mas quando seguido todos os passos, conforme apresentado acima, é sem dúvida, um método bastante eficaz e aconselhável para as produções textuais vindouras. Veremos a seguir as qualidades de um parágrafo.

AS QUALIDADES DO PARÁGRAFO

Pelo que foi exposto até aqui sobre período e parágrafo, você pode deduzir as qualidades do parágrafo: unidade, coerência, clareza, concisão e correção.

Unidade é qualidade de um texto que tem em vista um objetivo único; que todas as partes interligadas entre si concorram para o mesmo fim, para esclarecer o sentido e completar uma ideia preestabelecida. A unidade requer que as partes que compõem um texto sejam em número restrito para que possa abarcá-las de uma só vez. Essas partes terão afinidades de tal modo, a ponto que seja apreendido facilmente o nexos delas e que expressem uma só impressão.

Todas as partes juntas devem formar um todo indivisível. Para obter a unidade, recomenda-se eliminar os pormenores que em nada concorrem para o objetivo do texto.

Suponha que você tenha que escrever sobre um fato ocorrido com um candidato a governador.

Perder-se com minúcias biográficas ou com acontecimentos da juventude dele, em nada contribuirá para esclarecimento do fato recente.

Obtém-se unidade com a relação de todos os fatos indispensáveis ao esclarecimento do que se vai narrar, descrever, comentar ou dissertar.

Esse é um postulado básico.

O segundo é consequência deste: se elimina o que é desnecessário ou impede que se chegue rapidamente ao desfecho dos acontecimentos. Evitem-se as passagens bruscas de um assunto para outro. Contrapõe-se à unidade o uso de parênteses no meio de um texto, as frases intercaladas, o ajuntamento de ideias díspares em um mesmo parágrafo.

Textos que revelam unidade em geral foram submetidos à prévia e demorada reflexão.

Para se obter a unidade em um texto, procure:

- usar tópico frasal explícito.
- evitar o acúmulo de pormenores.
- dar preferência aos períodos curtos.
- colocar em parágrafos diferentes ideias igualmente relevantes.

- não colocar, em vários parágrafos, ideias que se relacionam com o tópico frasal. Não fragmentar o assunto.

Se você quer ser redundante, basta sobrecarregar a frase de adjetivos, advérbios, sinônimos e repetir palavras.

A frase moderna, no entanto caracteriza-se pela brevidade, com predominância da coordenação.

EXERCÍCIOS

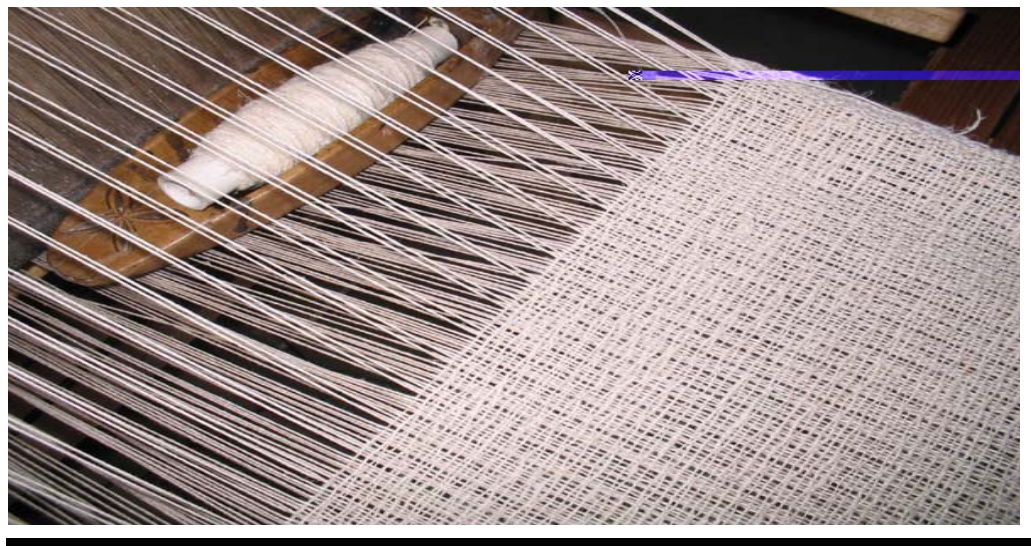
1- Classifique os enunciados abaixo como: frase, oração e período. Lembrem-se, o período pode ser simples ou composto.

- a) “Muito riso, pouco riso”.
- b) Ele quase morreu.
- c) Nada me convence de sua ingenuidade.
- d) Gostaria...
- e) Boa viagem!
- f) Que doçura!
- g) A natureza desabrochava. Flores coloridas entreabriam-se. Pássaros trinavam. Era primavera.
- h) Ele veio me avisar que iríamos sair, então eu me arrumei, mas choveu e por isso acabei ficando em casa.
- i) Num escritório, os funcionários faziam...
- j) Nuvens escuras no céu. Sinal de chuva.
- k) Clarissa abre a janela.
- l) A proposta não era bem esta.
- m) Todas as noites, depois do jantar, eu e minha família assistimos à televisão.

- n) Espero que os homens respeitem a natureza.
- o) Fui lá, olhei tudo, mas não comprei nada.
- p) Preciso estudar gramática, pois cometi muitos erros de concordância.
- q) Neste ano, elegeremos nosso presidente.

1.1.4 CONTEÚDO 4 – O TEXTO E SUAS PROPRIEDADES

Iniciaremos, neste momento, o nosso estudo sobre texto e suas propriedades. Mas, o que é mesmo um texto? Para nos auxiliar nesta questão, analise a figura abaixo.



“A palavra “texto” origina-se do verbo tecer: trata-se de um particípio – o mesmo que tecido. Assim, um texto é um tecido de palavras.” (CAMPEDELLI; SOUZA, 1999, p, 13.)

Espero que a figura acima tenha lhes instigado a pensarem a relação do ato de tecer com o conceito de texto.

Veremos a seguir uma explicação de Maria da Graça Costa Val sobre texto, suas propriedades e, também o cerne de nosso trabalho, a produção do texto escrito.

1. O que é texto.

Para se compreender melhor o fenômeno da produção de textos escritos, importa entender previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, unidade linguística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm a dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, mas sim textos.

Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.

Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Tem papel determinante em sua produção e recepção, uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que seja reconhecido como um emprego normal da língua. São elementos desse processo as peculiaridades de cada ato comunicativo, tais como: as intenções do produtor; o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso; e o espaço de perceptibilidade visual e acústica comum, na comunicação face a face. Desse modo, o que é pertinente numa situação pode não o ser em outra. O contexto sociocultural em que se insere o discurso também constitui elemento condicionante de seu sentido, na produção e na recepção, na medida em que delimita os conhecimentos partilhados pe-

los interlocutores, inclusive quanto às regras sociais da interação sociocomunicativa (certa “etiqueta” sociocomunicativa, que determina a variação de registros, de tom de voz, de postura etc.).

A segunda propriedade básica do texto é o fato de ele constituir uma unidade semântica. Uma ocorrência linguística, para ser texto, precisa ser percebida pelo receptor como um todo significado. A coerência, fator responsável pelo sentido do texto.

Finalmente, o texto se caracteriza por sua unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso.

De acordo com o conceito adotado, um texto será bem compreendido quando avaliado sob três aspectos:

- a) O pragmático, que tem a ver com seu funcionamento, enquanto atuação informacional e comunicativa;
- b) O semântico-conceitual, de que depende sua coerência;
- c) O formal, que diz respeito à sua coesão.

(VAL 1999, p, 3-5.)

2. O que é textualidade.

Chama-se textualidade o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases. Beaugrand e Dressler (1983), apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo. (VAL 1999, p, 3 -5.)

Vimos que de acordo com Val (1999), um enunciado para ser considerado texto deverá ensinar para seu leitor um sentido claro, para que isso se ratifique independente a sua extensão, bem como pode apresentar-se verbal e/ou não verbal. Todavia claro está que todo texto deve nascer de um contexto previamente estabelecido e este deve ser capaz de tornar comum a comunicação entre os interlocutores ou simplesmente o leitor. Dessa forma, veremos os fatores de textualidade para entendermos melhor o processo de construção textual.

Veremos agora os fatores pragmáticos da textualidade estudados por Beaugrande e Dressler (1983). Estudaremos nos temas 03 e 04 a coesão e a coerência textual, respectivamente.

Todo produtor tem uma intenção na produção textual; planeja o texto e o produz na tentativa de satisfazer sua meta. A este fator denominamos intencionalidade.

Por outro lado, o receptor, ao se mobilizar para ler um texto, gera uma gama de expectativas e pré-concepções em torno dele. Saber quem é o autor e a época o fará inferir, por exemplo, sobre o tema do texto. Seus repertórios de leitura e arcabouço de conhecimentos possibilitarão compreender o texto de forma parcial, ampla ou superficial. A este fator denominamos aceitabilidade.

No mundo em que vivemos, em nosso cotidiano, circulam diversos tipos de texto. Entretanto, eles são diferentes entre si. Uma palestra sobre a importância da leitura será muito diferente de uma conversa num bar entre dois amigos. A linguagem usada em uma situação será muito diferente da outra, assim como o grau de intimidade entre emissor e receptor. Sendo assim, cada contexto sociocomunicativo requer uma produção de texto mais pertinente a si mesmo. A esse fator denominamos situacionalidade.

Todo texto tem como característica peculiar a função referencial da linguagem, ou seja, ele informa sobre algo. Por isso, o autor deve fornecer ao leitor uma suficiência de dados necessários à compreensão do texto. A esse fator denominamos informatividade.

A linguista Julia Kristeva declara que o texto é um mosaico de citações. Isto significa que não produzimos um texto do nada, todo texto é fruto das informações e conhecimentos prévios que possuímos. Sendo assim, a leitura de mundo e de palavra escrita é determinante para a produção textual. Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, diretrizes para o ensino das escolas brasileiras, informam a ineficácia do estudo da gramática normativa para formar leitores e produtores de texto. Segundo o PCN, é a leitura que subsidia o produtor de textos no exercício da criação. Desta forma, não há como não aparecerem implicitamente ou explicitamente – por meio de citações, paródias ou pastiches - outros textos em um texto. A esse fator denominamos intertextualidade.

TEXTO LITERÁRIO E TEXTO NÃO-LITERÁRIO.

Após estudarmos o que é texto e os elementos de textualidade, veremos a seguir algumas possibilidades textuais.

Texto literário e texto não-literário.

Os dois textos a seguir desenvolvem conteúdos semelhantes. Ambos falam sobre criar e mentir. Apesar de o assunto ser parecido, os autores apresentam abordagem, forma e linguagens diferentes.

Leia estes textos, observando a linguagem:

TEXTO 1

Mentira ou ficção?

De tanto inventar histórias para distrair seus amigos, o alemão Karl Friedrich Hieronymus, barão de Munchhausen (1720-1797), que serviu como mercenário no exército russo na guerra contra os turcos em 1740, acabou entrando para a História como um grande mentiroso, graças ao livro, por sinal publicado anonimamente em 1785, do [escritor](#) alemão Rudolph Erich Raspe (1737-1794). De volta dos campos de batalha, o barão contou, por exemplo, como se safara de um pântano onde caíra: puxando a si mesmo pelos cabelos. Em outra peripécia, salvou-se da morte cavalgando balas de canhão disparadas pelo inimigo. Entre uma aventura e outra, ainda achou tempo para ir à Lua duas vezes.

Mas não há literatura que não tenha seus campeões da mentira real ou imaginária. O [escritor](#) francês Alphonse Daudet (1840-1897), celebrou-se graças às aventuras mentirosas de seu [personagem](#) Tartarin de Tarascon, um burguês baixinho, com certa tendência à obesidade, que se imaginava um valente herói e saía contando peripécias nunca vividas. No Brasil, o mentiroso Macunaíma, de Mário de [Andrade](#), nem fez questão de se fingir de herói: covarde como só ele e sem nenhum caráter, Macunaíma mentia o tempo inteiro para se safar de qualquer problema, dizer a verdade, aliás, lhe dava preguiça.

[...]

Superinteressante, São Paulo: Abril, ago. 1993.

TEXTOS 2

“Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!”

PESSOA, Fernando. Antologia poética de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

O texto 1 é informativo, com dados precisos e objetivos. O autor apresenta datas, cita alguns escritores que criaram histórias fantásticas e personagens como Macunaíma.

A linguagem desse texto é denotativa, objetiva, direta e impessoal, não há exploração de imagens ou figuras de linguagem. Portanto, trata-se de um texto não-literário.

No texto 2, o eu lírico nega ser um mentiroso ao escrever explica que seus versos nascem de sua imaginação e não do coração. Ele compara a sua vida a um “terraço”. Debaxo desse terraço, caminham seus pensamentos, sua imaginação, fluindo sua inspiração de poeta. Cabe ao leitor a sensibilidade de usufruir essa criação.

Nesse texto literário, a linguagem é conotativa, subjetiva e repleta de significados, com o uso de figuras de linguagem e o emprego de rimas, que dão ao texto um ritmo melódico. Mas o texto literário não é escrito apenas em versos com rimas. Um texto é literário se a sua linguagem apresentar sentidos ou conotações incomuns, que possibilitam múltiplas interpretações, opondo-se à linguagem informativa ou referencial. (SARMENTO; TUFANO, 2004, p, 358.)

Bem, como vimos existem diversas possibilidades textuais, como por exemplo, a linguagem pode se apresentar verbal e não verbal ou as duas ao mesmo tempo, o texto pode ser literário ou não-literário, há ainda os estilos que são inerentes ao produtor textual ou podem ser tranquilamente aprendidos ao longo de sua prática textual. Nessa perspectiva, é importante salientar que o produtor do texto pode utilizar desses textos a depender de sua intenção sociocomunicativa, depende muito do que ele quer informar e da forma como ele pretende que o texto chegue ao seu receptor. Sem dúvida, escolher o vocábulo adequado, iniciar bem os enunciados, atentar-se a linguagem empregada e aos elementos de textualidade trarão para o texto uma possibilidade imensa de ser entendido e o que é mais importante ser objeto de interação.

1.2 TEMA 02 - TIPOLOGIA E GÊNERO TEXTUAL

1.2.1 CONTEÚDO 5 – O TEXTO NARRATIVO E O DESCRITIVO

DA NARRAÇÃO E DA DESCRIÇÃO

Existem basicamente três tipos de textos: descrição, narração e dissertação. De maneira simples, poder-se-ia dizer que descrição é o registro de características de objetos, de pessoas, de lugares; narração é o relato de fatos contados por um narrador, envolvendo personagens, localizadas no tempo e no espaço e a dissertação é a expressão de opinião a respeito de um assunto.

Na prática não é tão simples assim: esses tipos de textos se misturam, não cabendo somente à dissertação o espaço de manifestação de opinião. Um texto descritivo ou narrativo, no fundo, nas entrelinhas, na interpretação que faz da realidade, também está revelando uma postura diante dela. A diferença é que o texto dissertativo faz isso de maneira transparente objetiva e direta.

É possível a identificação de elementos descritivos, narrativos e dissertativos num mesmo texto, com predomínio de uns ou de outros.

(PELLEGRINI; FERREIRA, 1999, p, 79.)

Neste capítulo, estudaremos a narração e a descrição, a dissertação será estudada no capítulo posterior, não por ser mais importante do que os outros dois, mas porque durante o estudo da narração e da descrição veremos que há um imbrincamento desses dois tipos de textos, ou seja, eles diversas vezes se apresentam em uma única produção. Dessa forma, é salutar estudá-los separadamente. Sendo assim, vejamos inicialmente a narração e a descrição. Mas antes observem um quadro comparativo desses três tipos de textos.

NARRAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • relato de fatos; • presença de narrador, personagens, enredo, cenário, tempo; • apresentação de um conflito; • uso de verbos de ação; • geralmente, é mesclada de descrições; • o diálogo direto e o indireto são frequentes.
DESCRIÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • retrato de pessoas, ambientes, objetos; • predomínio de atributos;

- uso de verbos de ligação;
- frequente emprego de metáforas, comparações e outras figuras de linguagem;
- tem como resultado a imagem física ou psicológica.

DISSERTAÇÃO

- Defesa de um argumento:
- apresentação de uma tese que será defendida,
- desenvolvimento ou argumentação,
- fechamento;
- predomínio da linguagem objetiva;
- prevalece a denotação

Narração

É um relato organizado de acontecimentos reais ou imaginários. São seus elementos constitutivos: personagens, circunstâncias, ação; o seu núcleo é o incidente, o episódio, e o que a distingue da descrição é a presença de personagens atuantes, que estão quase sempre em conflito.

Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br>>. Acessado em: 12 abr. 2010.

Veja o texto “Piscina” de Fernando Sabino.

PISCINA

Era uma esplêndida residência na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, comprometessem tanto a paisagem.

Diariamente, desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d'água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim-tônico no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

De súbito pareceu à dona da casa que a estranha criatura se esgueirava, portão a dentro, sem tirar dela os olhos. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente; já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça - e em pouco tempo sumia-se pelo portão.

Lá no terraço, o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate.

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

(Texto de Fernando Sabino).

De acordo com Campedelli; Souza (1999, p, 99.) “o texto lido é uma narrativa, pois apresenta fatos vivenciados por personagens, organizados numa determinada sequência temporal.”

Também segundo Campedelli; Souza (1999, p, 99.) “O elemento mais importante de uma narrativa é o enredo ou a história – sem uma história não há um caso”. Tem-se a ação da história, que ocorre no tempo, feita por personagens num determinado meio ou espaço onde vivem. Alguém conta a história: esse elemento é o foco narrativo.

A ESTRUTURA DO TEXTO NARRATIVO: COMO NARRAR

Sabemos que a narração é o relato de um fato ou de uma sucessão de fatos. Já vimos as diferenças entre descrição e narração: a descrição nos dá um retrato da realidade, transmitindo-nos imagens que caracterizam e individualizam o objeto ou o ser descrito. A narração é mais dinâmica. Relata-nos:

- Ou uma sucessão dos acontecimentos diversos que compõem o fato narrado (por exemplo: a inauguração de uma estrada).
- Ou a sucessão de fatos que formam a história que nos é contada, por exemplo, a história narrada em um romance.

O modo narrativo, que pode aparecer combinado com qualquer tipo de texto (pode-se ter, por exemplo, um texto publicitário narrativo ou um texto humorístico narrativo), se caracteriza fundamentalmente pela evolução cronológica de ações. Essas ações são vistas sob determinada lógica e constroem uma história por meio de um narrador.

O narrador, aquele que narra o fato, pode participar ou não da história. Quando o narrador participa da história, ele é um narrador personagem ou em 1ª pessoa. Quando não participa da história, sendo mero espectador, trata-se de um narrador observador ou 3ª pessoa.

Foco narrativo é o ângulo por meio do qual o narrador conta a história. Os mais comuns são dois: foco narrativo em primeira pessoa e em terceira pessoa. Eles acontecem assim:

a) Foco narrativo em primeira pessoa – a história é narrada por um personagem que participa dos acontecimentos, observando, sentindo, vivendo a experiência narrada.

b) Foco narrativo em terceira pessoa – a história é contada do ângulo de um narrador que não participa dos acontecimentos, apenas observa, reflete e mostra, de forma distanciada, a experiência vivida pelo(s) personagem(ns).

O bom autor toma partido das duas opções de posicionamento para o narrador, a fim de criar uma história mais ou menos parcial, mais ou menos comprometida.

Leia o texto abaixo:

Na escuridão miserável

Eram sete horas da noite quando entrei no carro, ali no Jardim Botânico. Senti que alguém me observava, enquanto punha o motor em movimento. Voltei-me e dei com os olhos grandes e parados como os de um bicho, a me espiar, através do vidro da janela, junto ao meio-fio. Eram de uma negrinha mirrada, raquítica, um fiapo de gente encostado ao poste como um animalzinho, não teria mais que uns sete anos. Inclinei-me sobre o banco, abaixando o vidro:

- O que foi, minha filha? – perguntei, naturalmente, pensando tratar-se de esmola.

- Nada não senhor – respondeu-me, a medo, um fio de voz infantil

- O que é que você está me olhando aí?

- Nada não senhor – repetiu – Tou esperando o ônibus ...

- Onde é que você mora?

- Na praia do Pinto.

- Vou para aquele lado. Quer uma carona?

Ela vacilou, intimidada. Insisti, abrindo a porta:

- Entra aí, que eu te levo.

- Acabou entrando, sentou-se na pontinha do banco, e enquanto o carro ganhava velocidade, ia olhando duro para frente, não ousava fazer o menor movimento. Tentei puxar conversa:

- Como é seu nome?

- Teresa

- Quantos anos você tem, Teresa?

- Dez

- E o que você estava fazendo ali, tão longe de casa?

- A casa da minha patroa é ali.

- Patroa? Que Patroa?

Pela resposta, pude entender que trabalhava na casa de uma família no Jardim Botânico: lavava roupa, varria a casa, servia à mesa. Entrava às sete da manhã, saía às oito da noite.

- Hoje sai mais cedo. Foi “Jantarado”.

- Você já jantou?

- Não. Eu almocei.

- Você não almoça todo dia?

- Quando tem comida pra levar, eu almoço: mamãe faz um embrulho de comida pra mim.

- E quando não tem?

- Quando não tem, não tem – e ela parecia sorrir, me olhando pela primeira vez. Na penumbra do carro, suas feições de criança, esqueléticas, encardidas de pobreza, podiam ser as de uma velha. Eu não me continha mais de aflição, pensando nos meus filhos bem nutridos – um engasgo na garganta me afogava no que os homens experimentados chamam de sentimentalismo burguês:

- Mas não te dão comida lá? – perguntei revoltado.

- Quando eu peço, eles dão. Mas descontam no ordenado, mamãe disse para eu não pedir.

- E quanto é que você ganha?

Diminui a marcha, assombrado, quase parei o carro. Ela mencionara uma importância ridícula, uma ninharia, não mais que alguns trocados. Meu impulso era voltar, bater à porta de tal mulher e meter-lhe a mão na cara.

- Como é que você foi parar na casa dessa ... foi para nessa casa? – perguntei ainda, enquanto o carro, ao fim de uma rua do Leblon, se aproximava das vielas da praia do Pinto. Ela começou a falar:

- Eu estava na feira com mamãe e então a madame pediu para eu carregar as compras e aí noutro dia pediu a mamãe para eu trabalhar na casa dela, então mamãe deixou porque mamãe não pode deixar os filhos todos sozinhos e lá em casa é sete meninos fora os dois grandes que já são soldados pode para que é aqui moço, obrigado.

Mal detive o carro, ela abriu a porta e saltou, saiu correndo, perdeu-se logo na escuridão miserável da praia do Pinto.

(Fernando Sabino)

Depois de ler (aconselho reler), observe bem: há uma sequência de fatos que vão sendo costurados uns aos outros e que formam o que chamamos de "todo" narrativo. O enredo vai se fazendo aos poucos, passo a passo, alinhavado nos acontecimentos, entretecido de pequenas partes que convergem para um só núcleo, amparado no tempo e em seu fluxo de continuidade.

O texto lido seguiu aos seguintes comandos:

- Quem? Personagens
- Quê? Atos, enredo
- Quando? A época em que ocorreram os acontecimentos
- Onde? O lugar da ocorrência. É o ambiente
- Como? O modo como se desenvolveram os acontecimentos
- Por quê? A causa dos acontecimentos.
- Por isso? A(s) consequência(s) dos acontecimentos (geralmente provocam determinado desfecho).

NARRAÇÃO OBJETIVA E SUBJETIVA

Narração objetiva – o narrador informa apenas os fatos, sem se deixar envolver emocionalmente com o que está noticiado. É de cunho impessoal e direto.

Narração subjetiva - leva-se em conta as emoções e os sentimentos envolvidos na história. São ressaltados os efeitos psicológicos que os acontecimentos desencadeiam nos personagens.

Uma narrativa pode trazer falas de personagens entremeadas aos acontecimentos, faz-se uso dos chamados discursos: direto, indireto ou indireto livre.

No discurso direto, o narrador transcreve as palavras da própria personagem. Para tanto, recomenda-se o uso de algumas notações gráficas que marquem tais falas: travessão, dois pontos, aspas. Mas modernamente alguns autores não fazem uso desses recursos.

O discurso indireto apresenta as palavras das personagens por meio do narrador que reproduz uma síntese do que ouviu, podendo suprimir ou modificar o que achar necessário. A estrutura

ração desse discurso não carece de marcações gráficas especiais, uma vez que sempre é o narrador quem detém a palavra.

Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br>>. Acessado em: 13 abr. 2010.

Assim, imagine a seguinte conversa:

- Mãe, o que é "inconstitucionalissimamente"?
- Significa alguma coisa que não está de acordo com a constituição, com a lei do país.
- Ah, bom! Eu pensei que fosse um palavrão!
- Quando tu cresceres, verás que existem palavrões pequenos.

No discurso indireto, o texto ficaria assim:

O filho perguntou para sua mãe o que era "inconstitucionalissimamente".

A mãe respondeu que era algo que não estava de acordo com a constituição, com a lei do país. Aliviado, o menino disse que havia pensado que isso fosse um palavrão.

A mãe preveniu-o de que, quando ele crescesse, veria que existiam palavrões pequenos.

Quanto ao discurso indireto livre, é usado como uma estrutura bastante informal de colocar frases soltas, sem identificação de quem a proferiu, em meio ao texto.

Traz, muitas vezes, um pensamento do personagem ou do narrador, um juízo de valor ou opinião, um questionamento referente a algo mencionado no texto ou algo parecido.

Esse tipo de discurso é o mais usado atualmente, sobretudo em crônicas de jornal, histórias infantis e pequenos contos. É aquele em que o narrador reconstitui o que ouviu ou leu por conta própria, servindo-se de orações absolutas ou coordenadas sindéticas e assindéticas.

Exemplo:

Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cavalos, que lembrança!

Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.

(Graciliano Ramos)

Há alguns tipos de narrativa:

- 1- Uma piada;
- 2- Uma notícia de jornal;
- 4- Uma história em quadrinhos;
- 5- Uma letra de música;
- 6- Um poema;
- 7- Um relatório;
- 8- Uma fábula;
- 9- Uma receita;
- 10- Uma novela, romance, conto.



DICA

Fiquem atentos a algumas perguntas fundamentais da modalidade narrativa:

- O que aconteceu? = Acontecimento, fato, situação
- Com quem? = Personagem
- Onde? Quando? Como? = Espaço, tempo, modo
- Quem está contando? = Narrador



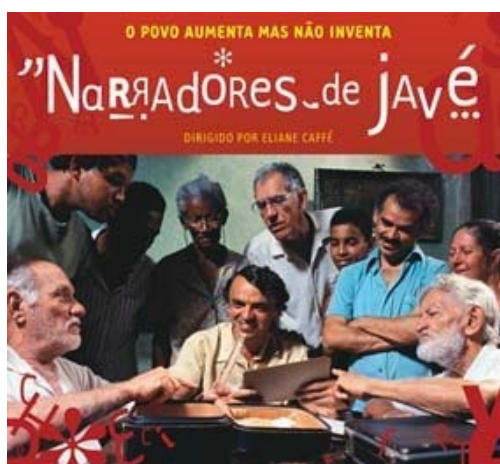
IMPORTANTE

É importante salientar que no decorrer da graduação vocês serão conclamados a produzir relatórios, quando isso ocorrer vocês perceberão que esse gênero textual utiliza o formato de um texto eminentemente narrativo, mas também podem ocorrer descrições e até mesmo dissertações.



DICA

Assista ao filme Narradores de Javé, analisem a linguagem e fiquem atentos às narrações e às descrições apresentadas.



[HTTP://3.BP.BLOGSPOT.COM](http://3.bp.blogspot.com)

A DESCRIÇÃO

Na descrição não há essa sucessão de acontecimentos no tempo, de sorte que não haverá transformações de estado da pessoa, coisa ou ambiente que está sendo descrito, mas sim a apresentação pura e simples do estado do ser descrito em um determinado momento. (ERNANI; NICOLA, 2001, p, 360-361.)

A descrição se caracteriza por ser um retrato de pessoas, objetos ou cenas. Para produzir o retrato de um ser, de um objeto ou de uma cena, podemos utilizar a linguagem não-verbal, como no caso das fotos, pinturas e gravuras, ou a linguagem verbal (oral ou escrita). (ERNANI; NICOLA, 2001, p, 361.)

Vejamos um exemplo de um texto descritivo:

FOTOS DE SALGADO SÃO ÊXODO DE OUTRA ESPÉCIE

Arthur Nestrovski

Uma forquilha escura, mínima no centro inferior da foto, a forma diminuída e invertida do vale arenoso ao redor. Pela trilha do meio se aproxima um jipe branco. No casario modesto, para além de uma cerca à esquerda, nenhum movimento. Toda tensão se concentra neste vulto escuro, correndo de um lado para o outro do vale. É um migrante ilegal, tentando cruzar a fronteira entre o México e a Califórnia; corre de volta para seu país, fugindo da patrulha.

Linhas, planos, perspectiva, massas, grão: a foto é caracteristicamente virtuosísticas. Mas há aqui uma outra virtude, também característica, e para a qual a palavra “virtuosismo” soa inapropriada. Pois não há uma foto de Sebastião Salgado em que não se exponha a tensão humana, nalgum limite da vida, e a tensão do fotógrafo em testemunhá-la.

A foto é um exemplar deste livro de “Êxodos”, em que tantas tentativas de liberação acabam frustradas e a humanidade em trânsito parece reduzida a um ciclo infernal de pobreza e violência.

(Folha de S. Paulo, 20 abr. 2000. p. 5-12.)

A DESCRIÇÃO VERBAL

A descrição verbal também trabalha com imagens, representadas por palavras devidamente organizadas em frases. Essas imagens podem ou não vir associadas a informações.

Pode-se entender a descrição como um tipo de texto em que, por meio da enumeração de detalhes e da relação de informações, dados e características, vai-se construindo a imagem verbal daquilo que se pretende descrever. Observe que, no texto de Arthur Nestrovski, o autor enumera elementos constantes do trabalho de Sebastião Salgado, associando a eles informações que não estão presentes na foto.

A descrição, entretanto não se resume a uma enumeração pura e simples. Se assim fosse, a descrição que Arthur Nestrovski faz da foto de Sebastião Salgado nada nos esclareceria além daquilo que a própria foto nos diz. É essencial revelar também traços distintivos, ou seja, aquilo que distingue o objeto descrito dos demais. Observe que, ao descrever a foto, o autor nos revela características que, talvez, não tivéssemos percebido quando a olhamos pela primeira vez, além das impressões que ela lhe causou. (ERNANI; NICOLA, 2001, p, 361.)



IMPORTANTE

Difícilmente você encontrará um texto exclusivamente descritivo (isso ocorre em catálogos, manuais e demais textos instrucionais). O mais comum é haver trechos descritivos inseridos em textos narrativos e dissertativos. Em romances, por exemplo, que são textos narrativos por excelência, você pode perceber várias passagens descritivas, tanto de personagens como de ambientes. No texto de Arthur Nestrovski, a descrição da foto de Sebastião Salgado faz parte de um texto em que o autor apresenta opiniões acerca da obra do fotógrafo. (ERNANI; NICOLA, 2001, p, 361.)

A descrição pode ser apresentada sob duas formas:

Descrição objetiva: quando o objeto, o ser, a cena, a passagem são apresentadas como realmente são, concretamente.

Por cima da moldura da porta há uma chapa metálica comprida e estreita, revestida de esmalte. Sobre um fundo branco, as letras negras dizem Conservatória Geral do Registo Civil. O esmalte está rachado e esborcelado em alguns pontos. A porta é antiga, a última camada de pintura castanha está a descascar-se, os veios de madeira, à vista, lembram uma pele estriada. Há cinco janelas na fachada. Mas se cruza o limiar, sente-se o cheiro do papel velho. (SARAMAGO, 1997.p.11)

Descrição subjetiva: quando há maior participação da emoção, ou seja, quando o objeto, o ser, a cena, a paisagem são transfigurados pela emoção de quem escreve.

Aristarco todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei - o autocrata*excelso dos silabários*; a pausa hierárquica do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público(...) A própria estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estatura dizia ele: aqui está um grande homem(...) Em suma, um personagem que, ao primeiro exame, produzia-nos a impressão de um enfermo, desta enfermidade atroz e estranha: a obsessão da própria estátua. Como tardasse a estátua, Aristarco satisfazia-se interinamente com a afluência dos estudantes ricos para o seu instituto. De fato, os educandos do Ateneu significavam a fina flor da mocidade brasileira. (POMPÉIA, 1995. 9. 5)

Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br>>. Acessado em: 12 abr. 2010.

Um exemplo importantíssimo para o graduando é a descrição técnica. Vejamos.

A DESCRIÇÃO TÉCNICA

Um tipo especial de descrição objetiva é a descrição técnica, que procura transmitir a imagem do objeto por meio de uma linguagem técnica, com vocabulário preciso, normalmente ligado a uma área da ciência. É o caso da descrição de peças e aparelhos, de experiências e fenômenos, do funcionamento de mecanismos, da redação de manuais de instrução e de artigos científicos.

Nas descrições técnicas devem-se buscar a clareza e a precisão para que se alcance uma comunicação eficaz, objetiva e convincente, que não dê margem a interpretações variadas. Por isso, nestes textos, a linguagem deve ser denotativa. (ERNANI; NICOLA, 2001, p, 365.)

A dissertação para Ernani & Nicola (1996), é um texto que se caracteriza pela defesa de uma ideia ou ponto de vista. Ou então, pelo questionamento acerca de um determinado assunto.

Segundo os autores, para se obter maior clareza na exposição do ponto de vista, costuma-se distribuir a matéria em três partes:

1.2.2 CONTEÚDO 6 – O TEXTO DISSERTATIVO

Para iniciarmos os nossos estudos sobre Dissertação. Por favor, leiam o texto abaixo.

JÁ NÃO HÁ MAIS FUTURO PARA O ANALFABETO DIGITAL

Daqui a pouco tempo, muito menos do que podemos imaginar, quem não dominar a informática não encontrará lugar no mercado de trabalho. Mesmo se estiver à procura de uma vaga como office-boy.

Nos Estados Unidos, e de maneira crescente no Brasil, qualquer profissional autônomo que se preze faz pesquisa na Internet. Mais e mais, a casa vira escritório e o contato com o mundo exterior se dá pela rede de computadores. Hoje, muitas ofertas de emprego são feitas eletronicamente. O interessado em uma nova colocação entra na Internet e consulta as páginas eletrônicas das empresas que lhe interessam. Quem não tiver acesso a um computador já reduz suas chances de emprego pela metade. Não há futuro para o analfabeto digital. Até porque se redefine o analfabetismo: dominar os códigos das redes eletrônicas é tão importante como até agora tem sido saber ler e escrever.

O aluno que decora livros e tira 10 em todas as provas está com os dias contados. Ter informação não é tão relevante como processá-la, encará-las de vários ângulos, o que exige capacidade crítica e flexibilidade para se habituar a um ritmo de mudanças jamais visto. (...)

O bom profissional nos dias atuais define-se pela capacidade de encontrar e associar informações, de trabalhar em grupo e de se comunicar com desenvoltura. Terá futuro o estudante que souber lidar com imprevistos e se adaptar rapidamente às mudanças, fazer pesquisas e interpretar os dados.

Ricardo Falzetta. Nova Escola. São Paulo, Abril, n2 110, mar /2007

Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/>. Acessado em: 13 abr. 2010.

No texto que acabamos de ler, Já não há mais futuro para o analfabeto digital, percebemos a preocupação do emissor em defender uma ideia e procurar nos convencer acerca de seu ponto de vista em relação ao analfabeto digital.

Para tanto, o emissor apresentou-nos, com clareza, suas hipóteses, justificando-as com base em argumentos e apresentação de fatos, a fim de exemplificar e conduzir-nos para as conclusões.

Enfim, com base em reflexão e organização do raciocínio, orientou-nos, por meio da apresentação de fatos para sustentar seus argumentos, na direção que considerou a mais acertada.

Nesse texto, o autor envolve reflexão e raciocínio, que se apoiam no genérico, no abstrato para levar ao leitor o conhecimento pretendido.

Dessa forma, dissertar é apresentar ideias, desenvolver raciocínio, analisar contextos, dados e fatos. Neste momento temos a oportunidade de discutir, argumentar e defender o que pensamos por meio da fundamentação, justificativa, explicação, persuasão e de provas.

Segundo Garcia (1996), a elaboração de textos dissertativos requer domínio da modalidade escrita da língua, desde a questão ortográfica ao uso de um vocabulário preciso e de construções sintáticas organizadas, além de conhecimento do assunto que se vai abordar e posição crítica (possoal) diante desse assunto.

PARA ESCREVER UM TEXTO DISSERTATIVO

A elaboração de um texto dissertativo escrito, segundo Ulisses Infante (1998), deve ser produto de um plano de trabalho, do qual fazem parte as informações e conceitos que vamos manipular, a posição crítica que queremos manifestar, o perfil da pessoa ou grupo a que nos dirigimos e o tipo de reação que nosso texto despertar.

Em outras palavras: nosso texto dissertativo deve ser produzido de forma a satisfazer os objetivos que nos propusemos a alcançar.

O autor afirma que existe uma forma já consagrada para a organização desse tipo de texto. Consiste em estruturarmos o material de que dispomos em três momentos principais: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Veja a como o autor trabalha a estrutura do texto dissertativo:

Introdução

É o ponto de partida do texto. Por isso, deve apresentar de maneira clara o assunto a ser tratado e também delimitar as questões que serão abordadas.

Dessa forma, a introdução encaminha o leitor, colocando-lhe a orientação adotada para o desenvolvimento do texto. Atua, assim, como uma espécie de roteiro.

Ao confeccionar a introdução de seu texto, você pode utilizar os recursos que despertem o interesse do leitor: formular uma tese, que deverá ser discutida e provada pelo texto; lançar uma afirmação surpreendente, que o corpo do texto tratará de justificar ou de refutar; propor uma pergunta, cuja resposta será dada no desenvolvimento e explicitada na conclusão.

Desenvolvimento

É a parte do texto em que as ideias, conceitos, informações, argumentos de que você dispõe serão desenvolvidos, de forma organizada e criteriosa.

O desenvolvimento deve nascer da introdução. Ou seja, na introdução, apontam-se as questões relativas ao assunto que será abordado; no desenvolvimento, as questões, apresentadas na introdução, serão desenvolvidas, avaliadas, sempre por partes, de forma gradual e progressiva. A introdução já anuncia o desenvolvimento, que retoma ampliando e desdobrando, o que foi colocado de forma sucinta.

O conteúdo do desenvolvimento pode ser organizado de diferentes maneiras, de acordo com as propostas do texto e as informações disponíveis.

Conclusão

É a parte final do texto, um resumo forte e sucinto de tudo aquilo que já foi dito. Além desse resumo, que retoma e condensa o conteúdo anterior do texto, a conclusão deve expor claramente uma avaliação final do assunto discutido. Nessa parte, também se pode fazer propostas de ação (que não devem adquirir ares de profecia).

Para ilustrar a explicação feita por Ulisses Infante, veja como o autor construiu o texto “Já não há mais futuro para o analfabeto digital”.

INTRODUÇÃO

Apresentação da Ideia Central

No primeiro parágrafo, lança-se a ideia de “quem não dominar a informática não encontrará lugar no mercado de trabalho”. Essa pode ser considerada a ideia central do texto.

DESENVOLVIMENTO

Defesa da ideia central por meio de argumentos que a comprovem (exemplos, comparações e outras informações).

Vamos ao primeiro argumento:

Nos Estados Unidos, e de maneira crescente no Brasil, qualquer profissional autônomo que se preze faz pesquisa na Internet. Mais e mais, a casa vira escritório e o contato com o mundo exterior se dá pela rede de computadores. Hoje, muitas ofertas de emprego são feitas eletronicamente. O interessado em uma nova colocação entra na Internet e consulta as páginas eletrônicas das empresas que lhe interessam. Quem não tiver acesso a um computador já reduz suas chances de emprego pela metade.

No parágrafo, procura-se firmar a ideia central através de alguns exemplos:

- a) Nos Estados Unidos, os profissionais autônomos fazem pesquisa na Internet.
- b) Nos dias atuais, muitas ofertas de emprego são feitas eletronicamente.

Agora, passemos para o segundo argumento:

Não há futuro para o analfabeto digital. Até porque se redefine o analfabetismo: dominar os códigos das redes eletrônicas é tão importante como até agora tem sido saber ler e escrever.

No parágrafo, a importância de saber ler e escrever e dominar os códigos eletrônicos é tratada como equivalente, procurando evidenciar, mais uma vez, que “não há futuro para o analfabeto digital.”

Terceiro argumento:

O aluno que decora livros e tira 10 em todas as provas está com os dias contados. Ter informação não é tão relevante como processá-la, encará-la de vários ângulos, o que exige capacidade crítica e flexibilidade para se habituar a um ritmo de mudanças jamais visto. (...)

Nesse parágrafo, acrescenta-se que “ter informação não é tão relevante como processá-la”. Essa posição parte do exemplo da provável extinção do tipo de aluno que decora livros sem, no entanto, analisá-los criticamente.

CONCLUSÃO

Reafirmação da ideia central ou apresentação de sugestões ou soluções para o assunto em discussão.

Passemos para esta etapa de construção do texto.

O bom profissional nos dias atuais define-se pela capacidade de encontrar e associar informações, de trabalhar em grupo e de se comunicar com desenvoltura. Terá futuro o estudante que souber lidar com imprevistos e se adaptar rapidamente às mudanças, fazer pesquisas e interpretar os dados.

Nesse último parágrafo, é traçado o perfil de como devem ser o profissional e o estudante do futuro, mostrando assim, a necessidade de se combater o “analfabetismo digital”.

Você notou que cada uma das partes que compõe o texto dissertativo se relaciona com as outras, preparando-as ou retomando-as.

É um procedimento que já conhecemos e investigamos quando estudamos os conceitos de repetição, progressão, não-contradição e relação: o texto se tece acrescentando àquilo que já foi dito o que vai dizer. Também, no caso do texto dissertativo, a coesão é fruto da observação desses quatro elementos.

Há, ao lado disso, algumas formas linguísticas muito importantes para a construção do “esqueleto” do corpo dissertativo:

- Conjunções e locuções conjuntivas (principalmente as coordenativas).
- Estruturas frasais que permitem avaliar informações (como “é necessário...”; “é fundamental...”; “é inegável...” e outras, advérbios avaliativos (“felizmente...”; “infelizmente...”; “inegavelmente...”). Esses elementos e outros mais serão analisados na prática de leitura e de criação de texto.

Na produção do seu texto, observe se as ideias estão bem articuladas, com sequência lógica, com coerência argumentativa; siga as orientações de articulação de parágrafos a partir do desmembramento do parágrafo inicial.



DICA

- Não se esqueça de verificar também os aspectos relativos à forma.
- Lembre que só se aprende a escrever lendo e escrevendo.
- O único caminho para conseguir a redação de bons textos é ter como prática diária o exercício de redação.
- Faça pequenos textos, mesmo que sejam paráfrases.
- O importante é ter intimidade com a atividade escrita.

Pelo que foi apresentado, conclua que:

- A tarefa de elaborar um texto não pode iniciar-se pelo ato de escrever.
- Ante o tema proposto, devemos refletir sobre ele, analisá-lo com a profundidade que lhe for possível.

- Ainda mentalmente, devemos realizar nossas opções ante o tema, escolher as perspectivas pelas quais ele será abordado em nosso texto.
- Essa reflexão sobre o tema e o planejamento do que constará do nosso texto devem proceder ao ato de escrever propriamente dito.

Assim sendo o ato de redigir deve ser precedido do ato de compor, de tal forma que, ao começar a escrever, nós já tenhamos as ideias pensadas e organizadas. Assim, poderemos nos dedicar, exclusivamente à busca de uma linguagem escrita que comunique bem a mensagem que queremos transmitir sobre o tema, sobre algumas questões no momento de escrever, a fim de conseguirmos maior clareza na transmissão de nossas ideias.

Dessa forma, para compor-se um bom texto, é necessário:

- Ter o que dizer – é o conteúdo.
- E saber organizar o que se tem a dizer dentro de uma estrutura.

O autor que tivemos como referência, pontua que embora genéricas, as observações apresentadas contribuem para a produção de textos dissertativos na medida em que sistematizam orientações sempre válidas. Cabe a você ampliá-las, torná-las práticas, questioná-las e superá-las. Pense nisso!

PLANEJAMENTO DO TEXTO

Olhe a sua volta. Observe que fora do ambiente escolar, a realidade, adquiriu uma multiplicidade tão grande de aspectos que a tendência do atual conhecimento científico é a especialização.

Há muito tempo, o homem superou o saber enciclopédico da Idade Média, e a amplitude dos conhecimentos acumulados fez surgir as diversas ciências, cada uma com o seu campo que bem delimitado de estudo, o seu objeto próprio.

O mais comum, hoje, é encontrarmos obras que focalizam aspectos bem determinados da realidade ou obras que, por possuírem uma abordagem mais ampla, são elaboradas por vários especialistas.

Conclua, portanto, que a delimitação do campo de estudo e análise, a definição de um objetivo específico são atitudes comuns ao conhecimento científico e se expressam, de forma evidente, quando cada ciência define o seu objeto próprio de estudo.

Confronte tudo isso com o seu caso em situação de prova. Exige-se de você a elaboração de um texto, em um tempo determinado, com número de linhas definido, (Isso você já nota pela folha de redação que lhe dão.), e sem consulta a obras ou a algum colega.

Alie essas circunstâncias às características da situação de prova ao que é comum na atual atitude científica e reflita comigo:

- O levantamento de ideias nos dá uma visão da extensão do tema.

Ora pelas limitações internas (os limites dos conhecimentos de cada um de nós), ora pelas limitações externas (tempo, espaço, trabalho individual) se torna impossível abordar o tema em toda a sua extensão.

Dessa constatação, se deduz que é preciso definir um caminho para o texto – um objeto próprio. Em outros termos, é necessário delimitar bem os aspectos a abordar e definir, com clareza, um objetivo para o texto. Ou seja, a postura que seu texto assumirá face ao tema proposto.



DICA

Delimitar o campo é definir o (s) aspecto (s) particular (es) do tema a ser (em) focado (s) no texto.

Fixar o objetivo é definir a postura de seu texto face ao tema proposto, face aos aspectos delimitados.

No texto, você vai assumir uma postura mais imparcial de quem analisa, constata, observa, relata, descreve; ou um posicionamento de contestação, de quem denuncia, protesta, ou ainda de quem quer afirmar, demonstrar uma determinada tese sobre o tema, de quem narra os fatos dos quais participa ou descreve impressões pessoais em face de um acontecimento, uma pessoa ou uma paisagem.

É evidente que, em uma situação de prova, a delimitação e o objetivo podem ser definidos mentalmente. Mas, por enquanto, estamos aprendendo um método de organização de ideias.

“Vamos agora colocar a mão na massa”:

Vou precisar muito de sua atenção e disposição na elaboração dessa atividade. Mas, antes, lembre-se:

Delimitar o campo é definir o (s) aspecto (s) que será (ão) abordado (s) em seu texto.

Para redigir a delimitação, a melhor forma é construir uma frase nominal curta, mas clara o bastante para que seu pensamento se organize em torno desse ponto de convergência. Por exemplo: foi lhe dado o tema:

“Televisão”

1. Sua atitude será perguntar:

- o que sobre a televisão, eu vou abordar?

Eu poderia responder:

- a história da TV;

- a TV e o cinema;

- as novelas de TV;

- a TV e a realidade.

Verifique que delimito o tema, fazendo uso de frases nominais curtas.

2. Agora, fixar o objetivo, ou seja, definir a postura que, no texto, você assumirá face ao tema.

Ao escrever um texto, você tem que ter definido o que pretende desenvolver. O objetivo deve ser expresso em um período curto. Em termos de organização de pensamento, fica mais fácil

iniciar a redação do objetivo utilizando verbo no infinitivo: analisar, constatar, observar, denunciar, protestar, demonstrar, afirmar, definir, relatar, caracterizar etc.

3. *Suponhamos que você vai falar, por exemplo, das favelas.*

Inicialmente, você vai delimitar o tema, isso é o foco a partir do qual será desenvolvido o texto.

Observe algumas delimitações possíveis:

- I. - A formação das favelas
- II. - A violência presente nas favelas
- III. - A ação policial nas favelas
- IV. - A ausência de uma política habitacional para solucionar o problema das favelas etc.

4. *Delimitado o tema, você deve pensar o que pretende com o texto.*

Digamos que você selecionou a seguinte delimitação: “A formação das favelas”. Com base nessa delimitação, você pode desenvolver seu texto de acordo com um dos seguintes objetivos:

- 1) Descrever (mostrar, apresentar) como ocorreu a formação das favelas no Brasil.
- 2) Analisar (enumerar, discutir) a formação das favelas no Brasil.

Observe que deve haver um ajustamento perfeito entre a delimitação e o objetivo. O objetivo é a escolha de uma postura que se vai assumir ante o campo já delimitado.

Deve haver, também, uma coerência entre o seu objetivo e a linguagem que vais ser utilizada no texto.

Vamos a uma atividade:

1. O tema é: desemprego

A delimitação: a angústia de um desempregado ante as buscas frustradas de emprego e as exigências do sustento familiar.

E o objetivo: relatar, através de um personagem, as tentativas frustradas de encontrar um emprego e sua angústia ao ver as necessidades da mulher e dos filhos.



IMPORTANTE

1. A linguagem e a argumentação de quem apenas “analisa” não se identificam com as assumidas por quem “denuncia”.

2. A linguagem de quem é um simples narrador ou espectador não é a mesma linguagem de quem participa dos fatos e/ou se impressiona o que vai descrever.

2. O tema agora é: liberdade pessoal e integração no grupo

Como delimitação:

- Liberdade individual como condição indispensável para uma integração consciente no grupo.

Para o objetivo:

- **Afirmar a liberdade individual como condição indispensável para que o homem se integre solidariamente ao grupo, sem anulação do próprio eu.**

A fim de expressar-se claramente na escrita, acostume-se a planejar o texto (esquematizar o que pretende escrever) e reescrevê-lo até que as ideias estejam perfeitamente claras e compreensíveis. Pergunte a si mesmo, colocando-se no lugar do leitor, se o texto está claro e se traduz seu pensamento.

A ESTRUTURA DO TEXTO ARGUMENTATIVO: COMO ARGUMENTAR

Se nada do que escrevemos ou dizemos é neutro, e se nossas intenções se expressam, no mais das vezes, por meio de argumentos, é forçoso admitir que a argumentação é uma constante em nossa vida, seja no discurso do publicitário, do sindicalista, do político, do poeta, do pai ou da criança.

Assim, é fácil entender por que a Retórica, ou "arte da argumentação", vem sendo objeto de interesse há milênios. Ainda na Antiguidade Clássica, Aristóteles propunha a primeira sistematização das estratégias retóricas. No Renascimento, se afirmava que "a arte de argumentar consiste em provar algo que parece duvidoso, usando como recurso algo considerado verdadeiro", sugerindo falar diferentemente, de acordo com as diferenças entre os ouvintes, em termos de idade, educação, posição, hábitos.

No passado ou na atualidade, argumentar significa provocar a adesão do ouvinte às teses que apresentamos a seu julgamento, significa seduzi-lo com recursos de efeito lógico ou psicológico que se produzem no encontro dos mundos de referência do locutor e do ouvinte, por meio de condições de verossimilhança e aceitabilidade.

Veja como isso acontece, lendo o texto:

“O último discurso de um grande imperador”

CHARLES CHAPLIN

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar – se possível – judeus, o gentio... negros... brancos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis.

Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem... um apelo à fraternidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhares de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, criancinhas... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: “Não desesperéis! A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como gado humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas está escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós.

Soldados, em nome da democracia, unamo-nos!

Disponível em: <<http://www.pensador.info>>. Acessado em: 13 abr. 2010.

A partir desse texto, vimos que argumentar é uma operação delicada, já que é necessário construir ideias e não uma realidade.

A argumentação compreende um quadro constituído de um tema, assunto sobre o qual haja dúvidas quanto à legitimidade; um argumentador, que desenvolve um raciocínio a respeito do tema, e um receptor, a quem se dirigem os argumentos, com finalidade de que venha a participar da mesma opinião ou certeza do argumentador.

Entre os elementos da lógica argumentativa, há alguns básicos:

- a asserção inicial (premissa);
- a asserção final (conclusão);

- e uma ou várias asserções intermediárias, que permitem passar de uma a outra (inferência, prova e argumento).

A asserção inicial (premissa) apresenta como tipos mais comuns:

- afirmações factuais, que podem ter valor de verdade verificado pela confrontação com os fatos que apresentam;
- julgamentos, que são inferências deduzidas dos fatos, de menor confiança que as informações factuais;
- testemunhos de autoridade, de responsabilidade de pessoas supostamente especializadas no assunto.

Na argumentação, podem-se usar dois processos, ou linha de raciocínio: a indução e a dedução.

O raciocínio indutivo parte de premissas para inferir uma conclusão. Ou seja, parte do particular para chegar ao geral.

As premissas são observações da natureza e de fatos do mundo.

Há uma pretensão neste tipo de raciocínio: a conclusão de um particular fundamentado numa proposição geral, mas como a proposição geral é fruto da observação, ela não é geral.

Exemplo:

Após uma extensa pesquisa sobre gansos, um cientista constatou numa população de 10 milhões de gansos, que todos eles eram brancos.

Desta constatação, ele fez a seguinte proposição:

“Todos os gansos são brancos.”

Um colega deste cientista telefonou-lhe dizendo que enviou para ele um ganso.

- O cientista que propôs a teoria tem certeza de que o ganso que irá receber é branco?

- A resposta é não. Sua teoria está fundamentada em 10 milhões de gansos e não em todos os gansos.

Portanto, um caso particular, 10 milhões de gansos, não pode fundamentar todos os aspectos sobre gansos.

Exemplo 2:

Olhando bem para sua pele, uma mulher de 70 anos percebeu muitas rugas e concluiu, para seu conforto, que todo homem e toda mulher nesta faixa etária têm muitas rugas.

Conclusão

Um argumento que tem como forma um raciocínio indutivo não é lógico. O raciocínio dedutivo conclui um particular de um geral. O geral é sempre uma hipótese.

Quando se diz que:

'Todo homem é mortal.

Sócrates é homem.

Logo, Sócrates é mortal.

Está se dizendo:

'Se todo homem é mortal.

Se Sócrates é homem.

Logo, Sócrates é mortal.'

Agora podemos entender melhor o argumento dedutivo e lógico sobre os gansos:

'Se todos os gansos são brancos.

E se irei receber um ganso enviado por um colega.

Logo, este ganso é branco.'

Pelo visto, até agora podemos chegar à seguinte conclusão:

O raciocínio dedutivo partindo de uma hipótese geral não tem referência com o mundo real, mas tem referência com o que o cientista, filósofo ou pensador imagina sobre o mundo.

Assim, o raciocínio dedutivo parte do geral para chegar ao particular. Já o raciocínio indutivo parte de uma observação feita do mundo, de uma realidade, de um evento, de um fato.

Para concluir, a fonte de verdade para um dedutivista é a lógica, para um indutivista é a experiência.

O PROCESSO DA ARGUMENTAÇÃO: FORMAS DE RACIOCÍNIOS

A argumentação é um recurso que tem como propósito convencer alguém, para que esse tenha a opinião ou o comportamento alterado.

Sempre que argumentamos, temos o intuito de convencer alguém a pensar como nós.

No momento da construção textual, os argumentos são essenciais, esses serão as provas que apresentaremos, com o propósito de defender nossa ideia e convencer o leitor de que essa é a correta.

Sempre que queremos defender uma ideia, procuramos pessoas 'consagradas', que pensam como nós acerca do tema em evidência.

Apresentamos no corpo de nosso texto a menção de uma informação extraída de outra fonte. Isso se chama citação.

A citação pode ser apresentada assim:

Assim parece ser porque, para Piaget, "toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire e por essas regras" (Piaget, 1994, p.11).

A essência da moral é o respeito às regras. A capacidade intelectual de compreender que a regra expressa uma racionalidade em si mesma equilibrada. O trecho citado deve estar de acordo com as ideias do texto, assim tal estratégia poderá funcionar bem.

Temos, ainda, argumentação por comprovação

A sustentação da argumentação se dará a partir das informações apresentadas que acompanham a argumentação. É o uso de dados, estatísticas, percentuais. Esse recurso é explorado quando o objetivo é contestar um ponto de vista equivocado.

Veja o texto publicado na Folha de São Paulo.



Nesse tipo de citação o autor precisa de dados que demonstrem sua tese.

Vamos agora ver o que você aprendeu?

Vamos lá!

Quando observamos um fato, tiramos algumas conclusões (inferências), a partir de dados que se encontravam implícitos, ou seja, contidos nele.

Imaginemos, por exemplo, que você leia no jornal a seguinte manchete:

“Brasil importa automóveis”.

Apresento três inferências que podemos fazer dessa leitura:

1. O Brasil não está produzindo automóveis em número suficiente.
2. Os carros importados são de melhor qualidade.
3. Os carros importados são mais baratos.

Vamos agora, fazer uma situação oposta. Apresenta-se uma inferência e imagina-se um fato que a possa ter gerado. Vamos lá?

1. O verão está terminando.

Fato: Comércio faz liquidação de trajes de banho.

2. Precisamos mudar as leis que protegem os menores.

Fato: Pivetes assaltam e matam no Centro de São Paulo.

3. Vai ser mais fácil comprar casa própria.

Fato: Caixa Econômica Federal vai financiar casa própria.

Uma das formas mais simples de argumentar consiste em duas frases: a primeira é uma premissa e a segunda uma conclusão.

Veja:

1. A água deve está saindo da chaleira.

2. A água deve estar fervendo.

1. A inflação preocupa o governo.

2. O governo vai tentar novo plano contra a inflação.

Às vezes, uma conclusão é fruto de uma série de premissas.

Em:

As provas de múltipla escolha devem ser proibidas.

Podemos ter as premissas:

1ª premissa: aprova de primeira escolha estimula o decoreba.

2ª premissa: as provas de múltipla escolha estimulam a pesca.

EXEMPLO 2

Devemos comprar carros nacionais.

1ª premissa - Os carros nacionais têm assistência técnica mais acessível.

2ª premissa - A venda de carros nacionais gera mais riquezas para o país.

Sempre que passamos de uma premissa diretamente a uma conclusão, assumimos como verdadeira alguma ideia intermediária.

Por exemplo:

É melhor ultrapassar aquele carro; o motorista é uma mulher.

Temos como verdade que:

- As mulheres são más motoristas.

Veja as ideias assumidas como verdadeiras nestes raciocínios.

O Ibope indicou Collor como ganhador; estamos perdidos!

“O Ibope faz pesquisas sérias e corretas”

Meu exercício tem a mesma resposta do livro; acertei mais um!

O livro tem respostas certas.

O sinal do colégio está tocando; estou atrasado!

O sinal do colégio toca na hora certa.

Vimos que as inferências são de dois tipos:

1. **Indutivas** (do particular para o geral)
2. **Dedutivas** (do geral para o particular)

Há, ainda, a analogia. Uma forma de raciocínio, da mesma forma que é a indução e a dedução.

A Analogia é um tipo de raciocínio feito por meio de comparações. Partimos de semelhanças que observamos entre duas ou mais coisas de espécies diferentes para obtermos novas semelhanças entre elas.

As conclusões a que chegamos são mais ou menos prováveis quanto maior ou menor for as semelhanças observadas.

Exemplo 1

Considerando as semelhanças anatômicas entre os homens e os animais, inferimos que a reação de certos medicamentos é idêntica em ambos.

Daí usarmos os animais como cobaias para experimentar medicamentos destinados aos seres humanos.

Exemplo 2

Ao observarmos que Joaquim apresenta os mesmos sintomas de Maria, concluimos que ele tem a mesma doença.

1.2.3 CONTEÚDO 7 – O GÊNERO TEXTUAL

Segundo Ernani e Nicola (2001, p, 91.), “O que falamos, a maneira como falamos e a forma que damos ao nosso texto estão diretamente direcionados a essas condições e resultam nos gêneros”.

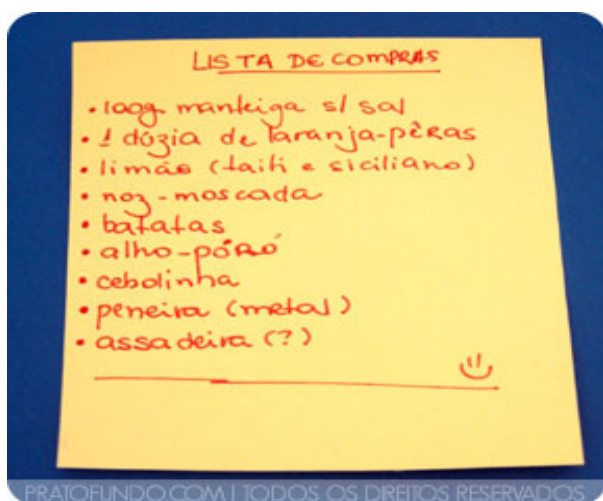
“Assim, podemos afirmar que todo texto se estrutura a partir de características gerais de um determinado Gênero (texto narrativo, descritivo, dissertativo, instrucional, informativo; a correspondência pessoal, ou comercial; a poesia etc.)”

Ainda de acordo com Ernani; Nicola (2001, p, 91.),

Os gêneros se constituem a partir do uso prático da língua em situação comunicativa. Eles se diferenciam pelos conteúdos específicos que veiculam, pelas características particulares dos textos produzidos nas diferentes situações e pelas configurações específicas de linguagem utilizadas neste ou naquele texto.

Partindo do conceito acima, ficou claro que toda produção de texto que possibilita a interação sociocomunicativa representa um gênero textual. Parece elementar, mas é pertinente salientar para a necessidade de nos atentarmos às produções, sejam elas quais forem, devem se apresentar de maneira organizada e articulada, mesmo que seja uma pequena lista de compras.

Vejam os exemplos abaixo.



[HTTP://PRATOFUNDO.COM](http://pratofundo.com).

No exemplo acima, temos uma lista de compras a qual descreve produtos a serem comprados possivelmente em um supermercado. Independentemente das inadequações linguísticas apresentadas nela, percebe-se que o produtor se preocupou em organizá-la de forma inteligível para que seu objetivo seja alcançado.

Depois da definição de gênero e de um exemplo, faz-se necessário apresentar a distinção entre tipologia textual e gênero textual. Vejamos o que Marcuschi (2003, p, 19.), diz a respeito:

Para uma maior compreensão do problema da distinção entre gêneros e tipos textuais sem grande complicação técnica, trazemos a seguir uma definição que permite entender as diferenças com certa facilidade. Essa distinção é fundamental em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. Entre os autores que defendem uma posição similar a aqui exposta estão Douglas Biber (1988), John Swales (1990), Jean-Michel Adam (1990), Jean Bronckart (1999). Vejamos aqui uma breve definição das duas noções:

(a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

(b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comer-

cial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de usos, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Para melhor compreensão, leiam o quadro comparativo abaixo:

TIPOS TEXTUAIS

1. Constructo teórico definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;
2. Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;
3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado por categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;
4. Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.

GÊNEROS TEXTUAIS

1. Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas, determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.



IMPORTANTE

Bem, como tudo que produzimos com unidade são textos e como vimos nos exemplos de gênero e tipologia textuais que eles são representados de diversas maneiras, vejamos uma lista de palavras e expressões que apresentam dúvida quanto a sua grafia. Fiquem por dentro!

“Abaixo, uma lista com dúvidas frequentes do dia a dia. Confira.”

- 1 - “Mau cheiro”, “mal-humorado”. Mau (com ‘U’) opõe-se a bom, e mal (com ‘L’) opõe-se a bem. Assim, mau cheiro (bom cheiro), mal-humorado (bem-humorado). Igualmente: mau humor, mal-intencionado, mau jeito, mal-estar.
- 2 - Não se escreve “Fazem cinco anos”, pois o verbo “fazer”, quando exprime tempo, é impessoal. Então, o correto é “Faz cinco anos”, “Fazia dois séculos”, “Fez 15 dias”.

- 3 - Não se escreve “Houveram muitos acidentes”, pois o verbo “haver”, no sentido de existir também é invariável. “Houve muitos acidentes”, “Havia muitas pessoas”, “Deve haver muitos casos iguais”.
- 4 - Não use a frase ‘Existe muitas esperanças’, porque “existir”, “bastar”, “faltar”, “restar” e “sobrar” são verbos que admitem normalmente o plural: ‘Existem muitas esperanças’, ‘Bastariam dois dias’, ‘Faltavam poucas peças’, ‘Restaram alguns objetos’, ‘Sobravam ideias’.
- 5 - Nunca diga ‘Para mim fazer, porque “mim” não faz nada; ele não pode ser sujeito. Assim, escreva: ‘Para eu fazer’, ‘para eu dizer’, ‘para eu trazer’.
- 6 - Entre “eu” e você? Nunca. Depois de preposição, usa-se mim ou ti. Exemplo: ‘Entre mim e você’, ‘entre eles e ti’.
- 7 - Esqueça a expressão ‘Há dez anos atrás’. ‘Há’ e ‘atrás’ já indicam tempo passado na frase, por isso é desnecessário o uso da palavra ‘atrás’. Use apenas ‘há dez anos’ ou ‘dez anos atrás’. Ou um, ou outro. Certo?

Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/revisaogeral> . Acessado em: 13 abr.2010.



SAIBA MAIS

Fiquem atentos a diversas palavras e expressões que causam dúvidas quanto a sua grafia e seu emprego.

- A / HÁ

A / HÁ (em função do espaço de tempo)

A (preposição): "Ela voltará daqui a meia hora." (tempo futuro)

HÁ (verbo haver): "Ela saiu há dez minutos." (tempo decorrido)

- ABAIXO-ASSINADO / ABAIXO ASSINADO

O documento coletivo, de caráter reivindicatório, chama-se "abaixo-assinado" e deve ser escrito com hífen. O plural é "abaixo-assinados".

Exemplo: os empregados da empresa entregaram um abaixo-assinado reivindicando aumento de salário.

Escreve-se "abaixo assinado", sem hífen, quando se faz referência a cada uma das pessoas que assinam o documento.

Exemplo: João da Silva, abaixo assinado, reconhece que...

- ACATAR / ACOLHER

Acatar: obedecer;

Exemplo: os empregados acataram a ordem do chefe.

Acolher: aceitar, receber.

Exemplo: o juiz não acolheu a nossa ação.

- AO AGUARDO DE ou NO AGUARDO DE?

Em verdade, as pessoas ficam "à espera", e não "na espera" de alguém ou de alguma coisa. Assim, o correto é dizer que "alguém está ao aguardo de..."

- A CERCA / ACERCA / HÁ CERCA

A CERCA: significa "a uma distância de".

Exemplo: Este restaurante fica a cerca de 20 km daqui.

ACERCA (locução prepositiva): igual a "sobre, a respeito de".

Exemplo: Ele falou na reunião acerca de informática.

Há CERCA DE: equivalente a "existe, ou faz aproximadamente".

Exemplos: Há cerca de cem candidatos para cada vaga neste concurso.

Não vejo aquele professor há cerca de dez anos.



IMPORTANTE

A expressão "cerca de" quando indicar uma quantidade aproximada deve ser sempre acompanhada de um número arredondado e nunca de um número preciso. Faz sentido dizer "Cerca de 300 (ou qualquer número redondo) pessoas estavam na conferência". Quando se sabe o número exato, dispensa-se o "cerca de": "Na conferência havia 321 pessoas."

- À CUSTA DE / AS CUSTAS DE

À CUSTA: no singular, significa "por meio de", "na dependência de".

Exemplos:

Ana já tem mais de trinta anos e ainda vive à custa do pai.

Antônio conseguiu sua fortuna à custa de muito trabalho.

AS CUSTAS: no plural, tem sentido jurídico específico, significando "despesas feitas com um processo criminal ou cível".

Exemplo: Pedro foi obrigado a pagar as custas do processo de seu divórcio.

- ADIAMENTO

Adiam-se somente eventos. Datas são trocadas.

Exemplos:

A festa foi adiada para domingo (e não a data da festa);

A data da reunião passou de 15 para 18 de julho (e não a reunião).

Observação: Já PRAZOS podem ser ampliados ou encurtados, nunca adiados.

- ADJETIVOS PÁTRIOS E GENTÍLICOS

Muitos gramáticos chamam os adjetivos que nomeiam o local de nascimento das pessoas de adjetivos pátrios ou gentílicos. No entanto, existe diferença de significado entre os termos:

Pátrio: refere-se a cidades, estados, países e continentes;

Gentílico: refere-se a raças e povos.

Exemplos:

Israelense = adjetivo pátrio, referente a Israel;

Israelita = adjetivo gentílico, referente ao povo de Israel.

- UM AGRAVANTE ou UMA AGRAVANTE?

A palavra "agravante", como substantivo, é do gênero feminino.

Exemplo: O fato de João dirigir alcoolizado é uma agravante no caso de um acidente.

O mesmo acontece com a palavra "atenuante".

Exemplo: O advogado alegou a existência de algumas atenuantes, para justificar o pedido de redução de pena de seu cliente.

- AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

AO ENCONTRO DE: significa "a favor de, para junto de".

Exemplos:

Esta sua decisão veio ao encontro das minhas pretensões.

Ana foi toda feliz ao encontro do namorado.

DE ENCONTRO A: equivalente a "contra, ideia de choque, de oposição".

Exemplos:

Naquela questão, as ideias do PT vieram de encontro às do PSDB.

O carro foi de encontro ao poste.

No antológico "Samba da bênção", Vinícius dizia:

"A vida é a arte do encontro, embora haja muitos desencontros pela vida." Tinha razão o poeta. Quando você quer uma coisa e ela acontece, ela vem ao encontro dos seus interesses, e não de encontro. (P.C.N.)

- A FIM / AFIM

A FIM: igual a "finalidade".

Exemplo: Nem todos os eleitores estão a fim de votar para presidente este ano.

AFIM: equivalente a "semelhante".

Exemplo: Meu gosto não é afim ao seu em matéria de comida.

- AO INVÉS DE / EM VEZ DE

AO INVÉS DE: significa "ao contrário de".

Exemplos:

Maura, ao invés de Alice, resolveu se dedicar à música. (opções de estudo contrárias)
Entrou à direita ao invés de entrar à esquerda. (Direita e esquerda se opõem)

EM VEZ DE: igual a "em lugar de".

Exemplos:

Em vez de Pedro, Paulo foi o orador da turma. (Um tomou o lugar do outro)

João foi à praia em vez de ir ao jogo. (Ir à praia e ir ao jogo não são coisas opostas, e sim lugares diferentes).

- ALEIJADO ou ALEJADO?

Deve-se dizer e escrever "**aleijado**".

- AMAZONA ou CAVALEIRA?

De fato as gramáticas costumam trazer "amazona", como feminino de "cavaleiro", mas é bom saber que os dicionários registram também a forma "cavaleira".

- À MEDIDA QUE / NA MEDIDA EM QUE

À MEDIDA QUE: significando "à proporção que".

Exemplo: Senhas eram distribuídas aos candidatos à medida que eles entravam nas filas de inscrição.

NA MEDIDA EM QUE: equivalente a "no momento, no instante em que".

Exemplo: Terás muito mais força e resistência na medida em que deixares de fumar e beber tanto.

- ANARQUIA/AUTARQUIA/OLIGARQUIA

ANARQUIA: ausência de governo;

AUTARQUIA: auto (= si mesmo) + arquia (= governo);

OLIGARQUIA: governo de poucos.

- A NÍVEL DE ou EM NÍVEL DE?

Em verdade, a forma "a nível de" está incorreta. Deste modo, devemos usar a expressão "em nível de", mesmo assim somente quando houver "níveis".

Exemplos:

Este problema só poderá ser resolvido em nível de diretoria (assessoria, secretaria...).

As decisões tomadas em nível federal (estadual, municipal) poderão ser definitivas.

Observação: quanto ao mar, é aceitável dizer "ao nível do mar" ou "no nível do mar".

- ANTÁRTICA ou ANTÁRTIDA?

Veja o que dizem alguns dicionários sobre o adjetivo Antártico:

1. "Oposto ao pólo ártico, o pólo meridional do mundo" (Caldas Aulete);
2. "Oposto ao pólo ártico, do pólo sul" (Aurélio);
3. "Do pólo sul, oposto ao pólo ártico, relativo à Antártida" (Luft).

Assim sendo, a região é Antártica, temos o Oceano Glacial Antártico e o Círculo Polar Antártico. Tradicionalmente, o nome do continente é "Antártida", porém pelo seu emprego constante, tanto na linguagem falada quanto na escrita, a forma "Antártica" já vem sendo aceita sem restrições.

- AONDE / ONDE / DE ONDE

AONDE: com verbos que indicam movimento, um destino, como o verbo ir.

Exemplos:

Aonde você vai?

Aonde você quer chegar?

ONDE: com verbos que indicam permanência, como o verbo estar.

Exemplos:

Onde você está?

A casa onde moro é muito antiga.

DE ONDE ou DONDE: com verbos que indicam procedência.

Exemplos:

De onde você saiu?

Donde você surgiu?

- ESTOU A PAR ou AO PAR DO ASSUNTO?

Apesar de alguns registros de "a par de" e "ao par de" como equivalentes a "ao corrente de", a expressão mais recomendada e abonada é "a par de". O dicionário "Aurélio" diz que "ao par de" é "forma menos preferível"; o "Dicionário Prático de Regência Nominal", de Celso Luft, dá as duas expressões como equivalentes. O "Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea", da Academia das Ciências de Lisboa, e o de Caldas Aulete, entre outros, só abonam a expressão "estar a par do assunto".

- AO PERSISTIREM / A PERSISTIREM

Analisemos duas construções muito comuns, atualmente, em peças publicitárias de medicamentos:

"Ao persistirem os sintomas, o médico..." / "A persistirem os sintomas, o médico..."

Qual é a melhor? Ou tanto faz?

Raciocinemos juntos.

- Quando se diz "Ao sair, apague a luz", refere-se a algo equivalente a "Quando sair, apague a luz". A ideia predominante em orações introduzidas por "ao" é a de tempo: "Ao chegar, telefone" ("Quando chegar, telefone").
- "Ao ouvir o sinal, não cruze a linha férrea" ("Quando ouvir o sinal, não cruze a linha férrea"). Então a frase "Ao persistirem os sintomas, o médico..." equivale a "Quando persistirem os sintomas, o médico...". Essa construção não é incorreta, mas será que é exatamente isso o que se quer dizer, ou seja, será que a ideia predominante é a de tempo ("Quando persistirem os sintomas, o médico...")? Ou é a de condição ("Se persistirem os sintomas, o médico...");
- "Caso persistam os sintomas, o médico..."? Se a intenção é dizer que o médico deverá ser consultado no caso de persistirem os sintomas, deve-se trocar o "ao" por "a": "A persistirem os sintomas, o médico..."
- Não custa lembrar duas coisas:

1ª) Se a opção for por "se", a forma verbal é "persistirem"; se for por "caso", é "persistam".

2ª) Nem sempre a troca de "a" por "se" deixa intacta a forma verbal. Nesses casos, a preposição "a" põe o verbo no infinitivo ("A manter a calma, resolverá tudo em pouco tempo"), enquanto a conjunção "se" o põe no subjuntivo ("Se mantiver a calma, resolverá tudo em pouco tempo").

- No caso de "persistir" a forma não muda ("A persistirem" / "Se persistirem")? Porque o verbo é regular, o que significa que o futuro do subjuntivo tem formas semelhantes às do infinitivo. Veja outros exemplos: "A continuar assim, será excluído"; "Se continuar assim, será excluído"; "A aceitar nossas condições, será contratado"; "Se aceitar nossas condições, será contratado". Veja agora o que ocorre com verbos irregulares: "A ser convocado, partirá imediatamente"; "Se for convocado, partirá imediatamente"; "A haver o perdão..."; "Se houver o perdão...".

Por fim, resta dizer que as construções condicionais com o "a" são eruditas. Comuns em textos clássicos, ainda se encontram em obras jurídicas ou filosóficas, e também em ensaios literários. (P.C.N.)

- A PRINCÍPIO / EM PRINCÍPIO

A PRINCÍPIO: significa "inicialmente, no começo, num primeiro momento".

Exemplos: A princípio, havia dez operários trabalhando naquela obra.

A princípio, o casamento de Vera e Filipe ia bem.

EM PRINCÍPIO: igual a "em tese, antes de qualquer consideração, teoricamente".

Exemplos: Em princípio, sou contra a presença de políticos nessa festa.

Em princípio, sou a favor do Parlamentarismo no Brasil.

Assim, quando se quer dizer que "num primeiro momento" se é contra alguma coisa, deve-se

FALAR "a princípio". Agora, sendo-se contra a ALGUMA COISA só "em tese", é preferível se dizer "em tese", para maior clareza do enunciado: "Em tese, sou contra a pena de morte."

- DECISÃO ARBITRADA ou ARBITRÁRIA?

Segundo a maioria dos nossos dicionários, devemos fazer a seguinte distinção:

- a) "Uma decisão arbitrada" é aquela que foi julgada por um árbitro. Arbitrar é decidir na qualidade de árbitro; sentenciar como árbitro. Árbitro é o juiz nomeado pelas partes para decidir as suas questões.
- b) "Uma decisão arbitrária" é resultante de arbítrio pessoal, ou sem fundamento em lei ou em regras. Portanto, uma decisão arbitrada não é necessariamente arbitrária.

- ARREBALDES ou ARRABALDES?

As duas palavras existem e constam do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras. O termo "arrabalde" significa cercania, subúrbio, e é mais usado.

- AO REDOR DE / DE REDOR DE

Quando se está em volta de algo, pode-se usar não só estas duas expressões como também: "ao redor de", "em redor de", "em torno a", "em torno de". E existe ainda a expressão "em derredor de". Exemplo: "Os meninos quedos e taciturnos olhavam em derredor de si com tristeza". O trecho de

"O Seminarista", de Bernardo Guimarães, citado no dicionário Aurélio. "Quedo" é sinônimo de "quieto"; "taciturno" significa "silencioso, calado, sem palavras".

- ARTIGO DEFINIDO

Numa frase em que haja uma relação de itens, ou se precede todos com o artigo definido ou nenhum deles.

Exemplos:

Os líderes do PT, PSDB, PDT E PMDB estão se reunindo hoje. (errado)

Os líderes do PT, do PSDB, do PDT e do PMDB estão ... (correto)

Os líderes de PT, PSDB, PDT e PMDB estão... (correto)

- AS PARTÍCULAS "ATÉ" E "NEM"

ATÉ: "Até" é uma partícula que traz a ideia de inclusão.

Exemplo: Até o diretor estava presente no show dos alunos.

NEM: "Nem" deve ser usado quando houver ideia de exclusão.

Exemplo: "Nem mesmo os jornalistas credenciados puderam entrar no camarim da Madona."

- EMPREGO DA LOCUÇÃO PREPOSITIVA "ATRAVÉS DE"

Silva (ano) diz que nas "normas escritas" em seu trabalho se empregava "através de" com o sentido de "por intermédio de" ou "por meio de", mas recentemente esse uso foi abolido.

Até 1998 os dicionários brasileiros só davam à expressão "através de" com o sentido de "pelo meio de", "por dentro de", "de um lado para o outro" etc.

Exemplos: "Ele escapou através da janela do banheiro."

"Os pássaros voavam através dos galhos das árvores."

Apesar do largo uso (oral e escrito) de "através de" com o sentido de "por intermédio de" ou "por meio de", nossos dicionários insistiam em não registrar esse valor da expressão. Salvo engano, é da última edição do "Aurélio" ("Novo Aurélio Século XXI", publicado em 1999) o primeiro registro de "através de" com o sentido de "por intermédio de". O "Houaiss" (lançado em 2001) registra a expressão com o sentido (classificado de "figurado") de "por meio de", "mediante", com estes **exemplos:**

"Educar através de exemplos."

"Conseguiu o emprego através de artifícios."

O "Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea", lançado em 2001 pela Academia das Ciências de Lisboa, não faz cerimônia e dá à locução "através de" o sentido de "por meio de", com estes exemplos:

"Conseguiu o seu intento através de um stratagemma."

"Soube a notícia através dela."

O recém-lançado "Dicionário de Usos do Português do Brasil", do professor Francisco S. Borba, também registra exemplos do emprego de "através de" com o sentido de "por meio de". Exemplo: "O encantamento se faz através da magia e do mistério", de "O Lobisomem e Outros Contos", de H. Sales.

O que não ganha legitimidade ou registro é esta extravagância, comum em textos do jornalismo esportivo:

"O gol do Fluminense foi marcado através de Romário".

Alguém teria coragem de dizer que o gol do Fluminense foi marcado por intermédio (ou "por meio") de Romário?

Se alguém pensou em dizer que sim, é bom desistir. O gol não foi marcado "por intermédio" ou "por meio" de quem quer que seja, por uma razão muito simples: o gol foi marcado por (simplesmente) Romário. O que temos aí é uma expressão ("por Romário") que indica o agente do processo realizado pela expressão verbal passiva "foi marcado".

Alguém diz que a mercadoria foi roubada "através de um homem alto, magro, calvo"? Certamente, não. Se dissermos que a mercadoria foi roubada "por um homem alto, magro, calvo", nada de dizer "gol marcado através/por meio/por intermédio de Romário". No uso culto, não há registro de "através de" para introduzir o agente de formas verbais passivas. (P.C.N.)

- AUMENTOS "ENTRE...% A...%" ou "DE...% A...%"?

Quando se deseja dizer, por exemplo, que as vendas de um produto tiveram um aumento de 15%, ou 16%, ou 17%, ou qualquer fração entre 15% e 17%, deve-se preferir a expressão "as vendas aumentaram de 15% a 17%".

Utilizando-se a expressão "entre 15% a 17%", parecerá que o aumento foi de 16% ou qualquer fração entre 15% e 17% (dando sempre a impressão de ser mais que 15% e menos que 17%).

- BENVINDO ou BEM-VINDO?

A forma correta é "bem-vindo". Não existem as formas "benvindo" e "ben-vindo", porque o advérbio "bem" é com "m", e por serem duas palavras autônomas, formando uma palavra composta, são escritas separadamente e ligadas por hífen.

- BEM-QUISTO ou BENQUISTO?

A forma correta é "benquisto" que significa bem-visto.

Exemplo: Aquele policial é muito benquisto pela vizinhança.

- BIMENSAL / BIMESTRAL / BIENAL

BIMENSAL: o que acontece ou aparece duas vezes no mês;

BIMESTRAL: quando o intervalo é de dois meses;

BIENAL: intervalo de dois anos.

- BUJÃO / BOTIJÃO DE GÁS

As duas palavras existem e constam do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da ABL.

- CABEÇADA / CABECEADA

CABEÇADA (substantivo).

Exemplos:

Zico deu uma cabeçada muito forte na bola.

Sandra andava pela rua distraída e deu uma cabeçada no "orelhão".

CABECEADA (particípio do verbo CABECEAR).

Exemplo: A bola foi cabeceada para o fundo das redes.

- CABELEIREIRO ou CABELEREIRO?

O termo correto é "cabeleireiro", derivado de "cabeleira".

- CALEFAÇÃO / CALAFETAÇÃO

CALEFAÇÃO: aquecimento;

CALAFETAÇÃO: ação de calafetar, tapar, vedar.

- CAMINHONEIRO ou CAMIONEIRO?

Diz-se corretamente "caminhoneiro". Do mesmo modo deve-se falar também "caminhonete".

- CARANGUEJO ou CARANGUEIJO?

A forma correta é "caranguejo".

- CASAS GERMINADAS ou GEMINADAS?

Casas duplicadas, feitas aos pares, devem ser chamadas de "casas geminadas". "Geminadas" e "geminar" são palavras da mesma família. E "geminado" é sinônimo de "gêmeino": casas gêmeas ou geminadas.

- CATACLISMA ou CATACLISMO?

A forma correta é "cataclismo", que significa "Grande inundação, dilúvio". Figurativamente, pode significar "convulsão social, revolta". E ainda "grande desastre, derrocada". Na prática, a palavra é quase sempre empregada com este último sentido.

- CHINELAS / CHINELOS

As duas formas estão corretas.

- CHOPARIA ou CHOPERIA?

As duas formas podem ser consideradas corretas, pois para a ABL é "choparia"; para o "Aurélio", "choperia".

- CÍRCULO ou CICLO VICIOSO?

A expressão correta é "círculo vicioso".

- COMERCIALIZAR / VENDER

COMERCIALIZAR: comprar, vender, alugar, emprestar...;

Exemplo: Esta empresa comercializa automóveis e caminhões em todo o país.

VENDER: é uma das atividades da comercialização de um produto.

Exemplo: O Vectra está sendo vendido por um preço bem em conta.

- COMPANHIA

A forma correta desta palavra é "companhia", e não "compania", significando tanto "empresa", "firma", quanto "presença de uma pessoa", "convívio com alguém".

- COM RESERVAS / RESERVADAMENTE

COM RESERVAS: com cuidado, com restrições.

Exemplo: Tratou do assunto com reservas. (= Não abriu o jogo, não disse tudo que sabia)

RESERVADAMENTE: sigilosamente, confidencialmente.

Exemplo: Tratou do assunto reservadamente. (= a sós, confidencialmente)

- CONFERÊNCIA (Palestra)

Pessoas não "dão" uma conferência nem uma palestra, e sim as "fazem" ou as "proferem".
Exemplo: Dr.^a Luzia fez (proferiu) uma conferência (palestra) sobre direito do trabalho ontem.
Observação: No entanto, pessoas "dão recitais".

- CONFISCAR / DESAPROPRIAR

CONFISCAR: apreender algo, privar alguém de um bem sem indenização.

Exemplo: A Justiça Federal confiscou os bens daquele juiz corrupto.

DESAPROPRIAR: privar alguém de alguma coisa, mas com indenização.

Exemplo: Para a construção do metrô, vários imóveis foram desapropriados.

- CONTACTO / CONTATO

As duas formas estão presentes no "Novo Aurélio" e no "Vocabulário Ortográfico". Estranhamente, o "Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa" não registra "contacto", embora o "Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos" registre "contacto" e "contato" como equivalentes. Assim também com: "contactar / contatar", "corrupção / corrução", "aspecto / aspeto", "estupefacto / estupefato".

Já a forma "aficionado" não existe. O certo é "aficionado", com a pronúncia igual a "acionado".

Exemplo: Ele é um aficionado em cinema.

(Ver também "detector/detetor"; "veredicto / veredito".)

- CONTESTAR

Deve-se empregar este verbo em relação a acusações, argumentos, alegações. Para se fazer oposição a pessoas, é mais indicado usar o verbo "enfrentar".

Exemplos:

Os alunos contestaram os argumentos apresentados pelos donos de escolas para o aumento nas mensalidades de seus cursos.

Aquele jogador de futebol enfrentou o juiz por tê-lo expulso de campo.

- CONVALESCENÇA ou CONVALESCÊNCIA?

O termo correto é "convalescença".

EXAME DE CORPO DE DELITO ou CORPO DELITO?

A expressão correta é "corpo de delito". Significa o fato material usado como prova de um crime.

- CRONOGRAMA / ORGANOGRAMA

CRONOGRAMA: representação gráfica da previsão da execução de um trabalho, na qual se indicam os prazos;

ORGANOGRAMA: representação gráfica de uma organização, na qual se indicam as unidades constitutivas, suas inter-relações, suas funções, seus limites.

- CUECA / CUECAS

O dicionário de Aurélio Buarque diz que as duas formas são possíveis, desde que com o artigo adequado: "a cueca" ou "as cuecas".

**IMPORTANTE**

**A mesma regra pode ser aplicada ao par "calça / calças".
Saiba a origem de algumas expressões que usamos no dia a dia**

Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br>. Acessado em: 13 abr. 2010.

1.2.4 CONTEÚDO 8 – EXEMPLOS DE GÊNERO TEXTUAL E EXERCÍCIOS.

Nesse conteúdo, veremos exemplos de diversos gêneros textuais e faremos alguns exercícios relacionados ao tema. Nesse ínterim, informo-lhes que alguns desses exercícios terão como Parâmetro o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) o qual integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Ele tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.

É uma forma de arte que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos. São, em geral, publicadas no formato de revistas, livros ou em tiras publicadas em revistas e jornais.

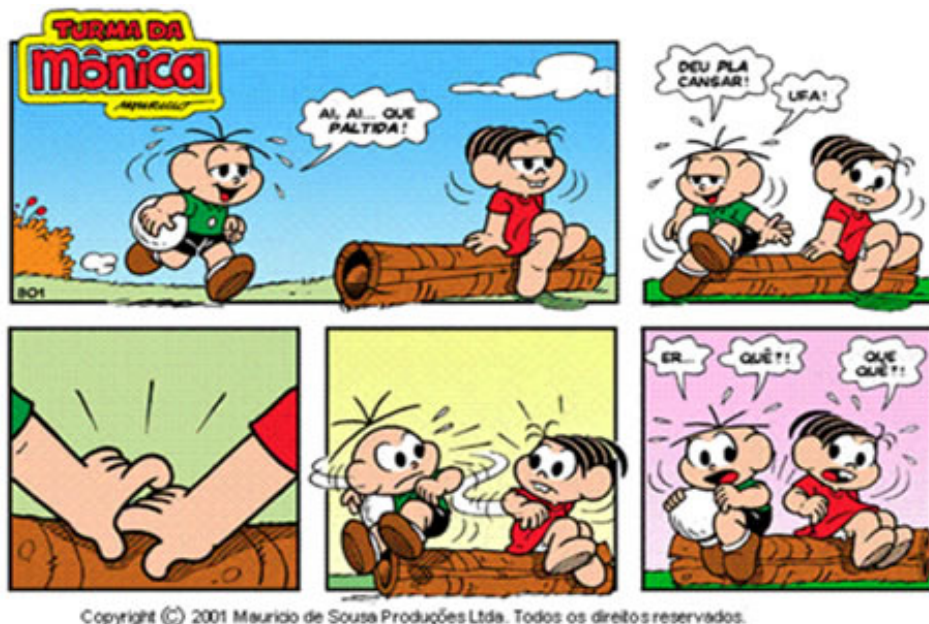
HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO BRASIL

As histórias em quadrinhos começaram no Brasil no século XIX, adotando um estilo satírico conhecido como cartuns e que depois se estabeleceria com as populares tiras diárias. A publicação de revistas próprias de histórias em quadrinhos no Brasil começou no início do século XX. Mas, apesar do país contar com grandes artistas durante a história, a influência estrangeira sempre foi muito grande nessa área, com o mercado editorial dominado pelas publicações de quadrinhos americanos, europeus e japoneses. Atualmente, o estilo comics dos super-heróis americanos é o predominante, mas vem perdendo espaço para uma expansão muito rápida dos quadrinhos japoneses (conhecidos como Mangá). Artistas brasileiros têm trabalhado com ambos os estilos. No caso dos comics alguns já conquistaram fama internacional (como Roger Cruz que desenhou X-Men e Mike Deodato que desenhou Thor, Mulher Maravilha, entre outros).

A única vertente dos quadrinhos da qual se pode dizer que se desenvolveu um conjunto de características profundamente nacional é a tira. Apesar de não ser originária do Brasil, no país ela desenvolveu características diferenciadas. Sob a influência da rebeldia contra a ditadura durante os anos 1960 e mais tarde de grandes nomes dos quadrinhos underground nos 80 (muitos dos quais ainda em atividade), a tira brasileira ganhou uma personalidade muito mais "ácida" e menos comportada do que a americana.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org> . Acessado em: 13 abr. 2010.

Vejam um exemplo:



[HTTP://WWW.ESCOLAKIDS.COM](http://www.escolakids.com)

A CHARGE

Charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas. A palavra é de origem francesa e significa carga, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. Muito utilizadas em críticas políticas no Brasil. Apesar de ser confundido com cartoon (ou cartum), que é uma palavra de origem inglesa, é considerado como algo totalmente diferente, pois ao contrário da charge, que sempre é uma crítica contundente, o cartoon retrata situações mais corriqueiras do dia a dia da sociedade.

Mais do que um simples desenho, a charge é uma crítica político-social na qual o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira. Para entender uma charge não precisa ser necessariamente uma pessoa culta, basta estar por dentro do que acontece ao seu redor. A charge tem um alcance maior do que um editorial, por exemplo, por isso a charge, como desenho crítico, é temida pelos poderosos. Não é à toa que quando se estabelece censura em algum país, a charge é o primeiro alvo dos censores.

O termo charge vem do francês charger que significa carga, exagero ou, até mesmo ataque violento (carga de cavalaria). Isto significa aqui uma representação pictográfica de caráter, como diz no primeiro parágrafo, burlesco e de caricaturas. É o cartoon, mas que satiriza um certo fato, como ideia, acontecimento, situação ou pessoa, envolvendo principalmente casos de caráter político que seja de conhecimento do público.

As charges foram criadas no princípio do século XIX (dezenove), por pessoas opostas a governos ou críticos políticos que queriam se expressar de forma jamais apresentada, inusitada. Foram reprimidos por governos (principalmente impérios), porém ganharam grande popularidade com a população, fato que acarretou sua existência até os tempos atuais.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Charge>. Acessado em: 13 abr. 2010.

A CARTA

Inicialmente, é preciso destacar dois tipos básicos de carta. O primeiro é a correspondência oficial e comercial, que nos é enviada pelos poderes políticos ou por empresas privadas (comunicações de multas de trânsito, mudanças de endereço e telefone, propostas para renovar assinaturas de revistas etc.).

Este tipo de carta caracteriza-se por seguir modelos prontos, em que o remetente só altera alguns dados. Apresentam uma linguagem padronizada (repare que elas são extremamente parecidas, começando geralmente por “Vimos por meio desta...”) e normalmente são redigidas na linguagem formal culta. Nesse tipo de correspondência, mesmo que seja assinada por uma pessoa física, o emissor é uma pessoa jurídica (órgão público ou empresa privada), no caso, devidamente representada por um funcionário.

Outro tipo de correspondência é a carta pessoal, que utilizamos para estabelecer contato com amigos, parentes, namorado (a). Tais cartas, por serem mais informais que a correspondência oficial e comercial, não seguem modelos prontos, caracterizando-se pela linguagem coloquial. Nesse caso, o remetente é a própria pessoa que assina a correspondência.

Embora você possa encontrar livros com “modelos” de cartas pessoais (principalmente “modelos de carta de amor”), fuja deles, pois tais “modelos” se caracterizam por uma linguagem artificial, surrada, repleta de expressões desgastadas, além de serem completamente ultrapassados.

Não há regras fixas (nem modelos) para se escrever uma carta pessoal. Afora a data, o nome (ou apelido) da pessoa a quem se destina e o nome (ou apelido) de quem a escreve, a forma de redação de uma carta pessoal é extremamente particular.

No processo de comunicação (e a correspondência é uma forma de comunicação entre pessoas), não se pode falar em linguagem correta, mas em linguagem adequada. Não falamos com uma criança do mesmo modo como falamos com um adulto.

A linguagem que utilizamos quando discutimos um filme com os amigos é bastante diferente daquela a que recorremos quando vamos requerer vaga para um estágio ao diretor de uma empresa. Em síntese: a linguagem correta é a adequada ao assunto tratado (mais formal ou mais informal), à situação em que está sendo produzida, à relação entre emissor e destinatário (a linguagem que você utiliza com um amigo íntimo é bastante diferente da que utiliza com um parente distante ou mesmo com um estranho).

Na correspondência deve ocorrer exatamente a mesma coisa: a linguagem e o tratamento utilizados vão variar em função da intimidade dos correspondentes, bem como do assunto tratado. Uma carta a um parente distante comunicando um fato grave ocorrido com alguém da família apresentará uma linguagem mais formal. Já uma carta ao melhor amigo comunicando a aprovação no vestibular terá uma linguagem mais simples e descontraída, sem formalismos de qualquer espécie.

As Expressões Surradas

Na produção de textos, devemos evitar frases feitas e expressões surradas (os chamados clichês), como “nos píncaros da glória”, “silêncio sepulcral”, “nos primórdios da humanidade” etc. Na carta, não é diferente. Fuja de expressões surradas que já aparecerem em milhares de cartas, como “Escrevo-lhes estas mal traçadas linhas” ou “Espero que esta vá encontrá-lo gozando de saúde” (originais, não?)

A Coerência no Tratamento

Na carta formal, é necessário a coerência no tratamento. Se a iniciamos tratando o destinatário por tu, devemos manter esse tratamento até o fim, tomando todo o cuidado com pronome e formas verbais, que deverão ser de segunda pessoa: se, ti, contigo, tua, dize, não digas etc. Caso comecemos a carta pelo tratamento você, devemos manter o tratamento em terceira pessoa até o fim: se, si, consigo, o, a, lhe, sua, diga, não digas etc.

Nesse tipo de carta, são comuns os erros de uniformidade de tratamento como o que apresentamos abaixo:

Você deverá comparecer à reunião. Espero-te ansiosamente.

Não se esqueça de trazer tua agenda.

Observe que não há nenhuma uniformidade de tratamento: começa-se por você (terceira pessoa), depois passa-se para a segunda pessoa (te), volta-se à terceira (se), terminando com a segunda (tua).

Ainda com relação à uniformidade, fique atento ao emprego de pronomes de tratamento como Vossa Senhoria, Vossa Excelência etc. Embora se refiram às pessoas com quem falamos, esses pronomes devem concordar na terceira pessoa. Veja:

Aguardo que Vossa Senhoria possa enviar-me ainda hoje os relatórios de sua autoria. Vossa Excelência não precisa preocupar-se com seus auxiliares.(ERNANI; NICOLA, 2001, p, 400-402.)

EXEMPLOS DE CARTAS

TEXTO 1

	<i>São Paulo, 7 de dezembro de 2007.</i>
	<i>Prezado Kibe,</i>
	<i>Eu sou são-paulino, mas acho que em vez de fazer piadinhas sobre o ocorrido, todos nós temos de lamentar pelo que aconteceu no último Campeonato Brasileiro.</i>
	<i>A queda para a 2ª divisão de um grande clube do futebol brasileiro pode até deixar alguns torcedores contentes, mas na verdade, devíamos estar tristes.</i>
	<i>O rebaixamento foi consequência de uma administração incompetente que refletiu em uma campanha pior ainda. Infelizmente algo comum em nosso país. Por isso, não só a torcida, mas todos os brasileiros deveriam parar para refletir sobre o que aconteceu.</i>
	<i>Disputar a 2ª divisão não é digno de um clube tão conhecido, que já disputou inclusive a Taça Libertadores da América. Por isso, acho que todos nós, amantes do bom futebol, temos de nos unir e fazer um voto de confiança para que este clube esteja em 2009 de volta a 1ª divisão!</i>
	<i>Força, PARANÁ CLUBE! Você é muito grande!</i>
	<i>Abs,</i>
	<i>M. Junqueira.</i>
	<i>kibeloco.com.br</i>

[HTTP://NATRAVEFUTEBOLEMUSICA.BLOG.UOL.COM.BR/IMAGES/CARTA.JPG](http://NATRAVEFUTEBOLEMUSICA.BLOG.UOL.COM.BR/IMAGES/CARTA.JPG)

TEXTO 2

MIC MINISTÉRIO DA CULTURA

CENTRO CULTURAL DE BELÉM
Administração

Exmo. Senhor
Comendador José Manuel Rodrigues Berardo
M.I. Presidente
Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Coleção Berardo

Senhor Presidente,

Por cortesia sua, que muito agradeço, desempenhei até hoje as funções de Presidente do Conselho de Fundadores da Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Coleção Berardo.

Ao aceitar o honroso convite que me foi dirigido por V. Exa. na presença da Senhora Ministra da Cultura, no dia 31 de Maio de 2006, tive como única intenção dar para o exterior a imagem de uma certa unidade de propósitos entre a Fundação a que V. Exa. preside e a Fundação Centro Cultural de Belém, de que sou presidente desde Janeiro de 2006. Tinha presente que, quaisquer que fossem os obstáculos de percurso, o objectivo principal era abrir ao público o Museu, como o Governo e V. Exa. pretendiam.

Com a bem sucedida inauguração do Museu Coleção Berardo de Arte Moderna e Contemporânea, hoje, dia 25 de Junho, cessam as razões que me fizeram aceitar o convite para presidir ao Conselho de Fundadores. Assim sendo, apresento a V. Exa. o meu pedido de demissão do cargo de Presidente do Conselho de Fundadores da Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Coleção Berardo.

Por deliberação do Conselho de Administração da Fundação Centro Cultural de Belém, continuarei, no entanto, a representar esta Fundação nesse Conselho de Fundadores, nos termos e para os efeitos do Artº 21º dos Estatutos da Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Coleção Berardo.

Do teor desta carta darei conhecimento aos restantes membros do Conselho de Fundadores.

Com os meus melhores cumprimentos,

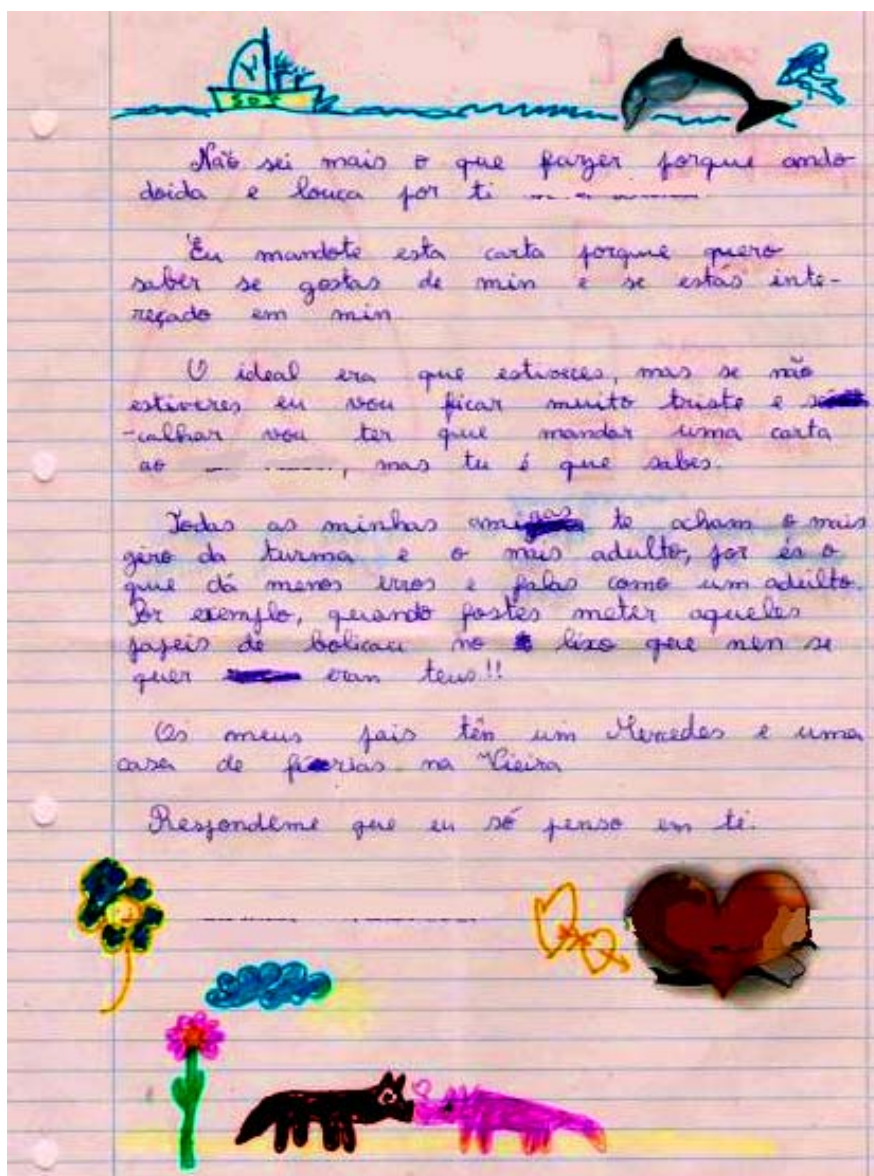

António Mega Ferreira

Lisboa, 25 de Junho de 2007

Fundação Centro Cultural de Belém
Praça do Império 1449-003 Lisboa Portugal Tel: 351-21-361 24 00 Fax: 351-21-361 25 00
e-mail: ccb@ccb.pt
Contribuinte N° 502 857 145

[HTTP://RESEVA.NO.SAPO.PT/CARTA](http://RESEVA.NO.SAPO.PT/CARTA)

TEXTO 3



[HTTP://5DIAS.NET/WP-CONTENT/UPLOADS](http://5DIAS.NET/WP-CONTENT/UPLOADS)

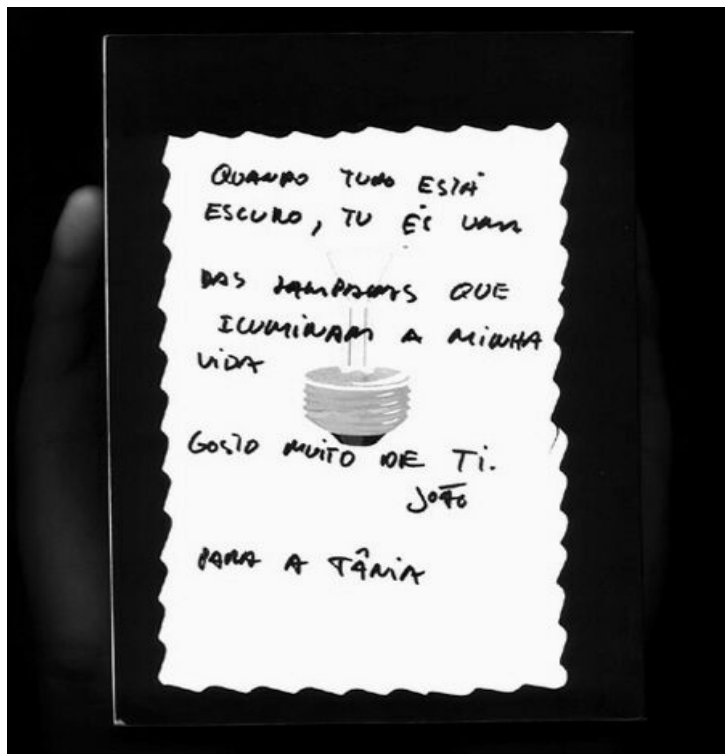
Os dois exemplos acima são bastante significativos para o estudo da carta, percebam que ambas têm destinatários e assuntos diferentes, mas as duas se preocuparam com uma linguagem clara, objetiva e dinâmica para expor suas mensagens. Observem que os pronomes de tratamento foram respeitados diante da pessoa a quem se destinavam as mensagens, bem como não foi utilizada nenhuma expressão chula, ou mesmo gírias. Outro aspecto importante nessas exposições é a continuidade da pessoa do discurso.

Em relação ao terceiro exemplo, percebam que as partes da carta não foram observadas. Levemos em consideração a provável idade do emissor desse texto, haja vista as marcas da menor idade ser claras, como por exemplo, os desenhos. Além disso, ficou latente a inobservância da devida colocação pronominal, aspecto fundamental na produção de texto.

O BILHETE

Utiliza-se o bilhete para pequenas mensagens escritas. Esse tipo de texto tem como características a pequena extensão, o fato de ser escrito em linguagem informal e de tratar de assunto que não necessita de sigilo, já que normalmente não é colocado dentro de envelopes. (ERNANI; NICOLA, 2001, p, 404)

EXEMPLO:



[HTTP://ICCIMA.NO.SAPO.PT/BILHETE.JPG](http://iccima.no.sapo.pt/bilhete.jpg)

O E-mail

O e-mail é, na sociedade informatizada, o meio de transmissão de mensagens entre pessoas e empresas que mais tem sido utilizado.

[...]

As vantagens do e-mail sobre as demais formas de correspondências são inúmeras. Por meio dele você poderá enviar, de sua própria casa ou de qualquer lugar que tenha um computador conectado à internet, mensagens para pessoas em praticamente todas as partes do mundo, sem a necessidade de ir ao correio, comprar selo, envelope, ou seja, sem custo algum (exceto os custos de estar ligado à internet, é claro).

Outra grande vantagem do e-mail é a velocidade na transmissão da mensagem, já que esta é enviada ao destinatário por via telefônica, o que implica que a mensagem chegará ao destinatário poucos segundos depois de enviada, esteja ele onde estiver.

[...]

A linguagem utilizada no e-mail varia, como em outros tipos de correspondência, em função do assunto da mensagem e do destinatário. Portanto, se o destinatário é um colega de classe a quem você pretende fazer um convite para uma festa, a linguagem do e-mail tenderá a ser colo-

qual. Se, no entanto o destinatário é o diretor de uma empresa a quem você pretende pedir um estágio, a linguagem deverá ser formal. (ERNANI; NICOLA, 2001, p, 407-409.)

EXEMPLO:

fotos de quando saímos juntos!!

De: **Maria Montenegro** (Maria_Montenegro@mail.sapo.pt)
 É possível que não conheça este remetente.
 Marcar como seguro |
 Marcar como correio electrónico não solicitado

Enviada: sexta-feira, 16 de Outubro de 2009 6:48:37
 Para: Recipients (Maria_Montenegro@mail.sapo.pt)

oiieee,
 estou lhe enviando aquelas fotos de quando saímos juntos... foi muito inesquecível nunca vou esquecer quando vamos sair novamente ?? aqui Estão as fotos que tiramos juntos espero que goste.
 Bjooss Maria Montenegro.

Segue em anexo:

[DSC00-54401.JPG](#) 
[DSC000-54402.JPG](#)  
[DSC000-54403.JPG](#) 


[HTTP://2.BP.BLOGSPOT.COM](http://2.bp.blogspot.com)



IMPORTANTE

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO

O pronome de tratamento faz parte do grupo dos pronomes pessoais. Estes podem ser: retos; oblíquos e de tratamento.

Pronomes de tratamento são aqueles que substituem a terceira pessoa gramatical. Alguns são usados em tratamento cerimonioso e outros em situações de intimidade. Conheça alguns:

Você (v.)	tratamento familiar
Senhor (Sr.), Senhora (Sra.)	tratamento de respeito
Senhorita (Srta.)	moças solteiras
Vossa Senhoria (V.Sa.)	para pessoa de cerimônia
Vossa Excelência (V.Exa)	para altas autoridades
Vossa Reverendíssima (V. Revma.)	para sacerdotes
Vossa Eminência (V.Ema.)	para cardeais

Vossa Santidade (V.S.)	para o Papa
Vossa Majestade (V.M.)	para reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial (V.M.I.)	para imperadores
Vossa Alteza (V.A.)	para príncipes, princesas e duques

Na hora de escreverem as correspondências oficiais, fiquem atentos ao emprego adequado desses pronomes.

Você Sabia?

Os pronomes e os verbos ligados aos pronomes de tratamento devem estar na 3ª pessoa.

EXEMPLO

- Vossa Excelência já terminou a audiência?

(No fragmento, dirigi-se a pergunta à autoridade).

Quando apenas nos referimos a essas pessoas, sem que estejamos nos dirigindo a elas, o pronome "vossa" se transforma no possessivo "sua".

EXEMPLO

- Sua Excelência já terminou a audiência?

(No fragmento, a pergunta não está sendo dirigida à autoridade, mas a uma terceira pessoa do discurso).

Menciono, ainda, a forma Vossa Magnificência, empregada por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo: Magnífico Reitor.

Sem dúvida a internet e o e-mail, hoje, são fundamentais para o estreitamento das relações, sejam elas comerciais ou pessoais. Isso por causa da celeridade e também pelo sigilo das informações, haja vista precisarmos, na maioria das vezes, de uma senha de acesso, o que não impossibilita a ação dos "piratas da internet", porém inibe essas ações.

Espero que vocês tenham percebido a semelhança do e-mail com a carta; é relevante lembrar de que esse tipo de correspondência com a ascensão dos e-mails diminuiu bastante, mas não deixou de existir, ainda há milhões de pessoas que se comunicam através das cartas.

Leremos agora um e-mail expondo a necessidade de se ter um e-mail gênero textual.

QUEM NUM TEM EMELHO, XIMBA!

Aí galera, Esse emelho é de Craudinei, mas aqui é Jonilso que tá falano.

É porque eu num tenho emelho, aí ele me liberôpra escrevê no dele. E eu quero falá é sobre isso mermo: emelho. A parada é a seguinte: ôto dia eu tava percurano um serviço no jornal aí eu vi lá uma vaga na loja de computadô. Aí eu fui lá vê colé a de mermo. Botei uma rôpa sacanage que eu tenho, joguei meu Mizuno e fui lá, a porra. Aí eu cheguei lá, fiz a ficha que a mulé me deu e fiquei lá esperano. Nêgo de gravata e as porra, eu só "nada... tô cumeno nada!". Aí, eu tô lá sentado, pá, aí a mulé me chama pa entrevista, lá na sala dela. Mulé boa da porra! Entrei na sala dela,

sentei, pá, aí ela começô: a mulé perguntano coisa como a porra, se eu sabia fazê coisa como a porra e eu só "sim senhora, que eu já trabalhei nisso e naquilo", jogano 171 da porra na mulé e ela cumento legal, a porra!

Aí ela parô assim, olhô pra ficha e mim perguntô mermo assim: "você mora aí, é?", aí eu disse "é". Só que eu nun sô minino, botei o endereço de um camarado meu e o telefone, que eu já tinha dado a idéa pra ele que se ela ligasse pá ele, ele dizê que eu sô irmão dele e que eu tinha saído, pra ela deixá recado, que aí era o tempo dele ligá pro orelhão do bar lá da rua e falá comigo ou deixá o recado que a galera lá dá. Eu nun vô dá meu endereço que eu moro ni uma bocada da porra! Aí a mulé vai pensá o que? Vai pensá que eu sô vagabundo tomém, né pai... Nada! Aí, tá. A mulé só perguntano e eu jogando um "h" da porra na mulé, e ela gostano vú... se abrindo toda... mulé boa da porra! Aí ela mim disse mermo assim: "ói, mim dê seu emelho que aí quando fô pra lhe chamá... - a mulé já ía me chamá já - ... quando fô pra lhe chamá, eu lhe mando um emelho". Aí eu digo "porra... e agora?". Aí eu disse a ela mermo assim "ói, eu vou lhe dá o emelho de um vizinho meu pra senhora, que ele tem computadô, aí ele mim avisa". Mintira da porra, que o cara mora longe como a porra e o computadô é lá do trabalho dele, aí ele ía tê que mim avisá pelo telefone lá da rua.

Aí, depois quando eu disse isso, a mulé empenô. Sem mintira niua, ela me disse mermo assim: "aí, não! como é que você qué trabalhá na loja de computadô e não tem emelho?". Aí ela bateu no meu ombro assim e disse "Ói, hoje em dia, quem num tem emelho ximba!". Falô mermo assim, véi, a miserave da mulé. Miserave! Mas aí, eu ía fazê o que, véi?

Aí uns dias depois eu acabei conseguindo um serviço de ajudante de predero: um pau da porra! Eu pego 7 hora da manhã e leva direto, a porra, de 7 a 7, aí meio dia para pra almuçá, comida fêa da porra, e acabô o almoço nun discansa não, volta pro serviço. É pau, vú véi... é pau viola mermo. É por isso que eu digo, é como a mulé disse: "quem nun tem emelho ximba, véi!". É isso aí. Os cara que nun recebero esse emelho vai ximbá, na moral, dá um pau da porra, quando chegá fim de mês, recebê uma merreca. Agora pra você que recebeu esse emelho, eu vô lhe dá a idéa, ói, vá lá na loja que ainda tem a vaga! Já fui!

Esse emelho é de Craudinei, mas aqui é Jonilso que tá falando.

Valeu!

Jonilso

Disponível em: <http://zamorim.com/textos/emelho.html>. Acessado em: 14 abr. 2010.

O texto sobre o e-mail ratifica a necessidade de nos comunicarmos com mais celeridade e estarmos antenados com as novas tecnologias, afinal de contas não poderemos ser de hipótese alguma "Analfabetos Digitais". Contudo o texto apresenta diversas inadequações em relação à linguagem formal, é obvio que houve a comunicação a partir da diversidade linguística informal. Porém, o texto apresenta inobservância quase que total aos aspectos linguísticos, como por exemplo, o desconhecimento do gerúndio (falano em vez de falando). Monotongações de palavras (vu em vez de viu). Desconhecimento do participípio e conseqüentemente a acentuação indevida (pensá em vez de pensar). Além das palavras de baixo calão e as gírias.

EXÉRCICIO

QUESTÃO ÚNICA.

Passa para a linguagem formal o texto "QUEM NUM TEM EMAIL XIMBA VEI".



IMPORTANTE

Em relação à linguagem empregada em e-mail por estudantes, é relevante lermos o texto abaixo.

O INTERNETÊS NA ESCOLA

POR FABIANO RAMPAZZO

O internetês - expressão grafolinguística criada na internet pelos adolescentes na última década - foi durante algum tempo um bicho de sete cabeças para gramáticos e estudiosos da língua. Eles temiam que as abreviações fonéticas (onde "casa" vira ksa; e "aqui" vira aki) comprometessem o uso da norma culta do português para além das fronteiras cibernéticas. Mas ao que tudo indica o temido internetês não passa de um simpático bichinho de uma cabecinha só. Ainda que a maioria dos professores e educadores se preocupe com ele (alertando os alunos em sala), a ocorrência do internetês nas provas escolares, vestibulares e em concurso públicos é insignificante. O "problema" é, no fim das contas, menor do que se imaginou.

- Nos simulados de redação que passo e corrijo não identifico a presença do internetês. É bem verdade que tenho o cuidado de orientar os alunos a não trazer esse "dialeto" para as provas. Em cada ambiente você usa uma roupa, não dá pra ir a uma recepção com a mesma roupa utilizada na praia. Talvez, até por eu alertar, não tenham aparecido esses problemas nas provas que passo", diz Mônica Domingos, professora de português do Progresso, que ministra cursos preparatórios para as provas de concurso público das polícias militar e civil, e para a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Habitat natural

Em outro curso, o FMB, que prepara alunos para provas de concursos públicos da área jurídica, Luiza Ricotta, psicóloga e professora, é categórica:

- Nos simulados que fazemos aqui não aparecem internetês - afirma. Segundo ela, os alunos sabem que as provas exigem o português em sua forma culta. - As abreviações de palavras aparecem, sim, nas anotações deles em sala de aula, mas na hora da prova eles sabem diferenciar - aponta.

Aliás, aí está a questão: saber separar bem a hora em que podemos escrever de qq jto, da hora e que não podemos escrever de "qualquer jeito". Mas, e para um adolescente que fica várias horas "teclando" que nem louco nos instant messengers e chats da vida, é fácil virar a "chavinha" no cérebro do internetês para o português culto?

- Essa dificuldade será proporcional ao contato que o adolescente tenha com textos na forma culta, como jornais ou obras literárias. Dependendo deste contato, ele terá mais facilidade para abrir mão do internetês numa prova - explica Eduardo de Almeida Navarro, professor livre-docente de língua tupi e literatura colonial da USP. Navarro é um dos que podem se sentir aliviados

dos com o fato de o internetês ainda estar restrito a seu habitat natural: a internet. Crítico dessa forma de expressão, ele diz ser lamentável que pessoas com anos de escolaridade utilizem essa escrita. - A língua é uma herança da qual temos que cuidar bem. Ver isso [o internetês] como uma evolução da língua é uma maneira de entender a questão, sem dúvida. Mas não podemos é deixar de entender textos mais antigos de nossa língua - ataca. Para Navarro, é natural e aceitável que os neologismos aconteçam. - Mas eles não podem fazer com que a gente deixe de se entender daqui a vinte anos - ressalta.

Bem, ao que parece, não estamos caminhando para isso. A Fuvest, que coordena e corrige as provas de vestibular da Universidade de São Paulo (USP), por meio de sua Coordenadoria de Comunicação, foi taxativa ao afirmar que "o chamado 'internetês' não aparece nas redações da Fuvest".

- O computador determina, muitas vezes, o tipo de texto que se faz. O aluno, diante da máquina, ciente de quem é exatamente seu interlocutor, fica mais à vontade para escrever vc no lugar de "você". Mas, quando esse cenário muda, seu comportamento também muda. Razão por que, crê-se, não há influência do referido internetês em nossas provas - explica o professor José Coelho Sobrinho, membro da Coordenadoria.

Nem nas escolas

Coerentemente com o diagnóstico identificado pela Fuvest, as escolas particulares parecem lidar com o problema, mas não sofrer com ele.

- Oriente meus alunos quando falhas desse tipo acontecem. Explico que são situações diferentes e que inadequações assim são inadmissíveis em qualquer vestibular, já que o registro da norma culta da língua é um dos critérios de avaliação. Preocupar-se com a linguagem, reler com atenção aquilo que se escreve, tudo isso é fundamental para o aluno que pretende redigir bem - afirma Carlos Conti Neto, professor de redação do Colégio Equipe. - Acredito que esses deslizos, quando acontecem, se devem ao fato de o aluno apelar para "certa escrita automática" utilizada na internet, mais rápida e prática para ele - explica.

Ednilson Quarenta, orientador do ensino médio do colégio Bialik, é mais um que sinaliza o internetês como um problema menor:

- Nas avaliações isso não tem aparecido tanto. - afirma Quarenta, que faz um alerta para outro problema que o uso maciço da internet pelos adolescentes pode estar causando: - Vejo um comprometimento maior na ausência de repertório, isso sim. Há uma grande dificuldade de textos mais desenvolvidos, e isso é sem dúvida uma consequência desse crescimento da internet, já que os meninos só ficam e escrevem no computador - avalia.

O fato é que o mito do internetês como monstro devorador de gramáticas e dicionários está, ao que tudo indica, desfeito. Podemos todos dormir tranquilos.

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br>. Acessado em: 14 abr. 2010.



SAIBA MAIS

Em relação ao texto sobre o "internetês" apresentado por Fabiano Rampazzo, é salutar saberem que existem vieses diferentes acerca desse assunto. Nessa perspectiva, indico-lhes que acessem ao link.

<http://www.meuartigo.brasilecola.com/portugues/internetes-ou-portuguesanalfabetismo-virtual.htm>.



IMPORTANTE

Antes de iniciar a redação de toda e qualquer produção textual, deve-se:

1. Ter um objetivo em mente.
2. Colocar-se no lugar do receptor.
3. Ter informações suficientes sobre o fato.
4. Planejar a estrutura da comunicação a ser feita.
5. Dominar todas as palavras necessárias.
6. Tratar do assunto com propriedade.
7. Selecionar fatos e evitar opiniões.
8. Refletir adequada e suficientemente sobre o assunto.
9. Ser natural, conciso e correto.
10. Usar linguagem de fácil compreensão.
11. Prestar informações precisas e exatas.
12. Responder a todas as perguntas feitas anteriormente pelo destinatário.

2 BLOCO TEMÁTICO 02 - CONEXÃO E SENTIDO TEXTUAL

2.1 TEMA 03 - A COESÃO TEXTUAL – OS CONECTIVOS

Segundo Carneiro (2001, p, 37.):

Etimologicamente, texto e tecido estão relacionados e, de fato, há razão para isso: o tecido é fruto de uma junção de pequenos fios que se vão ligando até o limite de uma extensão determinada; o texto, por seu lado, também tem seus componentes ligados a fim de que formem um só corpo estrutural. Aos elementos que realizam essa ligação se atribui a função de coesão, e eles correspondem basicamente a marcas linguísticas da superfície do texto, de caráter sintático ou gramatical.

A partir dessa explanação de Carneiro (2001), introduziremos os nossos estudos sobre a ligação das partes do texto com o objetivo de torná-los engendrados, ou seja, ligado e o que é mais importante com unidade, contribuindo dessa forma para o sentido e a compreensão dos enunciados linguísticos. Vejamos os nossos conteúdos.

2.1.1 CONTEÚDO 9 – CONCEITO E TIPOS DE COESÃO TEXTUAL

A COESÃO.

A coesão é uma das marcas fundamentais da textualidade e pode ocorrer por meio de mecanismos diversos: a coesão referencial, a coesão recorrencial e a coesão sequencial. (CARNEIRO, 2001, p, 37.).

Nessa perspectiva, é salutar observarmos o que diz Val (1999.p, 6-7.), sobre os mecanismos de coesão gramaticais e lexicais:

Entre os primeiros estão os pronomes anafóricos, os artigos, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, as conjunções, por exemplo. Todos esses recursos expressão relações não só entre os elementos no interior de uma frase, mas também entre frases e sequências de frases dentro de um texto.

Já a coesão lexical se faz pela reiteração, pela substituição e pela associação. A reiteração se dá pela simples repetição de um item léxico e também por processos como a nominalização (ex.: a retomada, através de um substantivo cognato, da ideia expressa por um verbo, como em adiar/adiamento ou promover/promoção). A substituição inclui a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia (quando o termo substituído representa uma parte ou um elemento e o substituidor representa o todo ou a classe – ex.: carroça/veículo), e a hiperonímia (quando o termo substituído representa o todo ou a classe e o substituidor uma parte ou um elemento – ex.: objeto/caneta.) Finalmente, a associação é o processo que permite relacionar itens do vocabulário pertinentes a um mesmo esquema cognitivo (por exemplo, se falarmos aniversário, podemos em seguida mencionar bolo, velinha, presentes, e esses termos serão interpretados como alusivos ao mesmo evento).

Para melhor compreendermos o que disseram Carneiro e Val, tomemos como exemplo o texto e a explicação abaixo.

Vejam os textos abaixo:

Ulysses era impressionante sob vários aspectos, o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura. Contemplando de perto, cara a cara, ele tinha a oferecer o contraste entre as longas pálpebras, que subiam e desciam pesadas como cortinas de ferro, e os olhos claríssimos, de um azul leve como o ar. As pálpebras anunciavam profundezas insondáveis. Quando ele as abria parecia estar chegando de regiões inacessíveis, a região dentro de si onde guardava sua força.

Roberto Pompeu de Toledo, Veja, 21 out. 1992

Esse trecho de reportagem gira em torno de Ulysses Guimarães, que é sua palavra-chave. É a retomada direta ou indireta do nome de Ulysses que dá estabilidade ao texto, encaminhando-o numa só direção: fazer uma descrição precisa desse político brasileiro. Além disso, as frases estão bem amarradas porque seu redator soube usar com precisão alguns dos recursos de coesão textual, tanto dentro da frase, quanto ao passar de uma frase para outra. A coesão interna é tão importante quanto a externa.

Vejam em primeiro lugar os recursos de que Roberto Pompeu se utiliza para manter a coesão dentro de cada frase:

1. Na primeira frase, vários aspectos projetam o texto para adiante. A palavra “aspectos” é retomada pelo segmento o primeiro e mais óbvio dos quais era a própria figura.
2. Na segunda frase, o pronome relativo “que” retoma “as longas pálpebras”: que (as quais) “subiam e desciam”;
3. Na última frase:
 - O relativo “onde” mantém o elo coesivo com “a região dentro de si onde” (na qual) “guardava sua força”;
 - E os pronomes “si” (dentro de si) e sua (sua força) reportam-se ao sujeito ele de “quando ele as abria”.

Agora é preciso ver como se realiza a coesão de frase para frase:

1. O “ele” da segunda frase retoma o nome “Ulysses”, enunciado logo no início da primeira;
2. “As pálpebras” da terceira frase retomam as “longas pálpebras” da segunda;
3. Na última frase, o sujeito “ele” (quando ele as abria) refere-se mais uma vez a “Ulysses” e o pronome as retoma “pálpebras” da frase anterior.

Em nenhum momento, o autor da reportagem se desvia do assunto (Ulysses Guimarães) porque se mantém atento à coesão.

TIPOS DE COESÃO TEXTUAL

Vejam agora os diversos tipos de coesão textual, segundo Carneiro (2001, p, 37-39.).

A COESÃO REFERENCIAL

Ocorre coesão referencial quando um elemento da sequência textual se remete a outro elemento do mesmo texto, substituindo-o:

- a) Encontrei meu irmão na esquina, mas não falei com ele.
- b) Ele estava lá, na esquina, o meu irmão!

Quando a referência se faz do depois para o antes, denomina-se anáfora (a) e, no caso contrário, catáfora (b).

SUBSTITUIÇÃO DE UM ELEMENTO POR OUTRO

AS FORMAS PRONOMINAIS

- a) Pronomes pessoais de terceira pessoa: o aluno saiu, mas ele e sua mãe voltaram logo a seguir.
- b) Pronomes substantivos indefinidos: João e Pedro estiveram lá, mas nenhum falou nada.
- c) Pronomes substantivos possessivos: Renato comprou um jornal mas leu o meu.
- d) Pronomes substantivos demonstrativos: ela viu a blusa vermelha, mas comprou esta.
- e) Pronomes substantivos interrogativos: João, Pedro e Paulo falaram, mas qual disse a verdade?
- f) Pronomes substantivos relativos: o livro que trouxe é menos interessante.
- g) Pronomes adverbiais: foi à Europa e lá foi feliz.

AS FORMAS VERBAIS

Neste caso, os verbos *fazer* e *ser* são empregados em referência a todo o predicado e não apenas ao verbo:

O cantor apresentou dois números, mas o mímico não *fez* o mesmo.

Ele trouxe todos os livros, mas *é* porque precisava.

AS FORMAS ADVERBIAIS

Saiu duas vezes e o outro, *nunca*.

AS FORMAS NUMERAIS

João e Maria saíram, mas os *dois* voltaram logo.

Comprou vários presentes; o *primeiro*, uma bicicleta.

Fiz dez exercícios e meu primo fez o *dobro*.

Havia dez laranjas e comeu *um terço* delas.

REITERAÇÃO DE ELEMENTOS DO TEXTO

AS REPETIÇÕES DO MESMO TERMO

- De forma idêntica: comprou a casa, mas *a casa* não tinha porta.
- Com um novo determinante: comprou a casa, mas essa casa lhe trouxe problemas.
- De forma abreviada: Fernando Henrique Cardoso governa com problemas e por isso *FHC* é malvisto.
- De forma ampliada: Lula é candidato, mas *Luis Inácio Lula da Silva* não está bem no pleito.
- Por forma cognata: trabalhar é bom e o *trabalho* enriquece.

OS SINÔNIMOS OU QUASE-SINÔNIMOS

- Hipônimos: comprou flores e deu as *rosas* para a mulher.
- Hiperônimos: vinha um ônibus, mas o pedestre não viu o *veículo*.
- Nomes genéricos: trouxe cadernos, livros e outras *coisas*.
- Termos simbólicos: Inácio tinha dúvidas se iria para a Igreja, mas o apelo da *cruz* foi forte.

EXPRESSÕES NOMINAIS DEFINIDAS

Pelé foi a Paris onde *o maior jogador do século* foi premiado.

A COESÃO RECORRENCIAL

Caracteriza-se pela repetição de algum tipo de elemento anterior que não funciona, a exemplo do caso da coesão referencial, como uma alusão ao mesmo referente, mas como uma “recordação” de um mesmo padrão. Ela pode aparecer de várias formas:

- A recorrência de termos: Rosa *falava, falava, falava...*
- O paralelismo, que consiste na recorrência da mesma estrutura sintática: *pão no forno, água na garrafa e fruta na geladeira* não alimentam.
- A paráfrase, que se refere à recorrência de conteúdos semânticos, marcada por expressões introdutórias como *isto é, ou seja, quer dizer, digo, ou melhor, em outras palavras*: ele não compareceu, ou seja, *sumiu*.
- Recursos fonológicos, ou sons, caso da rima: ele estava triste, desolado, sem carinho, *tristinho...*

Dentro desse tipo de coesão estão os casos de elipse: “O grande objetivo da vida não é o conhecimento, mas [...] a ação”, em que se omite a estrutura “o grande objetivo da vida é”.

A COESÃO SEQUENCIAL

Esse tipo de mecanismo de coesão se refere ao desenvolvimento textual propriamente dito, ora por procedimentos de manutenção temática, com o emprego de termos pertencentes ao mesmo campo semântico, ora por meio de processos de progressão temática.

A progressão temática pode realizar-se por meio da satisfação de compromissos textuais anteriores ou por meio de novos acréscimos ao texto. Ao primeiro tipo pertencem os seguintes casos:

- a) Condicionalidade: *se chover*, eu não irei.
- b) Causalidade: todos foram de roupa de praia porque *estava fazendo sol*.
- c) Implicação lógica: só há *um meio* de fazer isso: trabalhando.

Os acréscimos ao texto podem ser feitos de vários modos:

- a) explicação ou justificativa: todos chegaram na hora marcada, *pois o trânsito estava bom*.
- b) conjunção: cheguei na hora marcada. *E comigo vieram meus primos*.

Ainda em relação aos tipos de coesão textual, vejamos outros tipos segundo Viana (1998, p, 30, 31,32.).

EPITETOS

Epíteto é a palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa.

Exemplo:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o cineasta mais famoso do cinema brasileiro tenha morrido tão cedo.

UM TERMO-SÍNTESE

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas limitações acabam prejudicando o importador.

A palavra *limitações* sintetiza o que foi dito antes.

METONÍMIA

Metonímia é o processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica.

- O governo tem-se preocupado com os índices de inflação. O Planalto diz que não aceita qualquer remarcação de preço.
- Santos Dummond chamou a atenção de toda Paris. O Sena curvou-se diante de sua invenção.

ASSOCIAÇÃO

Na associação, uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação.

“São Paulo é sempre vítima das enchentes de verão”. Os alagamentos prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

A palavra alagamentos surgiu por estar associada a enchentes. Mas poderia ter sido usada outra, como transtornos, acidentes, transbordamento do Tietê etc.

EXERCÍCIOS

1- Utilizando os recursos de coesão, substitua os elementos repetidos quando necessários.

a) O Brasil vive uma guerra civil diária e sem trégua. No Brasil, que se orgulha da índole pacífica e hospitaleira de seu povo, a sociedade organizada ou não para esse fim promove a matança impiedosa e fria *de crianças e adolescentes*. Pelo menos sete milhões de crianças e adolescentes, segundo estudos do fundo das nações Unidas para a Infância (Unicef), vivem nas ruas das cidades do *Brasil*.

(Texto modificado de Isto é Senhor, 28 ago. 1991.)

b) Todos ficam sempre atentos quando se fala de mais um casamento de *Elizabeth Taylor*. Casadoura inveterada, Elizabeth Taylor já está em seu oitavo casamento. Agora, diferentemente das vezes anteriores, o casamento de *Elizabeth Taylor* foi com um homem do povo que *Elizabeth Taylor* encontrou numa clínica para tratamento de alcoólatras, onde ela também estava. Com toda pompa, o casamento foi realizado na casa do cantor Michael Jackson e a imprensa ficou proibida de assistir *ao casamento de Elizabeth Taylor com um homem do povo*. Ninguém sabe se será o último *casamento de Elizabeth Taylor*.

(Texto adaptado de Veja, 28 jul. 1993.)

2- APÓS LER O TEXTO RESPONDA!

O TEXTO ESCRITO

A luta que os alunos enfrentaram com relação à produção de textos escritos é muito especial. Em geral, eles não apresentam dificuldades em se expressar através da fala coloquial. Os problemas começam a surgir quando esse aluno tem necessidade de se expressar formalmente e se agravam no momento de produzir um texto escrito. Nesta última situação, ele deve ter claro que há marcantes entre falar e escrever.

Na linguagem oral, o falante tem claro com quem fala e em que contexto. O conhecimento da situação facilita a produção oral. Nela, o interlocutor, presente fisicamente, é ativo, tendo possibilidade de intervir, de pedir esclarecimentos, ou até de mudar o curso da conversação. O falante pode ainda recorrer a recursos que não são propriamente linguísticos, como gestos ou expressões faciais. Na linguagem escrita, a falta desses elementos extratextuais precisa ser suprimida pelo texto, que se deve organizar de forma a garantir a sua inteligibilidade.

Escrever não é apenas traduzir a fala em sinais gráficos. O fato de um texto escrito não ser satisfatório não significa que seu produtor tenha dificuldades quanto ao manejo das linguagens cotidianas e sim que ele não domina os recursos específicos da modalidade escrita.

A escrita tem normas próprias, tais como regras de ortografia - que, evidentemente, não é marcada na fala -, de pontuação, de concordância, de uso de tempos verbais. Entretanto, a simples utilização de tais regras e de outros recursos de norma culta não garante o sucesso de um texto escrito. Não basta, também, saber que escrever é diferente de falar. É necessário preocupar-se com a constituição de um discurso, entendido aqui como um ato de linguagem que representa uma interação entre o produtor do texto e o seu receptor; além disso, é preciso ter em mente a figura do interlocutor e a finalidade para a qual o texto foi produzido.

Para que esse discurso seja bem-sucedido deve constituir um todo significativo e não fragmentos isolados justapostos. No interior de um texto devem existir elementos que estabeleçam uma ligação entre as partes, isto é, elos significativos que confirmam coesão ao discurso. Considera-se coeso o texto em que as partes referem-se mutuamente, só fazendo sentido quando consideradas em relação umas com as outras.

Durigan, Regina H. de Almeida et alli. A dissertação no vestibular. In: A magia da mudança – vestibular Unicamp: Língua e literatura. Campinas, Unicamp, 1987. p.13-4.

ESTUDO DE TEXTO

- a) O Primeiro parágrafo nos fala da capacidade de expressão dos alunos. Qual o contraste apontado?
- b) Quais as diferenças entre o falar e o escrever levantados no segundo parágrafo?
- c) Um texto escrito mal formulado não representa necessariamente falta de domínio da linguagem cotidiana. Justifique essa afirmação com base no terceiro parágrafo.
- d) No seu trabalho de produtor de textos, você tem levado em conta a figura do receptor e a finalidade a que se propõe seu texto? Qual a importância desses elementos para a confecção do seu trabalho?
- e) Leia atentamente o último parágrafo e responda:
 - O que um texto não deve ser?
 - O que é um texto coeso?
- f) Você, ao escrever, fiscaliza seu trabalho, procurando construir textos coesos? Como?

2.1.2 CONTEÚDO 10 – O PRONOME DEMONSTRATIVO CONFORME SUA POSIÇÃO E EMPREGO NO TEXTO

Veremos neste conteúdo o emprego do pronome demonstrativo em relação à sua posição no espaço, no tempo e no texto. Todavia, daremos uma atenção privilegiada ao emprego do pronome em relação ao texto. Vejamos a explicação.

Uma das modalidades de coesão é a remissão. E a coesão pode desempenhar a função de (re)ativação do referente. A reativação do referente no texto é realizada por meio da referenciação anafórica ou catafórica, formando-se cadeias coesivas mais ou menos longas.

A remissão anafórica (para trás) realiza-se por meio de pronomes pessoais de 3ª pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes; também por numerais, advérbios e artigos.

Exemplo: André e Pedro são fanáticos torcedores de futebol. Apesar disso, são diferentes. Este não briga com quem torce por outro time; aquele o faz.

Explicação: O termo **isso** retoma o predicado **são fanáticos torcedores de futebol**; **este** recupera a palavra **Pedro**; **aquele**, o termo **André**; **o faz**, o predicado **briga com quem torce para o outro time** – são anafóricos.

A remissão *catafórica* (para a frente) realiza-se preferencialmente através de pronomes demonstrativos ou indefinidos neutros, ou de nomes genéricos, mas também por meio das demais espécies de pronomes, de advérbios e de numerais. Exemplos:

Exemplo: Qualquer que tivesse sido seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele, o professor, gordo e silencioso, de ombros contraídos.

Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/redacao/coesao-e-coerencia.html>. Acessado em: 14 abr. 2010.

Isso ou isto? Aquela ou àquela!

O que são pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos servem para "mostrar" algo em relação a alguma "pessoa", no "tempo" ou no "espaço".

Pronomes demonstrativos: variação em gênero e número

Há pronomes demonstrativos variáveis, ou seja, podem ter flexão de feminino e masculino e de singular e plural: este / estes / esta / estas / esse / esses / essa / essas / aquele / aquela / aqueles / aquelas.

Outros pronomes demonstrativos são invariáveis: isto / isso / aquilo. Ou seja, não podem sofrer flexões de singular e plural ou de feminino e masculino.

Leia atentamente os quadros abaixo e observe as diferenças no uso dos pronomes demonstrativos:

PRONOMES DEMONSTRATIVOS VARIÁVEIS

Pessoa	Pronomes demonstrativos VARIÁVEIS (em gênero e número)	Relação espacial	Relação temporal
1ª pessoa: (eu / nós) (emissor: quem fala / escreve)	este / esta estes / estas	Este parque é interessante. (Parque mais próximo da pessoa que fala ou escreve)	Este filme é o último lançamento na cidade. (Filme mais recente, no tempo Presente.)
2ª pessoa: (tu / vós) (receptor: para quem se fala / escreve)	esse / essa esses / essas	Essa praça é interessante. (Praça mais próxima da pessoa com quem se fala/escreve e um pouco distante de quem emite a mensagem)	Esse livro , lançado no ano passado, despertou emoções. (Livro lançado em tempo próximo ao presente: passado recente) Essa coleção será lançada na próxima estação. (Coleção a ser lançada em tempo próximo ao presente: futuro próximo.)
3ª pessoa: (ele-a / eles-as) (observado: sobre quem se fala / escreve)	aquele / aquela aqueles / aquelas	Aquela paisagem é interessante. (Paisagem mais próxima de alguém de quem se fala/escreve e bem distante da pessoa que emite a mensagem.)	Aquele espetáculo de circo marcou minha infância. (Espetáculo presenciado em momento distante do presente.)
Síntese	este / esta estes / estas esse / essa esses / essas aquele / aquela aqueles / aquelas	Há três quartos na casa: este é o meu, esse pode ficar para você e aquele , no fim do corredor, deixamos para o Marcelo.	Enquanto este filme revela as tendências da minha geração, esse marcou vai marcar as posturas de diferentes espectadores e aquele outro não deixou saudades.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS INVARIÁVEIS

Pessoa	Pronomes demonstrativos INVARIÁVEIS	relação espacial	relação temporal
1ª pessoa: (eu / nós) (emissor: quem fala / escreve)	isto	Isto é intragável! (Algo mais próximo da pessoa que fala ou escreve)	Isto me deixa triste. (Algo presente que incomoda quem fala/escreve)
2ª pessoa: (tu / vós) (receptor: para quem se fala / escreve)	isso	Isso é insuportável! (Algo mais próximo da pessoa com quem se fala/escreve e um pouco distante de quem emite a mensagem.)	Isso me deixou triste. (Algo que incomoda a quem fala/escreve, em passado próximo ao presente.) Isso o deixará com saudades. (Algo que deixará alguém com saudades em um futuro próximo.)
3ª pessoa: (ele / eles-as) (observado: sobre quem se fala / escreve)	aquilo	Aquilo ocorreu em outra cidade. (Fato ocorrido em local distante do presente.)	Aquilo foi assustador em nossas infâncias. (Fato ocorrido em passado distante.)
Síntese	isto / isso / aquilo	Isto tem cores alegres, isso tem cores pastéis e aquilo tem cores muito escuras.	Isto me alegra diariamente, isso me deixou preocupada no ano passado, mas aquilo me transtornou demais na década de 70.

Pronomes demonstrativos que substituem ou acompanham outras palavras

Os pronomes demonstrativos podem acompanhar substantivos: cumprem a função de adjetivos. Também podem substituir substantivos cumprindo, portanto, o papel de substantivos. Observe as diferenças abaixo:

<i>Este</i>	<i>departamento</i>	<i>é composto de profissionais muito eficientes.</i>
pronome demonstrativo (no papel de adjetivo)	substantivo	
<i>Esse</i>	//////////////////// ////////////////////	<i>é composto de profissionais medianos.</i>
pronome demonstrativo (no papel do substantivo "departamento")	(substantivo oculto)	
<i>Aquele</i>	//////////////////// ////////////////////	<i>é composto de profissionais ineficientes.</i>
pronome demonstrativo (no papel do substantivo: "departamento")	(substantivo oculto)	

Veja, nos versos abaixo, como o escritor Affonso Romano de Sant'Anna faz uso do pronome demonstrativo no lugar da palavra "país" para não repeti-la no mesmo verso. Que país é este? (Affonso Romano de Sant'Anna)

Fragmento 2

Este é um país de síndicos em geral,

(Este país é um país de síndicos...)
Este é um país de cínicos em geral,
(Este país é um país de cínicos...
Este é um país de civis e generais.
(Este país é um país de civis e generais.)

Como usar os pronomes demonstrativos no texto escrito

O critério não é diferente da expressão oral / presencial.

Em citações, o último citado é o mais próximo do emissor. Portanto, para o termo mais próximo, usa-se "este" e, para os mais distantes, "esse" ou "aquele" com flexões quando necessário.

"Gosto muito de Manuel Bandeira, Rubem Braga e Chico Buarque de Hollanda. Aquele me agrada pelas poesias que marcam o leitor, esse por escrever crônicas magníficas e este por compor canções engajadas socialmente."

Outro exemplo de citação:

"Esse texto acima foi escrito por Manuel Bandeira. Este abaixo foi escrito por Carlos Drummond de Andrade. Aquele outro, visto na aula anterior, é de autor desconhecido. Drummond era muito amigo de Bandeira, só que este gostava do Rio e aquele de Minas."

Expressões que não seguem as regras básicas do uso do pronome demonstrativo

Em nosso dia a dia, há expressões coloquiais que foram adotadas devido ao seu uso repetido.

O falante não está preocupado com as relações espaciais ou temporais de sua expressão.

"É isso aí!"
"Essa não!"
"Não venha com essa!"
"Isto / isso também é demais!"
"É isso aí, meu!"

Observe o exemplo de expressão popular nos versos interpretados por Ana Carolina.

É Isso Aí

(Damien Rice)

É isso aí

Como a gente achou que ia ser

A vida tão simples é boa

Quase sempre

É isso aí

Os passos vão pelas ruas

Ninguém reparou na lua
A vida sempre continua

Eu não sei parar de te olhar
Eu não sei parar de te olhar
Não vou parar de te olhar
Eu não me canso de olhar
Não sei parar
De te olhar (...)

Termos que cumprem a função de pronome demonstrativo

Há palavras que podem substituir os pronomes demonstrativos assumindo seu papel. São elas:

O, a, os, as (artigos definidos)

Escutamos muito bem o (aquilo) que as testemunhas disseram.

Há dois tipos de pessoas: as (aquelas) que vivem de seu trabalho e as (aquelas) que exploram os outros

Tal, tais

Não sei como tal (este / esse / aquele) aluno pode frequentar esta escola.

Sei bem como tal (isto / isso / aquilo) coisa aconteceu.

"O poeta é um fingidor." Tal (esse) verso é de Fernando Pessoa.

Mesmo e próprio

Podem substituir os demonstrativos originais, reforçar nomes e pronomes pessoais ou se referir a um termo já utilizado no discurso. Eles concordam com o termo que substituem ou ao que se referem. Observe:

Você não muda! Tira sempre as mesmas (essas / estas) notas!

Suas atitudes não mudam: são sempre as mesmas!

Você não tem jeito! Comete sempre os mesmos erros!

Ele mesmo já cometeu tais (esses / estes / aqueles) enganos!

Você mesma já me disse tal coisa (isso).

O próprio diretor veio fazer a abertura de tal (desse) evento.

As próprias participantes falarão sobre tais (estes) acontecimentos.

ATENÇÃO:

"Mesmo" pode ser advérbio com sentido de "ainda, até, justamente, realmente". Como advérbio é invariável.

É aí **mesmo** que se vendem os perfumes. (É **justamente** aí que se vendem perfumes.)

Os perfumes são **mesmo** muito bons. (Os perfumes são **realmente** muito bons.)

Será **mesmo** necessária outra prova? (Será **realmente** necessária outra prova?)

Nos versos abaixo, do poeta chileno Pablo Neruda (1904 – 1973), podemos observar, além do uso dos demonstrativos, o uso de "mesmo/mesma" com a função do pronome demonstrativo.

Poema 20

(de Pablo Neruda, tradução de Thiago de Mello)

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.

Escrever, por exemplo: "A noite está estrelada,
e tiritam, azuis, os astros na distância."

(...)

Isso é tudo. À distância alguém canta, à distância.
Minha alma não se conforma em havê-la perdido.

Como para atraí-la, o meu olhar procura-a,
meu coração procura-a, e ela não está comigo.

A mesma noite faz branquear as mesmas árvores.
Nós, os de outrora, já não somos os mesmos.

Porque em noites como esta eu tive-a entre meus braços,
minha alma não se conforma em havê-la perdido.

Ainda que esta seja a última dor que ela me causa,
e estes sejam os últimos versos que lhe escrevo.

Combinação e contração dos pronomes demonstrativos com preposições

Independente de seu gênero e número, os pronomes demonstrativos podem assimilar as preposições "em", "de" e "a":

Deixei o celular neste (em + este) lugar.
Deixei a carteira na (em + a) mesa do escritório.
Pensei naquilo (em + aquilo) em que você pensou.
O campeão olímpico saiu desta (de + esta) cidade.

Na canção abaixo, "Cálice", de Chico Buarque e Gilberto Gil, interpretada por Milton Nascimento, temos exemplos variados do uso dos demonstrativos, combinados ou não com outros termos.

Cálice

(Chico Buarque de Hollanda e Gilberto Gil)

(refrão)

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

(refrão)

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

(refrão)

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta

Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade
(...)

SÍNTESE: PRONOME DEMONSTRATIVO

- Mostra as relações entre uma pessoa e algo que está a seu redor, no tempo e no espaço;
- Pode substituir ou acompanhar um substantivo;
- Pode ser substituído por expressões que fazem o papel de demonstrativo como artigos, "mesmo", "tal", "próprio";
- Pode ser usado em expressões coloquiais como "É isso aí!";
- Pode ser combinado com as preposições: "em, de, a";
- Quando contraído com a preposição "a", temos a crase: "àquela, àquele, àquilo".

Disponível em: <http://www.catho.com.br>. Acessado em: 14 abr. 2010.

EXERCÍCIOS

Chegou a hora de colocarmos em prática o estudo sobre os pronomes demonstrativos.

1- Empregue nos exercícios a seguir o pronome demonstrativo adequado:

- Tenha sempre lembrança _____ eu o amo e sempre o amarei. (disto, disso)
- Por que você está usando _____ calça rasgada? (esta, essa)
- Como são difíceis _____ dias que estamos atravessando! (estes, esses)
- O perdão e a vingança se opõem frontalmente: _____ degrada os homens; _____ os eleva. (esse, esta)
- Qual o manequim _____ vestido que você está usando? (deste, desse)
- Senhor Presidente: em resposta ao ofício nº 5/92 _____ Presidência, peço vênias para esclarecer que _____ Divisão que me cabe dirigir não pode ser responsabilizada por todas _____ irregularidades a que V. Exa. se refere. (desta, dessa, esta, essa, estas, essas)
- _____ mês em que estamos está passando rápido. (este, esse)

- h) Você disse que vai viajar em março para o Rio Grande do Sul? _____ mês também é de chuva lá _____ Estado? (este, esse, neste, nesse, naquele)
- i) Será que ninguém _____ casa me entende? (desta, dessa)
- j) Má escovação causa inflamação na gengiva e _____ todos deviam saber. (isto, isso)

2- Após analisar a charge abaixo, responda se o emprego do pronome demonstrativo em: “Esse foro privilegiado vem de onde?” está adequado. Justifique sua resposta!



[HTTP://2.BP.BLOGSPOT.COM](http://2.bp.blogspot.com)

2.1.3 CONTEÚDO 11 – O PRONOME RELATIVO NA LIGAÇÃO DOS PERÍODOS

A exemplo do Pronome Demonstrativo, o Pronome Relativo também é fundamental para a ligação dos períodos. Sem dúvida, um elemento coesivo bastante significativo. A inobservância adequada dele pode causar dúvidas em relação ao termo explicitado, como por exemplo a ambiguidade causada pelo relativo cujo e seus derivados. Vejamos:

Visitamos o teatro e o museu cuja qualidade artística é inegável.

Respondam-me! O que possui qualidade artística, o teatro ou o museu?

Provavelmente os dois têm qualidade artística. No momento de escrever deveremos deixar os períodos concatenados de forma a não haver dúvidas em relação ao elemento mencionado. Nessa perspectiva, o pronome relativo é bastante eficaz.

O Pronome Relativo

Pronome relativo é uma classe de pronomes que substitui um termo da oração anterior e estabelece relação entre duas orações.

Nós conhecemos o senador. O senador morreu.

Nós conhecemos o senador que morreu.

Como se pode perceber, o "que", nessa frase está substituindo o termo senador e está relacionando a segunda oração com a primeira.

Os pronomes relativos são os seguintes:

Variáveis	Invariáveis
O qual, a qual	Que (quando equivale a o qual e flexões)
Os quais, as quais	Quem (quando equivale a o qual e flexões)
Cujo, cuja	Onde (quando equivale a no qual e flexões)
Cujos, cujas	
Quanto, quanta	
Quantos, quantas	

EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS

1. Os pronomes relativos virão precedidos de preposição se a regência assim determinar.

Este é o pintor **a cuja** obra me refiro.

Este é o pintor **de cuja** obra gosto.

2. O pronome relativo quem é empregado com referência a pessoas:

Não conheço o político de **quem** você falou.

O relativo "quem" pode aparecer sem antecedente claro, sendo classificado como pronome relativo indefinido.

Quem faltou foi advertido.

4. Quando possuir antecedente, o pronome relativo "quem" virá precedido de preposição.

Marcelo era o homem **a quem** ela amava.

5. O pronome relativo "que" é o de mais largo emprego, chamado de relativo universal, pode ser empregado com referência a pessoas ou coisas, no singular ou no plural.

Não conheço o rapaz **que** saiu.

Gostei muito do vestido **que** comprei.

Eis os ingredientes de **que** necessitamos.

6. O pronome relativo "que" pode ter por antecedente o demonstrativo: o, a, os, as.

Falo o **que** sinto. (o pronome o equivale a aquilo)

7. Quando precedido de preposição monossilábica, emprega-se o pronome relativo **que**. Com preposições de mais de uma sílaba, usa-se o relativo **o qual** (e flexões).

Aquele é o livro com **que** trabalho.

Aquela é a senhora para **a qual** trabalho.

8. O pronome relativo "cujo" (e flexões) é relativo possessivo equivale a: do qual, de que, de quem. Deve concordar com a coisa possuída.

Apresentaram provas **cuja** veracidade eu creio.

9. O pronome relativo "quanto, quantos e quantas" são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos: tudo, todos ou todas.

Comprou tudo **quanto** viu.

10. O relativo "onde" deve ser usado para indicar lugar e tem sentido aproximado de: em que, no qual.

Este é o país **onde** habito.

a) Onde é empregado com verbos que não dão ideia de movimento. Pode ser usado sem antecedente.

Sempre morei no país **onde** nasci.

b) Aonde é empregado com verbos que dão ideia de movimento e equivale a para onde, sendo resultado da combinação da preposição a + onde.

Aonde você vai com tanta pressa?

Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br>. Acessado em: 14 abr. 2010.



IMPORTANTE

O eficiente pronome relativo como conectivo, a exemplo do **QUE** deve ser empregado com parcimônia, o seu excesso pode causar dúvidas ao elemento citado e também ao sentido do texto. Na Linguística chamamos esse excesso de Queísmo. Para evitar esse problema, segue abaixo uma lista de exercício que nos ajudará e nos deixará mais tranquilos no momento da produção textual.

Para corrigir as frases que contêm os queísmos, você deve proceder da seguinte forma:

a) Substituir a oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

Exemplo

Melhor seria:

O jornalista, **que redigiu a matéria sobre as eleições presidenciais**, foi bastante tendencioso.

O jornalista, **autor da matéria sobre as eleições presidenciais**, foi bastante tendencioso.

b) Substituir a oração por um adjetivo.

Exemplo

Melhor seria:

A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.

A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.

Este é um objetivo **que não pode ser atingido**.

Este é um objetivo **inatingível**.

c) Substituir a oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

Exemplo

Melhor seria:

Publicou-se um relatório **que denuncia a corrupção no governo**.

Publicou-se um relatório **denunciando a corrupção no governo**.

d) Substituir a oração desenvolvida por uma oração reduzida de participípio.

Exemplo

Melhor seria:

Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada pelo jornal**.

Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada pelo jornal**.

EXERCÍCIO

1. São muitos os processos empregados na supressão de frases com pronomes relativos. Um deles é a substituição da frase por um substantivo em aposição, geralmente seguido de complemento. Observe o modelo:

Colombo, **que descobriu a América...**

Colombo, **descobridor da América...**

Faça o mesmo com as frases a seguir.

a) Jorge Amado, que escreveu esse romance, viajou para a Bahia.

b) Aquele deputado, que perturba a câmara, foi processado.

c) Aquele ator, que coleciona piadas, é bastante conhecido.

d) Um espectador, que tinha grande fortuna, foi preso.

e) Os americanos, que chegaram à vitória em tantas batalhas, já regressaram.

f) Os historiadores, que teceram muitos elogios a Getúlio, se arrependeram.

2- Outro processo para eliminar frases relativas é substituí-las por um adjetivo sem complemento, conforme o modelo:

Um movimento **que não pára**.

Um movimento **contínuo**.

a) Dois ruídos que se produzem ao mesmo tempo.

b) Dois partidos que militaram na mesma época.

c) Uma atividade que não pára nunca.

d) Uma glória que logo é esquecida.

e) Uma enfermidade que se prolonga por muito tempo.

f) Uma frase que não se entende.

g) Grupos humanos que vivem sem residência fixa.

h) Uma fruta que tem sabor.

i) Uma comida que não tem sal.

j) Um desodorante que não tem cheiro.

3- Construa um período composto, iniciado obrigatoriamente pelo elemento comum às duas orações propostas.

- a) Estou entusiasmado pelo livro
O livro é um romance policial.
-

- b) Encarreguei o diretor da nomeação.
A nomeação não será difícil.
-

- c) O ministro falou dos funcionários públicos.
Os funcionários públicos receberão aumento.
-

- d) Mandaram a máquina para o gabinete.
O gabinete fica no primeiro andar.
-

- e) Este é o trabalho.
Extraíram-se informações do trabalho.
-

- f) Ensinei-lhe a regra do serviço.
A regra não é difícil.
-

- g) Muitos diretores participaram da reunião.
Muitos diretores eram estrangeiros.
-

4- Desfaça a ambiguidade das frases, provocada pelo uso inadequado dos pronomes relativos.

a) Você conhece João, filho de meu vizinho, que trabalha na IBM?

b) Vi o carro do médico, que está muito velho.

c) Estou lhe mandando um porco pelo meu irmão, que está muito gordo.

d) Encontrei o livro e a autora de que gosto.

CARNEIRO R. D. (1993). Redação em construção: a escritura do texto. São Paulo: Moderna.

5- Preencha as lacunas das frases a seguir com que, quem ou cujo, precedidos ou não de preposição.

a) O homem _____ casa comprei, embarcou ontem.

b) Todos nós somos o _____ somos.

c) Não conheci o atleta _____ te referiste.

d) Feijoada é o prato _____ mais gosto.

e) Foi muito interessante a conferência _____ assistimos.

f) O violão _____ toco foi presente de meu pai.

g) Ela mora num edifício _____ moradores são educados.

h) Ela mora num edifício _____ os moradores são educados.

i) Eis o livro _____ retirei a citação.

j) Ele é o deputado _____ mandato foi cassado.

k) Ele é o mestre _____ teorias pela primeira vez discordo.

l) Ele é o mestre _____ teorias nunca concordei.

m) Há uma lindíssima moça no prédio _____ resido.

n) Devemos respeitar as pessoas _____ convivemos.

2.1.4 CONTEÚDO 12 – A CONJUNÇÃO NA LIGAÇÃO DOS PERÍODOS

Nesse conteúdo, também nos atermos à ligação dos períodos, agora por meio das conjunções, uma classe de palavra bastante importante na coesão textual. Vejamos o seu conceito e sua aplicabilidade.

CONCEITO DE CONJUNÇÃO

As conjunções são vocábulos de função estritamente gramatical utilizados para o estabelecimento da relação entre duas orações, ou ainda a relação dos termos que se assemelham gramaticalmente dentro da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos principais: conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Conjunções coordenativas são os vocábulos gramaticais que estabelecem relações entre dois termos ou duas orações independentes entre si, que possuem as mesmas funções gramaticais. As conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.

Conjunções Coordenativas Aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de adicionar um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração à outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: e, nem.

Exemplos.

- Todos aqui estão contentes e despreocupados.
- João apeou e deu bons-dias a todos.
- O acontecimento não foi bom nem ruim.

Conjunções Coordenativas Adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia.

Exemplos.

- Não negou nada, mas também não afirmou coisa nenhuma.
- A moça deu a ele o dinheiro: porém, o fez receosa.

Conjunções Coordenativas Alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as conjunções coordenativas que unem orações independentes, indicando sucessão de fatos que se negam entre si ou ainda indicando que, com a ocorrência de um dos fatos de uma oração, a exclusão do fato da outra oração. As conjunções coordenativas alternativas são: ou (repetido ou não), ora, nem, quer, seja, etc.

Exemplos

- Tudo para ele era vencer ou perder.
- Ou namoro a garota ou me vou para longe.
- Ora filosofava, ora contava piadas.

Conjunções Coordenativas Conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir, a uma oração anterior, outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: assim, logo, portanto, por isso etc.

Exemplos.

- Estudou muito, portanto, irá bem no exame.
- O rapaz é bastante inteligente, logo, será um privilegiado na entrevista.

Conjunções Coordenativas Explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, das quais a segunda explica o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: porque, que, pois, porquanto.

Exemplos.

- Não entrou no teatro porque esqueceu os bilhetes.
- Entre, que está muito frio.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, relação esta que se caracteriza pela dependência do sentido de uma oração com relação a outra. Uma das orações completa ou determina o sentido da outra. As conjunções subordinativas são classificadas em: causais, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes.

Conjunções Subordinativas Causais

Conjunções subordinativas causais são as conjunções que subordinam uma oração a outra, iniciando uma oração que exprime causa de outra oração, a qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: porque, pois, que, uma vez que, já que, como, desde que, visto que, por isso que, etc.

Exemplo: Os balões sobem porque são mais leves que o ar.

Conjunções Subordinativas Comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as conjunções que, iniciando uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de idéias de uma oração com relação a outra. As conjunções subordinativas comparativas são: que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como).

Exemplos.

- Aquilo é pior que isso.
- Tudo passou como as nuvens do céu.
- Existem deveres mais urgentes que outros.

Conjunções Subordinativas Concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, iniciando uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta à ocorrência da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências (expressão das oposições coexistentes). As conjunções subordinativas concessivas são: embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, apesar de, mesmo quando, etc.

Exemplos.

- Acompanhou a multidão, embora o tenha feito contra sua vontade.
- A harmonia do ambiente daquela sala, de súbito, rompeu-se, ainda que havia silêncio.

Conjunções Subordinativas Condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, iniciando uma oração subordinada a outra, exprimem uma condição sem a qual o fato da oração principal se realiza (ou exprimem hipótese com a qual o fato principal não se realiza). As conjunções subordinativas condicionais são: se, caso, contanto que, a não ser que, desde que, salvo se etc.

Exemplos.

- Se você não vier, a reunião não se realizará.
- Caso ocorra um imprevisto, a viagem será cancelada.
- Chegaremos a tempo, contanto que nos apressemos.

Conjunções Subordinativas Conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as conjunções que, iniciando uma oração subordinada a outra, expressam sua conformidade em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).

Exemplos

- O debate se desenrolou conforme foi planejado.
- Segundo o que disseram, não haverá aulas.

Conjunções Subordinativas Finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, iniciando uma oração subordinada a outra, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que não houvesse falhas.
- Cheguei cedo a fim de adiantar o serviço.
- Fez sinal que todos se aproximassem em silêncio.

Conjunções Subordinativas Integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são “que” e “se” (empregado esta última em caso de dúvida).

Exemplos: João disse que não havia o que temer (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal); A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

Conjunções Subordinativas Proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: à proporção que, à medida que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.

Exemplos.

- Seu espírito se elevava à medida que compunha o poema.
- Quanto mais correres, mais cansado ficarás.
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas tarefas.

Conjunções Subordinativas Temporais

Conjunções subordinativas temporais são as conjunções que, iniciando uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre. As conjunções subordinativas temporais são: quando, enquanto, logo que, agora que, tão logo, apenas (com mesmo sentido da conjunção tão logo), toda vez que, mal (equivalente a tão logo), sempre que etc.

Exemplos.

- Quando chegar de viagem, me avise.
- Enquanto todos estavam fora, nada fez de útil.

Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/morfologia/conjuncao.php>.

Acessado em: 15 abr. 2010.



IMPORTANTE

Como foi visto, esse tipo de conector permite o estabelecimento das relações significativas entre elementos e palavras do texto. A falta ou o excesso dele pode proporcionar o não entendimento parcial ou total de um enunciado linguístico. Não querendo ser redundante, mas sim esclarecedor, dedicaremos uma parte desse estudo trazendo a coordenação e a subordinação de ideias. Também veremos o papel das conjunções e o que acontece com a ausência das conjunções nos textos.

A COORDENAÇÃO DE IDEIAS

Na coordenação, juntamos orações independentes do ponto de vista sintático (as chamadas orações coordenadas), mas que se relacionam através do sentido.

Observe no texto abaixo como Ivan Ângelo utilizou o processo da coordenação para relacionar ideias.

O menino voltou com um canequinho na mão, foi até a arapuça, levantou-a e despejou debaixo dela um pouco do conteúdo do canequinho, fubá grosso, e ajeitou ao lado meio jiló, iguarias de passarinho.

(ÂNGELO, Ivan. O lado de dentro da gaiola. In: **O ladrão de sonhos e outras histórias**. São Paulo: Ática, 1994.)

Observe que, na coordenação de ideias, as orações podem estar simplesmente justapostas, isto é, sem a presença de uma conjunção, ou ligadas por conjunções coordenativas (mas, porém, logo, portanto ...), que se apresentam a estabelecer relações de adição, oposição, conclusão, explicação etc.

[...]

A SUBORDINAÇÃO DE IDEIAS

Na subordinação a relação entre as orações é mais íntima, já que entre elas, além de haver uma dependência semântica (isto é, de sentido), há também dependência sintática, ou seja, uma oração é termo de outra oração.

A relação de subordinação entre orações normalmente é estabelecida pelas conjunções subordinativas (quando, embora, como, porque, se etc.), pelos pronomes relativos (que, o qual, cujo etc.) ou pelas formas nominais do verbo (gerúndio, particípio e infinitivo).

Observe no texto seguinte como o processo da subordinação foi utilizado para relacionar ideias:

Se os sinais de VHF e UHF chegam à sua casa através de duas antenas separadas, você precisará juntar as duas antenas numa só para conectá-las à TV.

(Manual do Usuário da TV Mitsubishi TC2999.p. 14.)

A idéia central do texto, expressa pela oração principal, é: “você precisará juntar as duas antenas numa só”. A ela se agregam duas outras orações: uma para exprimir condição (“se os sinais de VHF e UHF chegam à sua casa através de duas antenas separadas”) e outra para exprimir finalidade (“para conectá-las à TV”).

[...]

COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

Há períodos que são formados por coordenação e subordinação ao mesmo tempo. Veja:

Os Condenados eram quatro rapazes que contavam e faziam muito sucesso naquele mês de setembro.

(FALCÃO, Adriana. **A máquina**. Rio de Janeiro: Objetiva. P. 35.)

Temos aí três orações:

1. Os Condenados eram quatro rapazes
2. que cantavam
3. e faziam muito sucesso naquele mês de setembro.

A oração 2 relaciona-se à oração 1 por subordinação, mas a oração 3 está relacionada à oração 2 por coordenação.

O PAPEL DAS CONJUNÇÕES

É preciso que se dê muita importância às conjunções, que não devem ser vistas como meros conectivos (palavras aparentemente sem carga significativa que ligam outras palavras ou orações), mas como elementos capazes de estabelecer relações de significado.

A troca de uma conjunção por outra muda completamente a relação de significado existente entre as orações de uma frase. Observe:

Todos os seres humanos são iguais, nenhum é superior ou inferior aos outros.

Nesse caso, as duas orações estão simplesmente justapostas, isto é, não estão relacionadas por nenhuma conjunção.

A presença de uma conjunção ligando as orações vai estabelecer entre elas um nexo lógico, ou seja, uma relação de significado.

Todos os seres humanos são iguais e nenhum é superior ou inferior aos outros. (a conjunção e estabelece entre as orações uma relação de adição)

Todos os seres humanos são iguais, portanto, nenhum é superior ou inferior aos outros. (a conjunção **portanto** estabelece entre as orações uma relação de adição)

Todos os seres humanos são iguais, **porque** nenhum é superior ou inferior aos outros. (a conjunção **porque** estabelece entre as orações uma relação de adição)

O uso inadequado de uma conjunção poderá comprometer o sentido da frase. Se, por exemplo, as orações acima estivessem relacionadas pela conjunção **mas** (Todos os seres humanos são iguais, **mas** nenhum é superior ou inferior aos outros), teríamos uma frase incoerente, já que as ideias constantes nas duas orações não permitem uma relação de contradição.

[...]

A AUSÊNCIA DAS CONJUNÇÕES

Como vimos, as conjunções exercem um importante papel na produção de um texto, pois, permitindo “amarrar” ideias, são importantes elementos de coesão textual. No entanto, você poderá encontrar pequenos textos (sobretudo narrativos e descritivos) desprovidos de conjunção. Muitos autores, ao narrar ou ao descrever, adotam por estilo a técnica da utilização de períodos simples que se encadeiam logicamente, como no texto abaixo.

No fim de uma semana estava cansada de tanta espera. Não deixara de estar em casa todas as tardes e noites. A mãe, a seu pedido, montava guarda pelas manhãs. Na noite do sexto dia tentou novamente ajudar o destino com uns telefonemas, sem sucesso de Helenas. A voz vibrava erres na sua lembrança e naquela noite ela chorou de impaciência

(ÂNGELO, Ivan. A voz. In: **O ladrão de sonhos e outras histórias**. São Paulo: Ática, 1994. p. 30.)

(ERNANI; NICOLA, 2001, p, 201- 205)



IMPORTANTE

OS CONECTIVOS

Observe a seguir uma lista de conectivos mais utilizados em nosso cotidiano, não os queira gravar, mas sim observe a circunstância trazida por eles e os seus empregos nas frases.

- a) Servem para **ACRESCENTAR** ideias, argumentos: além de, além disso, ademais, e, ainda.

Ex.: Além de sofrer com os constantes choques econômicos a que vem sendo submetida, a classe média vê-se forçada a expandir suas atividades para poder sobreviver.

- b) Estabelecem relação de **CONCESSÃO**, de resignação: embora, não obstante, apesar de, ainda que, mesmo que, conquanto, por mais que, por menos que, se bem que.

Ex.: Embora haja empenho das autoridades médicas em erradicar as doenças tropicais, estas continuam a fazer vítimas.

- c) Estabelecem **OPOSIÇÃO** entre ideias: mas, porém, contudo, entretanto, todavia.

Ex.: O ensino público vem apresentando gradativas melhoras, contudo as escolas particulares ainda vêm apresentando melhor qualidade de ensino.

- d) Servem para **COMPLEMENTAR** e **CONCLUIR** ideias: assim, dessa forma, portanto, logo, por conseguinte, por conseqüência.

Ex.: As injustiças sociais são apontadas como a principal causa da violência. Assim, para combatê-la é preciso buscar a igualdade social.

- e) Estabelecem relação de JUSTIFICAÇÃO, de EXPLICAÇÃO entre as ideias: pois, que, porque, porquanto.

Ex.: O exame era difícil, pois nem sequer havíamos estudado.

Não crie caso, que estamos aqui para ouvi-lo.

- f) Servem para ligar ideias que decorrem ao mesmo tempo, estabelecem relação de PROPORÇÃO: à medida que, à proporção que.

Ex.: À medida que o professor falava, os alunos iam dormindo.

- g) Estabelecem relação de CONDIÇÃO entre ideias: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que.

Ex.: O passeio será realizado, caso não chova.

- h) Expressa circunstância de TEMPORALIDADE entre as ideias: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que.

Ex.: Quando a vejo, bate-me o coração mais forte.

- i) Estabelecem relação de CAUSA entre as ideias: porque, visto que, porquanto, já que, como.

Ex.: Como não estudou, foi reprovado.

EXERCÍCIOS

1- Os textos abaixo necessitam de conectores para sua coesão. Empregue as partículas que estão entre parênteses no lugar adequado. Caso seja necessário, faça modificações, mas não altere os sentidos dos textos.

- a) Uma alimentação variada é fundamental seu organismo funcione de maneira adequada. Isso significa que é obrigatório comer alimentos ricos em proteínas, carboidratos, gorduras, vitaminas e sais minerais. Esses alimentos são essenciais. Você esteja fazendo

dieta para emagrecer, não elimine carboidratos, proteínas e gorduras de seu cardápio. Apenas reduza as quantidades. Você emagrece sem perder saúde.

Saúde, n, 5, maio 1993. p. 63.

(assim, mesmo que, para que)

- b) Toda mulher responsável pelos cuidados de uma casa já teve em alguns momentos de sua vida vontade de jogar tudo para o alto, quebrar os pratos sujos, mandar tudo às favas, fechar a porta de casa e sair. Já sentiu o peso desse encargo como uma rotina embrutecedora, que se desfaz vai sendo feito. Não é feito, nos enche de culpas e acusações, quando concluído ninguém nota, a mulher “não faz mais nada que sua obrigação.”

SORRENTINO, Sara. Presença de Mulher, n. 16, abr/jun. 1990. p.13.

(quando, pois, à medida que)

- c) O Brasil sediará as Olimpíadas do ano de 2016. Isso é interessante. O que não podemos esquecer antes de mais nada temos que conquistar muitas medalhas nas olimpíadas da nossa existência como uma nação digna. Alguns dos nossos velhos e temíveis adversários a serem derrotados são a fome, a miséria, a violência, o analfabetismo e a ignorância. O nosso principal desafio será ganhar a medalha de ouro da moralidade, “o povo sem moral vai mal”.

Texto adaptado. Jornal da Tarde, 17 ago. 1992.

(pois, afinal, até que e é que.)

2- Reúna as diversas frases num só período por meio de conjunções e pronomes relativos. Faça as devidas alterações de estrutura.

- a) Era um cais de quase dois quilômetros de extensão. Gostávamos de caminhar ao longo desse cais. O tempo era sempre feio e chuvoso.
- b) Era um homem de frases curtas. A boca desse homem só se abria para dizer coisas importantes. Ninguém queria falar dessas coisas.
- c) Ele era auxiliado em suas pesquisas por uma professora. Ele morava numa pensão. Ele se casaria mais tarde com essa professora.
- d) As moscas conseguem detectar tudo o que acontece à sua volta. Têm olhos compostos. Seus olhos lhes dão uma visão de praticamente 360 graus.

3- A coesão das frases abaixo está prejudicada por causa da ausência dos pronomes relativos. Faça a devida conexão, usando as preposições quando o verbo assim o exigir.

- a) Enxergo, em atitudes desse tipo, uma questão mais profunda, é a falta de consciência profissional. Uma sociedade acontecem casos assim nunca será respeitada.
- b) A escola é o lugar podem sair futuros cidadãos conscientes se poderá construir uma nação mais crítica de si mesma.
- c) O arrocho salarial certos governos tanto insistem leva o trabalhador ao desespero. Além disso, os juros dos quais os comerciantes tanto se queixam anulam as vias de crédito. Este perverso quadro econômico que todos vivenciamos há anos não pode continuar indefinidamente.
- d) O envolvimento de menores de ambos os sexos na prática de crimes é uma verdade de que não podemos fugir. Os poderes constituídos deveriam parar e refletir sobre esse facto com o qual os jornais enchem suas páginas diariamente. De nada adiantou o Estatuto da Criança e do Adolescente muitos delinquentes adultos se valem para incitar menores à prática de roubos e assassinatos.

(VIANA, 1998, 56-58.)

2.2 TEMA 04 – A COERÊNCIA TEXTUAL - A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

2.2.1 CONTEÚDO 13 – CONCEITO E TIPOS DE COERÊNCIA TEXTUAL

Vimos, no tema anterior, a coesão, um fator de textualidade imprescindível para a construção textual. Contudo diversas vezes falamos dela e mencionamos a coerência textual. Ambas, a coesão e a coerência são responsáveis pelo sentido do texto. Vejamos um intróito apresentado por Koch (2003, p, 52, 53), sobre a coerência. Segundo ela:

A coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a construir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos.

A coerência, portanto, longe de construir mera qualidade ou propriedade do texto, é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada, pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional (cf. Koch & Travaglia, 1989 e 1990).

De acordo com Charolles (1978), Van Dijk (1981 e 1990),

Se, porém, é verdade que a coerência não está no texto, é verdade também que ela deve ser construída a partir dele, levando-se, pois, em conta os recursos coesivos ou presentes

na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção do sentido. Para que se estabeleçam as relações adequadas entre tais elementos e o conhecimento de mundo (enciclopédico), o conhecimento socioculturalmente partilhado entre os interlocutores, e as práticas sociais postas em ação no curso da interação, torna-se necessário, na grande maioria dos casos, proceder a um cálculo, recorrendo-se a estratégias interpretativas, como as inferências e outras estratégias de negociação do sentido.

A coerência se estabelece em diversos níveis: sintático, semântico, temático, estilístico, ilocucional, concorrendo todos eles para a construção da coerência global. Assim, há autores que distinguem entre a coerência local (isto é, aquela que ocorre em um desses níveis, sobretudo no sintático) e a coerência global do texto, entre outros.

Para entendermos melhor essa fala de Ingedore Villaça Koch, faremos um exercício de leitura e complementação de um texto vazado. Com certeza vocês gostarão. Vejamos.

Completem o texto vazado abaixo, procure dar sentido (coerência) às lacunas apresentadas. Em seguida leiam o texto completo.

As * pulgas

Muitas * caíram e caem na armadilha das * drásticas de coisas que não precisam de alteração, apenas de *. O que lembra a história de * pulgas.

Duas pulgas estavam conversando e então uma comentou com a outra:

Sabe qual é o nosso problema? Nós não voamos, só sabemos *. Daí nossa * de sobrevivência quando somos percebidas pelo cachorro é *. É por isso que existem muito mais moscas do que *.

E elas contrataram uma * como consultora, entraram num programa de reengenharia de vôo e saíram voando. Passado algum tempo, a primeira pulga falou para a outra:

Quer saber? Voar não é o suficiente, porque ficamos grudadas ao * do cachorro e nosso tempo de reação é bem menor do que a velocidade da * dele. Temos de aprender a fazer como as *, que sugam o néctar e levantam vôo rapidamente.

E elas contrataram o serviço de consultoria de uma abelha, que lhes ensinou a técnica do chega-suga-voa. Funcionou, mas não resolveu. A primeira pulga explicou o porquê:

Nossa bolsa para armazenar * é pequena, por isso temos de ficar muito tempo sugando. Escapar, a gente até escapa, mas não estamos nos * direito. Temos de aprender como os * fazem para se alimentar com aquela rapidez.

E um pernilongo lhes prestou uma * para incrementar o tamanho do abdômen. Resolvido, mas por poucos minutos. Como tinham ficado *, a aproximação delas era facilmente percebida pelo cachorro, e elas eram espantadas antes mesmo de pousar. Foi aí que encontraram uma saltitante *:

Ué, vocês estão *! Fizeram plástica?

Não, reengenharia. Agora somos pulgas adaptadas aos desafios do **. Voamos, picamos e podemos armazenar mais alimentos.

E por que estão com cara de *?

Isto é temporário. Já estamos fazendo consultoria com um *, que vai nos ensinar a técnica de radar. E você?

Ah, eu vou bem, obrigada. Forte e sadia.

Era verdade. A pulguinha estava viçosa e bem alimentada. Mas as pulgonas não quiseram dar a pata a torcer.

Mas você não está preocupada com o *? Não pensou em reengenharia?

Quem disse que não? Contratei uma * como consultora.

O que as lesmas têm a ver com pulgas?

Tudo. Eu tinha o mesmo problema que vocês duas. Mas, em vez de dizer para a lesma o que eu queria, deixei que ela * a situação e me sugerisse a melhor *. E ela passou três dias ali, quietinha, só observando o * e então ela me deu *.

E o que a lesma sugeriu fazer?

“Não mude nada. Apenas sente no * do cachorro. É o único lugar que a * dele não alcança”.

MORAL: Você não precisa de uma reengenharia radical para ser mais eficiente. Muitas vezes a grande * é uma simples questão de *.

Texto atribuído a Max Gehringer

Como foram? Tiveram dificuldades para darem sentido ao texto? Entenderam o que Inge-dore Villaça Koch disse? Vejam o texto completo e a moral da história.

AS DUAS PULGAS

Muitas empresas caíram e caem na armadilha das mudanças drásticas de coisas que não precisam de alteração, apenas aprimoramento. O que lembra a história de duas pulgas.

Dois pulgas estavam conversando e então uma comentou com a Outra:

- Sabe qual é o nosso problema? Nós não voamos, só sabemos saltar. Daí nossa chance de sobrevivência quando somos percebidas pelo cachorro é zero. É por isso que existem muito mais moscas do que pulgas.

E elas contrataram uma mosca como consultora, entraram num programa de reengenharia de vôo e saíram voando. Passado algum tempo, a primeira pulga falou para a outra:

- Quer saber? Voar não é o suficiente, porque ficamos grudadas ao corpo do cachorro e nosso tempo de reação é bem menor do que a velocidade da coçada dele. Temos de aprender a fazer como as abelhas, que sugam o néctar e levantam vôo rapidamente.

E elas contrataram o serviço de consultoria de uma abelha, que lhes ensinou a técnica do chega-suga-voa. Funcionou, mas não resolveu. A primeira pulga explicou por quê:

- Nossa bolsa para armazenar sangue é pequena, por isso temos de ficar muito tempo sugando. Escapar, a gente até escapa, mas não estamos nos alimentando direito. Temos de aprender como os pernilongos fazem para se alimentar com aquela rapidez.

E um pernilongo lhes prestou uma consultoria para incrementar o tamanho do abdômen. Resolvido, mas por poucos minutos. Como tinham ficado maiores, a aproximação delas era facilmente percebida pelo cachorro, e elas eram espantadas antes mesmo de pousar. Foi aí que encontraram uma saltitante pulguinha:

- Ué, vocês estão enormes! Fizeram plástica?

- Não, reengenharia. Agora somos pulgas adaptadas aos desafios do século XXI. Voamos, picamos e podemos armazenar mais alimento.

- E por que é que estão com cara de famintas?

- Isso é temporário. Já estamos fazendo consultoria com um morcego, que vai nos ensinar a técnica do radar. E você?

- Ah, eu vou bem, obrigada. Forte e sadia.

Era verdade. A pulguinha estava viçosa e bem alimentada. Mas as pulgonas não quiseram dar a pata a torcer:

- Mas você não está preocupada com o futuro? Não pensou em uma reengenharia?

- Quem disse que não? Contratei uma lesma como consultora.

- O que as lesmas têm a ver com pulgas?

- Tudo. Eu tinha o mesmo problema que vocês duas. Mas, em vez de dizer para a lesma o que eu queria, deixei que ela avaliasse a situação e me sugerisse a melhor solução. E ela passou três dias ali, quietinha, só observando o cachorro e então ela me deu o diagnóstico.

- E o que a lesma sugeriu fazer?

- "Não mude nada. Apenas sente no cocuruto do cachorro. É o único lugar que a pata dele não alcança".

MORAL: Você não precisa de uma reengenharia radical para ser mais eficiente. Muitas vezes, a GRANDE MUDANÇA é uma simples questão de reposicionamento.

Texto atribuído a Max Gehringer.

Disponível em: <http://www.dejovu.com>. Acessado em: 16 abr. 2010.

No texto sobre a coerência textual Ingedore Villaça Koch falou de diversos conhecimentos necessários para se dar sentido aos enunciados, entre eles o conhecimento de mundo, ou seja, os adquiridos através da leitura de livros, da educação doméstica, entre outros. Falou também das inferências, a capacidade de imaginar o que vem posteriormente a um enunciado. No texto vazado, uma adaptação da produção atribuída a Max Gehringer para sua completude foram necessárias diversas estratégias para que seu sentido fosse estabelecido. Essas estratégias são chamadas de Fatores de Coerência. Vejamos alguns fatores de coerências por Juliana Aguenta (2010), e Carneiro (2001):

FATORES DE COERÊNCIA

Para a construção da coerência deve haver fatores das mais diversas ordens: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais.

[...]

CONHECIMENTO COMPARTILHADO

Como cada um de nós vai armazenando os conhecimentos na memória a partir de suas experiências pessoais, é impossível que duas pessoas partilhem exatamente o mesmo conhecimento de mundo. É preciso, no entanto, que produtor e receptor de um texto possuam, ao menos, uma boa

parcela, menor será a necessidade de explicitude do texto, pois o receptor será capaz de suprir as lacunas, por exemplo, através de inferências.

INFERÊNCIAS

É a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar; ou, então, entre segmento de texto e os conhecimentos necessários para a sua compreensão.

FATORES DE CONTEXTUALIZAÇÃO

São aqueles que “ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada. Segundo Marcuschi (1983), podem ser de dois tipos: os contextualizadores propriamente ditos e os prospectivos ou prospectivos. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência.

Os fatores prospectivos ou prospectivos são aqueles que avançam expectativas sobre o conteúdo – e também a forma – do texto: título, autor, início do texto.

SITUACIONALIDADE

É um outro fator responsável pela coerência, e pode ser vista atuando em duas direções:

- a) Da situação para o texto - neste caso, trata-se de determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto e, portanto, no estabelecimento da coerência.
- b) Do texto para a situação – o produtor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses, convicções, crenças etc. O mundo criado pelo texto não é, portanto, uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor a partir de determinada perspectiva, de acordo com determinadas intenções.

INFORMATIVIDADE

Diz respeito ao grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto. Um texto será tanto menos informativo, quanto mais previsível ou esperada for a informação previsível ou redundante, seu grau de informatividade será baixo; se contiver, além da informação esperada ou previsível, informação não previsível, terá um grau maior de informatividade; se, por fim, toda a informação de um texto for inesperada ou imprevisível, ele terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

FOCALIZAÇÃO

Tem a ver com a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento, bem como com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual.

Diferenças de focalização podem causar problemas sérios de compreensão, impedindo, por vezes, o estabelecimento da coerência.

INTERTEXTUALIZAÇÃO

Recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos. Quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos.

INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE

A Intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções. E a aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade.

A comunicação humana ocorre quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do(s) interlocutor (es).

CONSISTÊNCIA E RELEVÂNCIA

A consistência se prende ao fato de que todos os dados textuais devem estar relacionados de forma consistente entre si, de modo a não haver contradição possível; já a relevância se liga ao fato de que os enunciados devem estar ligados ao mesmo tema.

[...]

Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/resenhas/1872765>. Acessado em: 16 abr. 2010.

CONHECIMENTO LINGUISTICO

É o conhecimento das estruturas gramaticais e do significado das palavras. Na verdade, esse conhecimento é necessário, mas pode ser suficiente, para que um texto seja coerente. Na época da ditadura militar, por exemplo, eram comuns as pichações de dizeres como “Fora Gorilas!”. Ora mesmo sabendo como se estrutura essa frase e o significado dos seus vocábulos, o entendimento do mundo – que nos diz, nesse caso, que gorila era um termo negativo aplicado aos militares, os quais, naquele momento, governavam o país.

CONHECIMENTO DE MUNDO

O conhecimento prévio do mundo nos permite ler o texto, relacionar seus elementos por meio de inferências, dar continuidade de sentido aos segmentos textuais etc. Corresponde à soma de todos os nossos conhecimentos adquiridos à medida que vivemos e que são armazenados em blocos, denominados modelos cognitivos. Estes podem ser de diferentes tipos:

- a) Os frames, que se conferem aos conhecimentos armazenados dentro de um certo bloco conceitual: assim, o frame “sala de aula” pode conter giz, quadro-negro, professor, livros, cadernos, alunos, mas não contém bananas, macacos ou espingardas.
- b) Os esquemas, que são conhecimentos que se organizam dentro de uma certa sequência temporal ou causal, como as ações que fazemos ao tomar banho, ao vestirmos nossas roupas etc.
- c) Os planos, que se referem aos procedimentos a serem tomados para atingirmos nossos objetivos. Por exemplo: conhecimento de como devemos proceder para obtermos uma vitória no tribunal;

- d) Os esquemas textuais, que se ligam a regularidades textuais conforme o tipo de organização discursiva. Assim, um texto narrativo apresenta certas regularidades, que acabam por montar a sua “gramática”, do mesmo modo que os textos descritivos ou dissertativos. (CARNEIRO, 2001, p, 43).



IMPORTANTE

Em relação à coerência, faremos alguns exercícios para colocarmos em prática os fatores de coerência estudados. Vale ressaltar que para a eficácia deles, também usaremos o nosso conhecimento da coesão textual.

EXERCÍCIOS

1- O texto abaixo descreve o arraial de Canudos logo após sua destruição em 5 de outubro de 1897.

“Os urubus eram tantos que formavam nuvens negras e nem assim davam conta de devorar os milhares de cadáveres. Muitos secavam ao sol, impregnando o sertão de um cheiro indescritivelmente podre. Cachorros, cujos donos também jaziam mortos por ali, acostumaram-se a comer carne humana e apavoravam os poucos desavisados que ousassem visitar a região. Do arraial, restavam escombros, onde antes havia duas igrejas, e montes de cinza, no lugar das casas de barro.”

(BURGIERMAN, Denis Russo. In: Superinteressante, ano 14, n. 2, fev. 2000. p.37.)

Trata-se de uma descrição coerente ou incoerente? Justifique.

QUESTÕES 02 E 03

Nas questões 02 e 03, numere os períodos de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, indique a sequência numérica correta.

Obs.: As respostas dos exercícios deverão formar um único texto, coerente e coeso.

QUESTÃO 02

- () Por isso era desprezado por amplos setores, visto como resquício da era do capitalismo desalmado.
- () Durante décadas, Friedman - que hoje tem 85 anos e há muito aposentou-se da Universidade de Chicago - foi visto como uma espécie de pária brilhante.
- () Mas isso mudou; o impacto de Friedman foi tão grande que ele já se aproxima do status de John Maynard Keynes (1883-1945) como o economista mais importante do século.
- () Foi apenas nos últimos 10 a 15 anos que Milton Friedman começou a ser visto como realmente é: o mais influente economista vivo desde a Segunda Guerra Mundial.
- () Ele exaltava a ‘liberdade’, louvava os ‘livres mercados’ e criticava o ‘excesso de intervenção governamental.’ (Baseado em Robert J. Samuelson, Exame, 1/7/1998)

- a) 4, 2, 5, 1, 3
- b) 1, 2, 5, 3, 4
- c) 3, 1, 5, 2, 4
- d) 5, 2, 4, 1, 3
- e) 2, 5, 4, 3, 1

QUESTÃO 03

- () Na verdade, significa aquilo que um liberal americano descreveria (sem estar totalmente correto, porém) como conservadorismo.
- () Nos Estados Unidos, liberalismo significa a atuação de um governo ativista e intervencionista, que expande seu envolvimento e as responsabilidades que assume, estendendo-os à economia e à tomada centralizada de decisões.
- () A guerra global entre estado e mercado contrapõe 'liberalismo' a 'liberalismo'.
- () No resto do mundo, liberalismo significa quase o oposto.
- () Esta última definição contém o sentido tradicional dado ao liberalismo.
- () Esse tipo de liberalismo defende a redução do papel do Estado, a maximização da liberdade individual, da liberdade econômica e do papel do mercado. (Exame, 1/7/1998)

- a) 1, 5, 3, 4, 2, 6
- b) 3, 1, 4, 5, 6, 2
- c) 2, 4, 5, 3, 6, 1
- d) 4, 2, 1, 3, 6, 5
- e) 1, 3, 2, 6, 5, 4

4- A partir da junção das informações abaixo, construa um parágrafo textual coeso e coerente. Faça as alterações necessárias, mas não acrescente ideias, como também não mude o sentido das frases.

- O restaurante Aogobom possui um tempero suave, com pouco óleo;
- O restaurante Aogobom é um ponto de encontro para quem quer saborear uma deliciosa comida chinesa;
- As receitas do Restaurante Aogobom foram trazidas da China;
- Wend, Cheng e Diana são amigas;
- Wend, Cheng e Diana trouxeram receitas maravilhosas da China para o restaurante Aogobom;
- Wend, Cheng e Diana preparam todo o cardápio;
- O restaurante Aogobom é famoso por suas sobremesas light;
- As sobremesas light do restaurante Aogobom são feitas com pouco açúcar e gordura.

2.2.2 CONTEÚDO 14 – PONTUAÇÃO: A VÍRGULA

Este conteúdo é dispensado para a pontuação, como destaque veremos a vírgula, não por ser o “sinal” mais importante, mas sim por causa de sua diversidade de aplicação que gira em torno, não somente da sintaxe como também do sentido do texto. Como abertura desse estudo, leiam o texto abaixo.

A vírgula

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Esse, juiz, é corrupto.

Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Uma vírgula muda tudo.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Disponível em: <http://blog.reginavolpato.com.br/2008/07/09/a-virgula-abi/>. Acessado em: 16 abr. 2010.

Perceberam como um mesmo enunciado pode ter diferentes significados a depender da mudança do sinal de pontuação? Vale ressaltar que essa mudança de significados pode causar diversos transtornos para a vida de uma pessoa. Por isso a pontuação deve ser sempre bem observada e aplicada na produção de textos. Vejamos a seguir os sinais de pontuação e vários exemplos.

Vírgula ,

Marca uma pequena pausa na leitura, o que equivale a uma pequena ou grande mudança na entoação

Quando se trata de separar determinados termos de uma oração, deve-se usar a vírgula nos casos abaixo.

Emprega-se a vírgula (uma breve pausa):

a) Para separar os elementos mencionados numa relação:

EXEMPLO

- A nossa empresa está contratando engenheiros, economistas, analistas de sistemas e secretárias.
- O apartamento tem três quartos, sala de visitas, sala de jantar, área de serviço e dois banheiros.



IMPORTANTE

Mesmo que o “e” venha repetido antes de cada um dos elementos da enumeração, a vírgula deve ser empregada:

- Rodrigo estava nervoso. Andava pelos cantos, e gesticulava, e falava em voz alta, e ria, e roía as unhas.

b) Para vocativo:

EXEMPLO

- Cristina, desligue já esse telefone!
- Por favor, Ricardo, venha até o meu gabinete.

c) Para aposto:

EXEMPLO

- Dona Sílvia, aquela mexeriqueira do quarto andar, ficou presa no elevador.
- Rafael, o gênio da pintura italiana, nasceu em Urbino.

d) Para isolar palavras e expressões explicativas

(a saber, por exemplo, isto é, ou melhor, aliás, além disso etc.):

EXEMPLO

- Gastamos R\$ 5.000,00, na reforma do apartamento, isto é, tudo o que tínhamos economizado durante anos.
- Eles viajaram para a América do Norte, aliás, para o Canadá.

e) Para isolar o adjunto adverbial antecipado:

EXEMPLO

- Ontem à noite, fomos todos jantar fora.

f) Para isolar elementos repetidos:

EXEMPLO

- O palácio, o palácio está destruído.
- Estão todos cansados, cansados de dar dó!

g) Para isolar, nas datas, o nome do lugar:

EXEMPLO

- Roma, 13 de dezembro de 1995.

h) Para isolar os adjuntos adverbiais:

EXEMPLO

- A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.
- Os candidatos serão atendidos, das sete às onze, pelo próprio gerente.

i) Para isolar as orações coordenadas, exceto as introduzidas pela conjunção e:

EXEMPLO

- Ele já enganou várias pessoas, logo não é digno de confiança.
- Você pode usar o meu carro, mas tome muito cuidado ao dirigir.
- Não compareci ao trabalho ontem, pois estava doente.

j) Para indicar a elipse de um elemento da oração:

EXEMPLO

- Foi um grande escândalo. Às vezes gritava; outras, estrebuchava como um animal.
- Não se sabe ao certo. Paulo diz que ela se suicidou, a irmã, que foi um acidente.

k) Para separar o paralelismo de provérbios:

EXEMPLO

- Ladrão de tostão, ladrão de milhão.
- Ouvir cantar o galo, sem saber onde.

l) Após a saudação em correspondência (social e comercial):

EXEMPLO

- Com muito amor,

- Respeitosamente,

m) Para isolar as orações adjetivas explicativas:

EXEMPLO

- Marina, que é uma criatura maldosa, "puxou o tapete" de Juliana lá no trabalho.
- Vidas Secas, que é um romance contemporâneo, foi escrito por Graciliano Ramos.

n) Para isolar orações intercaladas:

EXEMPLO

- Não lhe posso garantir nada, respondi secamente.
- O filme, disse ele, é fantástico.



O ponto marca o fim de um período seja ele simples ou composto. Termina um enunciado de sentido completo. Assinala uma pausa de longa duração.

1. Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o término de uma frase declarativa de um período simples ou composto.

EXEMPLO

- Desejo-lhe uma feliz viagem.
- A casa, quase sempre fechada, parecia abandonada, no entanto tudo no seu interior era conservado com primor.

2. O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas.

EXEMPLO

- fev. = fevereiro
- hab. = habitante
- rod. = rodovia.

O ponto que é empregado para encerrar um texto escrito recebe o nome de ponto final.



Utiliza-se o ponto-e-vírgula para assinalar uma pausa maior do que a da vírgula, praticamente uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula. Geralmente, emprega-se o ponto-e-vírgula para:

a) Separar orações coordenadas que tenham certo sentido ou aquelas que já apresentam separação por vírgula:

EXEMPLO

Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma doídivanas.

b) Separar vários itens de uma enumeração:

EXEMPLO

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino em estabelecimentos oficiais;

(Constituição da República Federativa do Brasil)

Dois Pontos

Marca uma suspensão na voz ainda não concluída.

a) Uma enumeração:

EXEMPLO

Rubião recordou a sua entrada no escritório do Camacho, o modo porque falou: e daí tornou atrás, ao próprio ato.

Estirado no gabinete, evocou a cena: o menino, o carro, os cavalos, o grito, o salto que deu, levado de um ímpeto irresistível...

(Machado de Assis)

b) Uma citação:

EXEMPLO

Visto que ela nada declarasse, o marido indagou:

- Afinal, o que houve?

c) Um esclarecimento:

EXEMPLO

Joana conseguira enfim realizar seu desejo maior: seduzir Pedro. Não porque o amasse, mas para magoar Lucila.

Observe que os dois-pontos são também usados na introdução de exemplos, notas ou observações.

EXEMPLO

Parônimos são vocábulos diferentes na significação e parecidos na forma. Exemplos: ratificar/retificar, censo/senso, discriminar/discriminar etc.

Ponto de interrogação ?

Marca uma pausa com melodia característica, ou seja, entoação ascendente (elevação da voz).

O ponto de interrogação é empregado para indicar uma pergunta direta, ainda que esta não exija resposta:

EXEMPLO

O criado pediu licença para entrar:

- O senhor não precisa de mim?
- Não obrigado. A que horas janta-se?
- Às cinco, se o senhor não der outra ordem.
- Bem.
- O senhor sai a passeio depois do jantar? De carro ou a cavalo?
- Não.

(José de Alencar)

Ponto de exclamação !

Marca uma pausa e uma entoação não uniformes, e seu emprego está mais afeto à Estilística do que à Gramática.

O ponto de exclamação é empregado para marcar o fim de qualquer enunciado com entonação exclamativa, que normalmente exprime admiração, surpresa, assombro, indignação etc.

EXEMPLO

- Viva o meu príncipe! Sim, senhor... Eis aqui um comedouro muito compreensível e muito repousante, Jacinto!

- Então janta, homem!

(Eça de Queiroz)



DICA

O ponto de exclamação é também usado com interjeições e locuções interjetivas:

- Oh!
- Valha-me Deus!

Reticências ...

Marcam uma suspensão na frase com entoação descendente. O seu emprego, muitas vezes, depende do emissor, ou seja, do instante espiritual ou espirituoso do escritor.

As reticências são empregadas para:

a) Assinalar interrupção do pensamento:

EXEMPLO

- Bem; eu retiro-me, que sou prudente. Levo a consciência de que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá...

(Júlio Dinis)

b) Indicar passos que são suprimidos de um texto:

EXEMPLO

O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... Considerava a lingüística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos... (MATTOSO CAMARA JR., 1977)

c) Marcar aumento de emoção:

EXEMPLO

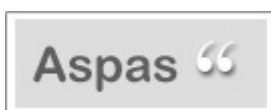
As palavras únicas de Teresa, em resposta àquela carta, significativa da turvação do infeliz, foram estas: "Morrerei, Simão, morrerei. Perdoa tu ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que sorte eu queria dar-te... e morro, porque não posso, nem poderei jamais resgatar-te.

(Camilo Castelo Branco)



IMPORTANTE

Aspas, travessão, parênteses e asterisco não marcam a entoação de uma frase. São apenas sinais gráficos.



As aspas são empregadas:

a) Antes e depois de citações textuais:

EXEMPLO

Roulet afirma que "o gramático deveria descrever a língua em uso em nossa época, pois é dela que os alunos necessitam para a comunicação cotidiana".

b) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, gírias e expressões populares ou vulgares:

EXEMPLO

- O lobby para que se mantenha a autorização de importação de pneus usados no Brasil está cada vez mais descarado.

(Veja)

- Na semana passada, o senador republicano Charles Grassley apresentou um projeto de lei que pretende "deletar" para sempre dos monitores de crianças e adolescentes as cenas consideradas obscenas.

(Veja)

- Popularidade no "xilindró". Preso há dois anos, o prefeito de Rio Claro tem apoio da população e quer uma delegada para primeira-dama.

(Veja)

- Com a chegada da polícia, os três suspeitos "puxaram o carro" rapidamente.

c) Para realçar uma palavra ou expressão:

EXEMPLO

- Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.
- Aquela "vertigem súbita" na vida financeira de Ricardo afastou-lhe os amigos dissimulados.

Travessão —

Emprega-se o travessão para:

a) Indicar a mudança de interlocutor no diálogo:

EXEMPLO

- Que gente é aquela, seu Alberto?
- São japoneses.
- Japoneses? E... É gente como nós?
- É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.
- Mas, então não são índios?

(Ferreira de Castro)

b) Colocar em relevo certas palavras ou expressões:

EXEMPLO

- Maria José sempre muito generosa - sem ser artificial ou piegas - a perdoou sem restrições.
- Um grupo de turistas estrangeiros - todos muito ruidosos - invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.

c) Substituir a vírgula ou os dois pontos:

EXEMPLO

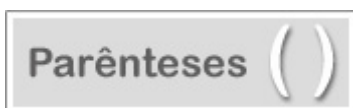
Cruel, obscena, egoísta, imoral, indômita, eternamente selvagem, a arte é a superioridade humana - acima dos preceitos que se combatem, acima das religiões que passam, acima da ciência que se corrige; embriaga como a orgia e como o êxtase.

(Raul Pompéia)

d) Ligar palavras ou grupos de palavras que formam um "conjunto" no enunciado:

EXEMPLO

- A ponte Rio-Niterói está sendo reformada.
- O triângulo Paris-Milão-Nova York está sendo ameaçado, no mundo da moda, pela ascensão dos estilistas do Japão.



Os parênteses são empregados para:

a) Destacar num texto qualquer explicação ou comentário:

EXEMPLO

Todo signo linguístico é formado de duas partes associadas e inseparáveis, isto é, o significante (unidade formada pela sucessão de fonemas) e o significado (conceito ou ideia).

b) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.):

EXEMPLO

Mattoso Camara (1977:91), afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.

c) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro:

EXEMPLO

Abelardo I - Que fim levou o americano?

João - Decerto caiu no copo de uísque!

Abelardo I - Vou salvá-lo. Até já!

(sai pela direita)

(Oswald de Andrade)

d) Isolar orações intercaladas com verbos declarativos, em substituição à vírgula e aos travessões:

EXEMPLO

É afirmado (não provado) que é muito comum o recebimento de propina para que os carros apreendidos sejam liberados sem o recolhimento das multas.



O asterisco, sinal gráfico em forma de estrela, é um recurso empregado para:

a) Remissão a uma nota no pé da página ou no fim de um capítulo de um livro:

EXEMPLO

Ao analisarmos as palavras sorveteria, sapataria, confeitaria, leiteria e muitas outras que contêm o morfema preso* -aria e seu alomorfe -eria, chegamos à conclusão de que este afixo está ligado ao estabelecimento comercial. Em alguns contextos, pode indicar atividades, como em: bruxaria, gritaria, patifaria etc.

* É o morfema que não possui significação autônoma e sempre aparece ligado a outras palavras.

b) Substituição de um nome próprio que não se deseja mencionar:

EXEMPLO

O Dr.* afirmou que a causa da infecção hospitalar na Casa de Saúde Municipal está ligada à falta de produtos adequados para assepsia.



DICA

Leia bastante e observe como os períodos são pontuados.

INDICAÇÃO DE LEITURA.



[HTTP://WWW.EXKOLA.COM.BR](http://www.exkola.com.br)

EXERCÍCIOS

1- Assinale a alternativa cuja frase está corretamente pontuada.

- a) O sol que é uma estrela, é o centro do nosso sistema planetário.
- b) Ele, modestamente se retirou.
- c) Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia.
- d) Confessou-lhe tudo; ciúme, ódio, inveja.
- e) Estas cidades se constituem, na maior parte de imigrantes alemães.

2- Assinale a proposição que corresponde ao período de pontuação correta.

- a) Tu meu amigo se não me engano, estás atrasado.
- b) Tu, meu amigo se não me engano estás atrasado.
- c) Tu meu amigo, se não me engano, estás atrasado.
- d) Tu meu amigo, se não me engano estás atrasado.

e) Tu, meu amigo, se não me engano, estás atrasado.

3- Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto da vírgula.

- a) Arrumou as malas saiu, lançou-se na vida.
- b) Os visados éramos nós e eles foram violentamente torturados.
- c) Eu contesto, a justiça que mata.
- d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
- e) O período consta de dez orações, porque, esse é o número exato de verbos.

4- Assinale a frase de pontuação errada.

- a) José, venha cá.
- b) Paulo, o mais moço da família, é o mais esperto.
- c) Ao acabar as aulas, os alunos se retiraram.
- d) Os professores, os alunos, o diretor e os funcionários saíram.
- e) São Paulo 22 de março de 1952.

5- Separe com vírgulas os termos intercalados nas frases a seguir.

- a) O governo a todo instante tomava medidas contraditórias.
- b) O assunto a meu ver requer longos estudos.
- c) Todos os atletas à tarde foram descansar.
- d) Muito nos esforçamos sem dúvida, mas pouco recebemos em troca.
- e) Vamos sair agora ou melhor esperemos o resto do pessoal.
- f) Vinte alunos foram advertidos isto é metade da classe.

6- Nas frases a seguir, a vírgula foi incorretamente empregada em certas passagens. Localize os erros e corrija-os.

- a) Tudo, fizemos para salvá-lo da ruína.
- b) Os estudantes, durante a reunião, explicaram, os motivos do protesto.
- c) O jornal, publicou diversas fotos do incêndio.
- d) O medo, do futuro, tem deixado as pessoas, angustiadas.
- e) Às vezes, eles saíam à noite e iam visitar, uns amigos.

7- O texto a seguir foi copiado sem qualquer pontuação. Coloque todos os sinais indispensáveis ao bom entendimento.

Três sujeitos lá no fundão da Sibéria discutiam as razões de sua prisão o primeiro informou eu uma vez cheguei atrasado à usina e fui preso por estar sabotando o trabalho coletivo e o outro contou pois eu como chegava todo dia mais cedo fui preso por espionagem e o terceiro eu sempre cheguei na hora exata todos os dias durante anos e fui preso por conformismo pequeno-burguês

2.2.3 CONTEÚDO 15 – QUALIDADES DE UM TEXTO

Não existem fórmulas mágicas para se fazer uma boa redação. O exercício contínuo, aliado à prática da leitura de bons autores, e a reflexão são indispensáveis para a criação de textos. (ERNANI; NICOLA, 2002, P, 62).

Como bem disseram Ernani & Nicola, não existem fórmulas prontas para uma boa produção de texto. Contudo é imprescindível ficarmos atentos às boas produções e também como chegar a elas, ou melhor, como produzirmos textos bons. Vejamos algumas qualidades de um texto, conforme Ernani; Nicola (2002, p, 62):

CORREÇÃO

Uma boa redação deve utilizar uma linguagem que esteja de acordo com as normas gramaticais vigentes. Não importa aqui discutir se essas normas representam um uso que se sobrepôs aos demais, no caso o uso de uma determinada classe social.

Para efeito de exames, seu texto deverá sujeitar-se a essas normas, pois os desvios da linguagem padrão serão considerados erros e implicarão diminuição da nota. Por isso, ao escrever, procure utilizar uma linguagem gramaticalmente correta, isto é, de acordo com as regras estabelecidas pela gramática normativa. (Ernani; Nicola (2002, p, 62

Apontamos, a seguir, alguns desvios da norma culta que comumente aparecem nos textos.

Grafia – atenção com a grafia de palavras. Se você tiver dúvida sobre a grafia de uma palavra, substitua-a por outra que você saiba escrever. Não se esqueça também de verificar a acentuação das palavras. Uma revisão das regras de acentuação pode ajudá-lo a evitar erros desse tipo.

Flexão das palavras – cuidado com a formação do plural de algumas palavras, sobretudo as compostas (primeiro-ministro, abaixo-assinado, luso-brasileiro etc.).

Concordância – lembre-se de que verbo e sujeito deverão concordar e que nomes devem concordar entre si. Quando o sujeito vem depois do verbo ou distante dele, são comuns erros de concordância verbal, por isso prefira períodos curtos, em ordem direta.

Regência – fique atento à regência de verbos e nomes, sobretudo à daqueles que exigem a preposição *a*, a fim de não cometer erro no emprego do acento que indica a crase.

Colocação de pronomes – na linguagem formal, não é costume iniciar frases com pronomes oblíquos átonos (me, te, se, nos, lhe, o, a, os, as).

CLAREZA

Ser claro significa ser facilmente compreendido. Lembre-se de que escrever bem não significa escrever difícil. Por isso, ao redigir, procure expor suas ideias de maneira que sejam, facilmente compreendidas pelo leitor. Para tanto, evite períodos longos e vocabulário rebuscado.

CONCISÃO

Num texto, ao exprimir uma ideia, você poderá usar mais palavras do que o necessário. Se isso ocorrer, você terá um texto prolixo.

Se, ao contrário, você utilizar menos palavras do que o necessário, terá um texto obscuro, isto é, pouco claro.

Caso você utilize o número estritamente necessário de palavras para exprimir uma ideia, estará sendo conciso.

A prolixidade e a obscuridade são defeitos de redação; a concisão é uma qualidade. Portanto, ao elaborar sua redação, procure expor sua ideia com precisão, evitando dar voltas em torno do assunto ou utilizar palavras desnecessárias. Lembre-se: “encher linguiça já era!”

ELEGÂNCIA

Elegância é harmonia, simplicidade, exposição bem ordenada. Lembre-se de que você escreve para alguém e, por isso, deve produzir um texto que seja agradável ao leitor. A elegância tem de começar pela apresentação do texto, com letra legível, sem borrões e rasuras. O fundamental é que o estilo seja elegante, e para isso você deverá observar as qualidades que apontamos acima: a correção, a clareza e a concisão.

Depois de lembrarmos das qualidades de um texto, ficaremos mais atentos em nossas produções, evitaremos o excesso de vocábulos, faremos sempre uma releitura delas e, se não estiverem “corretas”, refaremos o exercício da escrita.

Dando continuidade as qualidades de um texto escrito, veremos abaixo parte de um capítulo retirado do Manual de Redação da Presidência da República.

PARTE I

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

CAPÍTULO I

ASPECTOS GERAIS DA REDAÇÃO OFICIAL

O que é Redação Oficial

Em uma frase, pode-se dizer que redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)". Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro está que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição. Há normas para sua elaboração que remontam ao período de nossa história imperial, como, por exemplo, a obrigatoriedade – estabelecida por decreto imperial de 10 de dezembro de

1822 – de que se aponha, ao final desses atos, o número de anos transcorridos desde a Independência. Essa prática foi mantida no período republicano.

Esses mesmos princípios (impessoalidade, clareza, uniformidade, concisão e uso de linguagem formal) aplicam-se às comunicações oficiais: elas devem sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoais e uniformes, o que exige o uso de certo nível de linguagem.

Nesse quadro, fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

Outros procedimentos rotineiros na redação de comunicações oficiais foram incorporados ao longo do tempo, como as formas de tratamento e de cortesia, certos clichês de redação, a estrutura dos expedientes etc. Mencione-se, por exemplo, a fixação dos fechos para comunicações oficiais, regulados pela Portaria no 1 do Ministro de Estado da Justiça, de 8 de julho de 1937, que, após mais de meio século de vigência, foi revogado pelo Decreto que aprovou a primeira edição deste Manual.

Acrescente-se, por fim, que a identificação que se buscou fazer das características específicas da forma oficial de redigir não deve ensejar o entendimento de que se proponha a criação – ou se aceite a existência – de uma forma específica de linguagem administrativa, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Este é antes uma distorção do que deve ser a redação oficial, e se caracteriza pelo abuso de expressões e clichês do jargão burocrático e de formas arcaicas de construção de frases.

A redação oficial não é, portanto, necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial, passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A Impessoalidade

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

- a) Da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

- b) Da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;
- c) Do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não cabe qualquer tom particular ou pessoal.

Desta forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A Linguagem dos Atos e Comunicações Oficiais

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, aqui entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiosincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, sendo de evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio à determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

Outras questões sobre a linguagem, como o emprego de neologismo e estrangeirismo, são tratadas em detalhe em 9.3. Semântica.

Formalidade e Padronização

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível (v. a esse respeito 2.1.3. Emprego dos Pronomes de Tratamento); mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão, uma das metas deste Manual, exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização. Consulte o Capítulo II, As Comunicações Oficiais, a respeito de normas específicas para cada tipo de expediente.

Concisão e Clareza

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Procure perceber certa hierarquia de ideias que existe em todo texto de alguma complexidade: ideias fundamentais e ideias secundárias. Estas últimas podem esclarecer o sentido daquelas, detalhá-las, exemplificá-las; mas existem também ideias secundárias que não acrescentam informação alguma ao texto, nem têm maior relação com as fundamentais, podendo, por isso, ser dispensadas.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial, conforme já sublinhado na introdução deste capítulo. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

- a) A impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;
- b) O uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avessa a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;
- c) A formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;
- d) A concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explícite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão. "Não há assuntos urgentes, há assuntos atrasados", diz a máxima. Evite-se, pois, o atraso, com sua indesejável repercussão no redigir.

[...]

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm. Acessado em: 16 abr. 2010.

Fez-se mais uma vez necessário enfatizar a importância de uma produção embasada na uniformidade da língua. Entretanto os textos não devem ser rebuscados, mesmo os de redação oficiais. Contudo a inobservância das regras da gramática normativa padrão, em textos formais e ou oficiais, serão sempre "obrigatórios."

2.2.4 CONTEÚDO 16 – DEFEITOS DE UM TEXTO

OS DEFEITOS DE UM TEXTO.

Segundo Ernani & Nicola (2002, p, 62,63), devemos sempre evitar construções que prejudiquem a compreensão do leitor. Infelizmente, em todos os níveis acadêmicos essas inadequações estão presentes. Vejamos a classificação de defeitos de um texto sugeridos pelos autores citados acima. São eles:

- Ambiguidade
- Cacofonia
- Eco
- Obscuridade
- Pleonasma
- Prolixidade

Ambiguidade

Ambiguidade (ou anfibologia) significa "duplicidade de sentido". Uma frase com duplo sentido é imprecisa, o que atenta contra a clareza, uma vez que pode levar o leitor a atribuir-lhe um sentido diferente daquele que o autor procurou lhe dar. Ocorre geralmente por má pontuação ou mau emprego de palavras ou expressões.

Alguns exemplos de frases ambíguas:

João ficou com Mariana em sua casa.

Alice saiu com sua irmã.

Nesses exemplos, a ambiguidade decorre do fato de o possessivo **sua** estar se referindo a mais de um elemento. Portanto, deve-se tomar muito cuidado no emprego desse pronome possessivo.

A ambiguidade pode ser evitada com a substituição por dele(s) ou dela(s). Observe alguns outros exemplos: "Matou o tigre o caçador".

Pela quebra da ordem direta da oração, não se sabe qual é o sujeito e qual é o objeto. Quem matou quem? O tigre matou o caçador ou o caçador matou o tigre?

Neste exemplo: "Visitamos o teatro do vilarejo, que foi fundado no século XVIII." Na construção, temos dois antecedentes que podem ser retomados pelo pronome relativo que. O que foi fundado no século XVIII: o teatro ou o vilarejo?

Nem sempre, porém, a ambiguidade é um defeito. A linguagem literária, sobretudo a da poesia, explora muito a duplicidade de sentido como recurso expressivo.

Textos humorísticos ou irônicos se valem também da anfibologia para alcançar o humor. Portanto, só se deve considerar a ambiguidade um defeito quando ela atenta contra a clareza em textos técnicos/acadêmicos.

Obscuridade

Obscuridade significa "falta de clareza". Vários motivos podem determinar a obscuridade de um texto: períodos excessivamente longos, linguagem rebuscada, má pontuação, ausência de coesão, falta de coerência etc.

Observe:

“Encontrar a mesma ideia vertida em expressões antigas mais claras, expressiva e elegantemente tem-me acontecido inúmeras vezes na minha prática longa, aturada e contínua do escrever depois de considerar necessária e insuprível uma locução nova por muito tempo”.

Do que trata mesmo o texto?

Difícil dizer, não é?

Prolixidade

Ser prolixo é utilizar mais palavras do que o necessário para exprimir uma ideia. É alongar-se. É não ir direto ao assunto, é "encher linguiça". Prolixidade é o antônimo de concisão.

Um texto prolixo é, em consequência, um texto enfadonho. Note que, sempre que uma pessoa prolonga em demasia o discurso, os ouvintes tendem a não prestar mais atenção ao que ela está dizendo, por isso, a prolixidade deve ser evitada.

O uso de expressões que só servem para prolongar o discurso, como "por outro lado", "na minha modesta opinião", "eu acho que", tendem a não acrescentar nada à mensagem, tornando o texto prolixo. Evite-as, portanto.

Além dos defeitos que apontamos, procure também evitar frases feitas e chavões, como “inflação galopante”, “vitória esmagadora”, “caixinha de surpresas”, “caloroso abraço”, “nos píncaros da glória”.

Cacofonia

Cacofonia (ou cacófato) consiste em um som desagradável obtido pela união das sílabas finais de uma palavra com as iniciais de outra.

- Você notou a **boca dela**?
- Receberam cinco reais **por cada** peça.
- Estas ideias, **como as concebo**, são irrealizáveis

As músicas de forró exploram muito a cacofonia, criando uma ambiguidade na construção da mensagem. Constitui, nesse sentido, um recurso expressivo do texto literário, o que não é o nosso caso.

Pleonasma: consiste na repetição desnecessária de um conceito. Nas frases:

Eles convivem juntos há mais de dez anos.

A brisa matinal da manhã enchia-o de alegria.

Ele teve uma hemorragia de sangue.

Temos pleonasma, uma vez que no verbo conviver já está contido o conceito de juntos (conviver é viver com outrem); portanto, a palavra **juntos** é redundante, nada acrescentando ao enunciado.

Da mesma forma, brisa matinal só pode ocorrer de manhã; hemorragia, em linguagem denotativa, só pode ser de sangue.

Assim como a ambiguidade, nem sempre o pleonasma constituirá um defeito de redação. A linguagem literária e, atualmente, a linguagem publicitária utilizam-se do pleonasma com fins estilísticos, procurando conferir originalidade às mensagens. Nesse caso, o pleonasma não deve ser considerado um defeito, mas uma qualidade, como nos exemplos:

"E rir meu riso e derramar meu pranto..." (Vinícius de Moraes)

"A mim, ensinou-me tudo." (Fernando Pessoa)

Eco

Eco consiste na utilização de palavras terminadas pelo mesmo som.

Exemplo:

A decisão da eleição não causou comoção na população.

O aluno repetente mente alegremente.

Qualquer que seja a sua proposta de redação será avaliada a sua capacidade de pensar por escrito, ou seja, de relacionar ideias e expressá-las na escrita.

Obviamente, isso vale para todo e qualquer contexto: seja na vida acadêmica, seja na vida profissional. Nesse sentido, procure fugir ao máximo, dos defeitos do texto. Afinal de contas, você quer ser que tipo de profissional?

MELHORANDO O TEXTO

Agora que você conhece os passos para escrever um texto com certa segurança, apresentamos, a seguir, algumas recomendações que ajudarão a melhorar a redação. Lembre-se sempre de que escrever exige paciência e um trabalho contínuo com a palavra. Quanto mais você ler, mais fácil se tornará seu relacionamento com a escrita.(VIANA, Antonio Carlos (Coord.), 1998, 103-105)

Além da atenção aos defeitos de um texto, convém trazer para vocês algumas recomendações para que suas produções.

A FRASE

- Escreva sempre frases curtas, que não ultrapassem duas ou três linhas, mas também não caia no posto, escrevendo frases curtas demais.

- Seu texto pode ficar cansativo.

- Uma frase de boa extensão evita que se perca. Seja objetivo ou seu texto pode ficar cansativo.

Veja esse exemplo:

A crise de abastecimento de álcool não é apenas resultado da incompatibilidade e irresponsabilidade das agências governamentais que deveriam tratar do assunto, pois ela também foi causada por outro vício de origem que foi no primeiro caso os organismos do governo encarregados de gerir os destinos do Proálcool que foram pouco a pouco sendo apropriados pelos

setores que eles deveriam controlar, se transformando em instrumentos de poder desses mesmos setores que através deles passaram a se apropriar de rendas que não lhes pertenciam.

Quando chegamos ao final da frase, não lembramos o que estava no início.

O que fazer?

Antes de tudo, ver quantas ideias existem, então, separá-las.

Vamos ver como fica?

A crise no abastecimento do álcool não resulta apenas da incompetência e da irresponsabilidade do governo. Ela é também causada por certos vícios que rondam o poder. Os órgãos responsáveis pelo destino do Proálcool se eximem de controlá-lo com rigor. Disso resulta uma situação estranha: os órgãos do governo passam a ser dominados justamente pelos setores que deveriam controlar. Transformam-se assim em instrumentos de poder de usineiros que se apropriam do Erário.

Antes o que era apenas uma frase formando um parágrafo, agora é um parágrafo, constituído de frases. A terceira recomendação é em relação à fragmentação, pois a frase fragmentada é um erro muito comum nas redações. Nunca interrompa seu pensamento antes de pronomes relativos, gerúndios e conjunções subordinativas.

Veja os exemplos:

Errado	Certo
O carro ficara estacionado no shopping. Onde tínhamos ido fazer compras.	O carro ficara estacionado no shopping onde tínhamos ido fazer compras.
O Detran tem aumentado sua receita. Multando carros sem critérios.	O Detran tem aumentado sua receita, multando carros sem nenhum critério.
Ela tem lutado para manter o status. Uma vez que perdeu quase toda a fortuna.	Ela tem lutado para manter o status, uma vez que perdeu quase toda fortuna.

A quarta recomendação é o emprego do pronome ONDE, Vejamos sua aplicação.

Atenção para o emprego de **onde**. Só deve ser usado quando se referir a lugar.

O país onde nasci fica muito distante.

Nos demais casos, use em que.

São muito convincentes os argumentos em que você se baseia.

Não use **onde** para se referir a datas.

Isto aconteceu nos anos 70, onde houve uma verdadeira revolução de costumes.

Melhor dizer:

Isto aconteceu nos anos 70, quando houve uma verdadeira revolução de costumes.

A conjunção **pois**. É a quinta recomendação. Cuidado com ela!

Não use **POIS** assim que começar um texto.

Pois é uma conjunção explicativa ou conclusiva, e ninguém deve explicar ou concluir nada logo no primeiro parágrafo.

As explicações só aparecem quando seu processo argumentativo está em andamento.

- Lembre que, no primeiro parágrafo, é necessário situar o problema.
- É preciso cuidar também da sonoridade da frase.

Ecos, aliterações, assonâncias devem ser evitados.

Veja:

Exemplo

Não se realizará mais amanhã a caminhada divulgada nos jornais.

Melhor dizer:

Não se realizará mais amanhã a caminhada que os jornais divulgaram ontem.

Outra recomendação diz respeito ao uso dos adjetivos

Devemos fazer uso de adjetivos certos na medida certa. O emprego indiscriminado de adjetivos pode prejudicar as melhores ideias.

Outro mau uso do adjetivo ocorre quando empregado intempestivamente, como se o autor quisesse "embelezar" o texto. O que, ele consegue, no mínimo, é confundir o leitor.

Veja:

• Diante do mundo incomensurável, ingônimo e desmedido que nos cerca, o homem se sente minúsculo, limitado, inepto, incapaz de compreender o menor movimento das coisas singulares, magnéticas e imprevisíveis com que se depara em seu cotidiano impregnado e assoberbado de interrogações.

Para que dizer "um vendaval catastrófico destruiu São Paulo", quando vendaval já traz implícito a ideia de catástrofe?

- Entendeu?

- Nem eu.

O adjetivo pode ser empregado, sim, mas quando traz uma informação necessária ao fato ou à notícia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que com esse material vocês fiquem mais propensos à leitura, para poderem ampliar ainda mais todo o conhecimento adquirido através da disciplina Linguagens e Produção de Texto e, com isso, atingirem o objetivo principal desse curso que é a proficiência em leitura e produção de textos orais e escritos.

Nesse ínterim, espero que todo o material compilado neste módulo tenha sido de grande valia para vocês. Contudo, reforço que o sucesso de vocês está muito perto, somente basta o estudo diário para ele ser atingido.

SUCESSO!

3 REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em Construção: A Escrita do Texto**. 2. ed. rev. E ampl. São Paulo: Moderna, 2001.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Produção de textos & usos da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais como práticas sócio-históricas. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucena, p, 19-23 2003.
- FERREIRA, Marina; PELLEGRINI, Tânia. **Redação, palavra e arte**. São Paulo: Atual, 1999.
- GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna: aprender e escrever, aprendendo a pensar**. 17 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Ed objetiva
- INFANTE, Ulisses. **Textos: Leituras e Escritas: Literatura, língua e redação**. 1 ed. vol 1. São Paulo: Scipione, 2000.
- MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação Escrita: a moderna prática de redação**. São Paulo: Atlas, 1988.
- NICOLA, José; TERRA, Ernani. **Curso prático de Língua, Literatura & Redação**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- NICOLA, José; TERRA, Ernani. **Práticas de Linguagem: Leitura & Produção de Textos**. 1 ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- NICOLA, José; TERRA, Ernani. **Gramática, literatura e produção de texto para o ensino médio: curso completo**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2002.
- PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, **Minigramática**. São Paulo: FTD, 1997.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIANA, Antonio Carlos (coord). **Roteiro de redação: lendo e argumentando**. 1 ed. São Paulo: Scipione, 1998.
- DOCUMENTO ELETRÔNICO.**
- A comunicação verbal e não-verbal. Disponível em: <http://www.salves.com.br/virtua/comverb-verb.html>. Acessado em: 06 abr. 2010.

MUNIZ, Jorge Luiz. Linguagens e Comunicação. Disponível em: <http://jorgeluizead.blogspot.com/>. Acessado em: 06 abr. 2010.

Vocabulário. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vocabul%C3%A1rio>. Acessado em: 07 abr. 2010

LANDARIN, Noely. Texto Dissertativo / Argumentativo. Disponível em: <http://www.google.com/notebook/public> . Acessado em: 12 abr. 2010.

CUNEGUNDES, Eraldo. Tipologia Textual. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/redacao/tipologia-textual.html>. Acessado em: 12 abr. 2010.

Aulas de Português - Narração objetiva X Narração subjetiva. Disponível em: <http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/narracao-objetiva-x-narracao-subjetiva> . Acessado em 13 abr. 2010.

Descrição Objetiva e Descrição Subjetiva. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/raul-pompeia/raul-pompeia-3.php> Acessado em: 12 abr. 2010.

Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/>>. Acessado em: 13 abr. 2010.

CHAPLIN, Charles. O último discurso de um grande imperador Disponível em: <<http://www.pensador.info>>. Acessado em: 13 abr. 2010.

Revisão Geral. Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/revisaogeral/2009/07/27/dicas-de-portugues/evisao>. Acessado em: 13 abr. 2010.

Palavras e expressões que apresentam mais dúvidas em nosso dia-a-dia. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/duv-a-c.htm>. Acessado em: 13 abr. 2010.

História em quadrinhos no Brasil. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/História_em_quadrinhos_no_Brasil. Acessado em: 13 abr. 2010.

Charge. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Charge>. Acessado em: 13 abr. 2010.

Quem num tem emelho ximba! Disponível em: <http://zamorim.com/textos/emelho.html>. Acessado em: 14 abr. 2010.

RAMPAZZO, Fabiano. O internetês na escola. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11685>. Acessado em: 14 abr. 2010.

LANDARIN, Noely. Coesão e Coerência. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/redacao/coesao-e-coerencia.html>. Acessado em: 14 abr. 2010.

WEG, Rosana Morais. Pronomes Demonstrativos. Disponível em: http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=9412. Acessado em: 14 abr. 2010.

Pronome Relativo. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/gramatica/pronome-relativo.htm>. Acessado em: 14 abr. 2010.

Conjunção. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/morfologia/conjuncao.php>. Acessado em: 15 abr. 2010.

GEHRINGER, Max. As duas Pulgas. Disponível em: <http://www.dejovu.com/mensagens/ver/?531>. Acessado em: 16 abr. 2010.

Fatores de coerência. Disponível em: Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/resenhas/1872765>. Acessado em: 16 abr. 2010.

A vírgula. Disponível em: <http://blog.reginavolpato.com.br/2008/07/09/a-virgula-abi>. Acessado em: 16 abr. 2010.

Emprego dos sinais de pontuação. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/palestras/lingua-portuguesa/sinais.html>. Acessado em: 16 abr. 2010.

Manual de Redação da Presidência da República. 2 ed. Revista e atualizada: Brasília. 2002.<
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm>. Acessado em: 16 abr. 2010.

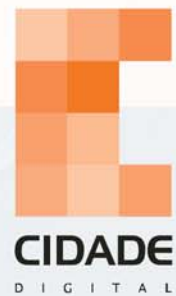
Rede FTC

Faculdade de Tecnologia e Ciências

Faculdade da Cidade do Salvador

www.ftc.br

www.faculdedadacidade.edu.br



R E D E



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

www.ftc.br

www.faculdadedacidade.edu.br